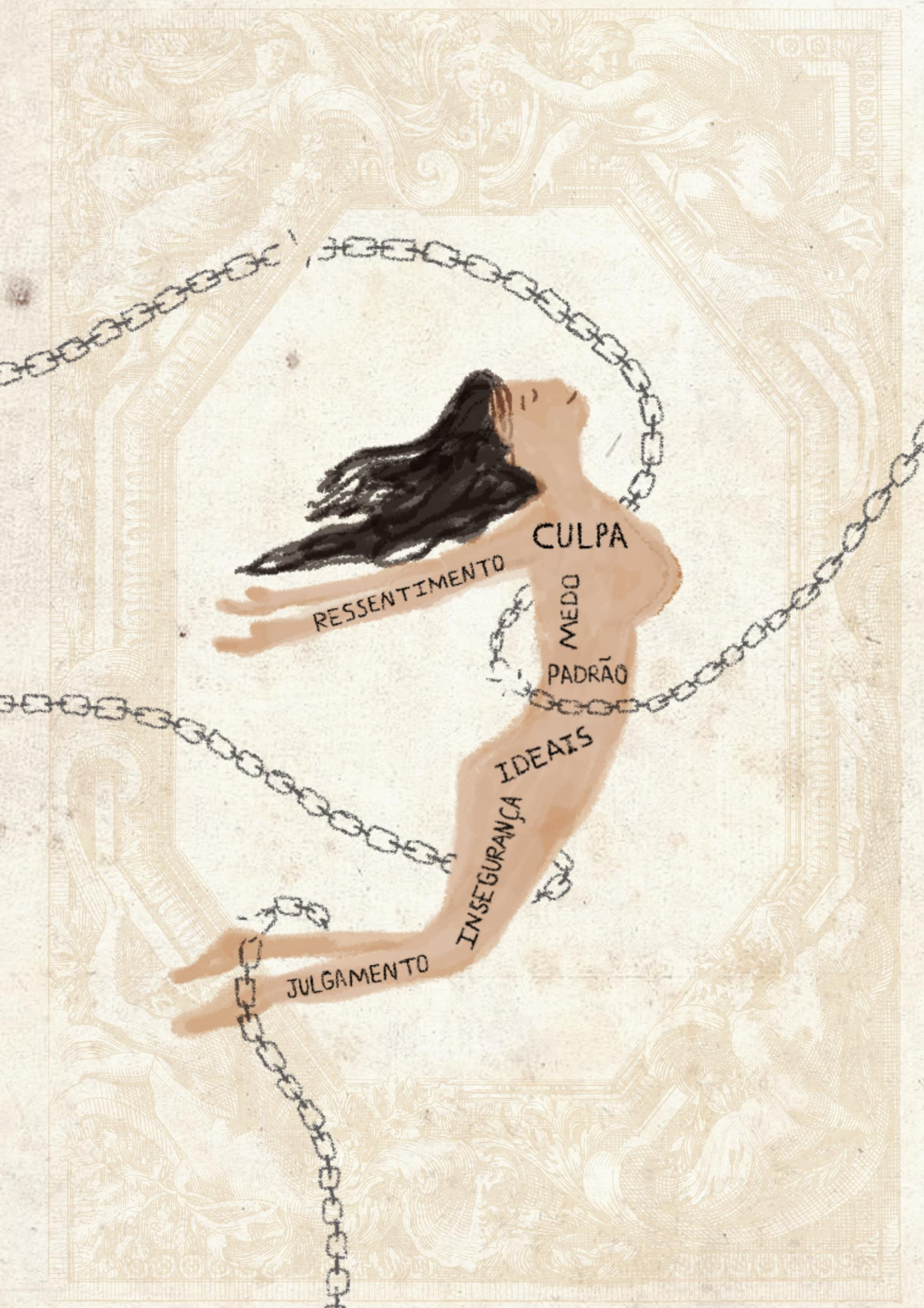




CULPA

RESSENTIMENTO

MEDO

PADRÃO

INSEGURANÇA
IDEAIS

JULGAMENTO



**PODER EXECUTIVO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Camila Barreto Cavalcante

MATERNIDADES EDUCADAS: Instagram, Moral e Resistências

São Cristóvão/SE

2024

CAMILA BARRETO CAVALCANTE

MATERNIDADES EDUCADAS: Instagram, Moral e Resistências

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Dinamara Garcia Feldens.

São Cristóvão

2024

CAMILA BARRETO CAVALCANTE

MATERNIDADES EDUCADAS: Instagram, Moral e Resistências

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do título de mestre em Educação.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Dinamara Garcia Feldens (orientadora)
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dra. Acassia dos Anjos Santos Rosa

Prof. Dra. Giceli Carvalho Batista Formiga

São Cristóvão/SE

2024

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

C376m Cavalcante, Camila Barreto
Maternidades educadas : instagram, moral e resistências /
Camila Barreto Cavalcante ; orientadora Dinamara Garcia
Feldens. – São Cristóvão, SE, 2024.
94 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal
de Sergipe, 2024.

1. Educação – Aspectos sociológicos. 2. Maternidade. 3.
Instagram (Rede social on-line). 4. Mães – Redes sociais. 5. Ética.
6. Narrativas digitais. I. Feldens, Dinamara Garcia, orient. II. Título.

CDU 37.013.78:004.738.5

Aos que foram, que virão e que estão, aos que não estiveram. Aos mais velhos e mais novos. Àqueles que chamo de família. A Chico e Nina, pelas inspirações desafiadoras, inquietantes, encantantes. A Davi, por segurar nas alças, nas mãos e acompanhar os passos. Aos meus Guias e Encantarias.

MANIFESTOS DO CONTENTE¹

Manifesto é uma declaração trazida a público para fins diversos. Mas o meu desejo de estado contente é de comunicar o quanto isso aqui só foi possível porque nunca estive sozinha. Agradecida estou por todos, todas, todes que encontrei no caminho e aos que iniciaram comigo.

Davi, parceiro de vida, lembro-me do dia que compartilhei com você sobre a abertura do edital para o mestrado, você me indicando as possibilidades da linha de pesquisa e eu nem me atentei a elas, mas ao nome dos orientadores. O meu corpo vibra só de pensar em tudo experimentado nesses dois anos. Nossa! Ufaaa... não acabou... Já tenho outros projetos e, saber que nos movimentamos em sincronismos outros é mais uma força para continuar nessas travessias.

Assim, cheguei a Dinamara, que viagem, Dina - minha querida -, tão caótica, mas tão deliciosa, nem precisa entender nada disso, não é? Você não veio sozinha, que grupo potente, sou grata por demais, pelas irmãs que a sua vida me apresentou. Sentindo-me como uma pipa, uma linha que tinha espaços para os seus emaranhados e acontecimentos. Agradecida estou por toda a conexão, e que continuemos nesses encontros de afetos, entre águas, terra, fogo e ar.

No corredor da didática do PPGED, encontrei-me com as Julianas, uma permanece nas lembranças das primeiras disciplinas cursadas. E a Juh, nossa Juh, mulher que chega com toda a energia de sorriso e que faz os melhores vilarejos; amiga, como amo o nosso caminhar! Você me escuta, me abraça com toda a “giganteza” do seu ser. Tomar café contigo e parir ao seu lado, que processo acolhedor. Estou aqui e lhe vejo, posso contar, inclusive, quantas escadas descemos e subimos, quantas aulas compartilhamos. Nossas conversações e partilhas, pastéis e sucos e caldo de cana na praça do Rosa. Um brinde aos nossos modos de fazer amizades e coletivizar a vida. Vamos continuar, aqui é só o começo! Por mais banhos de rio e mar.

Mana Débora, minha irmã, protegida e guiada pelos seres mais encantados da natureza, eu amo o cheiro dos seus óleos, o seu abraço leve e aconchegante, seu modo de me validar quando estou em meio aos barulhos. Mana, o que você carrega contigo é tão potente, você nem imagina. Amo ouvir a suas histórias e os seus pitacos esclarecedores e pensantes na minha vida. Eu quero partilhar mais caminhos ao seu lado. Vamos juntas? Por mais banhos de rio e mar.²

Aos meus amados e amadas, companheiros, e que chegam com os melhores abraços: Cheila, Charlene, Lore, Kelly Caldas, Robert e Carle - existo e vivo, cheguei até aqui e as nossas

¹ Chamo de Manifestos e alguns podem nomear de Agradecimentos.

² Os banhos de rio com a nossa Orientadora. Lá, nos abastecemos.

batalhas em comum foram ferramentas para que este corpo insurgisse e se protegesse. Saúdo a vida de cada um!

Falei de amores, amigos, parcerias, mas estava reservando esse espaço para eles, os meus mais velhos e mais novos, por onde tudo isso começou. Eita, que agora me peguei a pensar... sou a primeira pessoa da família a falar e vivenciar esta experiência acadêmica. Quero agradecer pela existência e pelo chegar junto de cada um, mesmo sem saber ao certo para que serve tudo isso que tenho me dedicado a fazer. Voinho e voinha, mesmo cansados, nunca deixaram os meus filhos sem abraços e acolhimentos. Minhas primas e comadres, que maternaram Chico e Nina, por diversas vezes. Minhas tias, dedico a vocês cada conquista. A meu pai, um salve a sua vida, e que oportunidade imensa! Há tempo e há vida para nós. Eu sou coração aberto de alegria e amor, puro festejar por ter todos vocês. Agradecida e contente!

“Ela me tomava pelos braços, me colocava debaixo das águas frias, das quatro e trinta da matina e, ao pentear os meus cabelos, dizia sobre o quanto valia a pena viver. Seu corpo me dizia, seu sorriso me sacudia. Assim, cheguei até aqui, e chegarei até lá e acolá. Vale viver e acreditar”.

(Lembranças da minha mãe, 2019)

CAVALCANTE, Camila Barreto. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação). – Programa de Pós-Graduação e Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

RESUMO

Esta dissertação é criada das inquietações maternas da autora, que, ao adentrar no Mestrado em Educação, vinculado à Universidade Federal de Sergipe (UFS), na linha de pesquisa Sociedade, Subjetividades e Pensamento Educacional, sendo o gênero o seu objeto de estudo, tendo o Instagram como o campo de pesquisa, questionando como ocorre a pedagogização nesse espaço social. A proposta deste trabalho é perscrutar as narrativas maternas encontradas na rede social escolhida, com o foco na denúncia dos valores morais produzidos nesse campo. Denunciar aquilo que, possivelmente, aprisiona e que vigia tantas mulheres. É uma obra que traz páginas de mulheres mães, suas interações e postagens que foram tecidas nos conceitos de Nietzsche (1978 - 2017), em sua genealogia da moral. Além disso, utiliza como referência de conversação as escritas de Deleuze (1976 - 2020). Em alguns pontos, fez uso dos levantamentos de Foucault (1969-2014), como culpa, ressentimento, ideais ascéticos e má consciência. As escolhas dos perfis aconteceram, também, por meio do uso de algumas hashtags #maternidade #maternagem, #maeeacademia, #saudementalmaterna #maepossivel, a fim de especificar a abordagem para este trabalho. Nas escritas que se despedem desta pesquisa, a autora considera que as escritas sobre si das mulheres mães é um modo de fazer ciência, já que, entre elas ocorre a troca de modos de matinar e existir.

Palavras-chave: Maternidades Educadas; Discursos do Instagram; Moral.

ABSTRACT

This dissertation is the result of the author's maternal concerns, which when entering the Master's Degree in Education, linked to the Federal University of Sergipe (UFS), in the line of research Society, Subjectivities and Educational Thought, with gender as its object of study. She chose Instagram as her field of research, questioning how pedagogization occurs in this social space. The purpose of this work is to scrutinize the maternal narratives found in the chosen social network, focusing on the denunciation of the moral values produced in this field. To denounce what possibly imprisons and watches over so many women. A work that brings pages of women mothers, their interactions and posts that were woven into the categories inspired by Nietzsche (1978- 2017), with his genealogy of morals. In addition, it uses Deleuze's (1976 - 2020) writings as a reference for conversation, at some points, Foucault's (1969 - 2014) surveys were used, categories such as guilt, resentment, ascetic ideals, bad conscience. The choices of the profiles also happened through the use of some hashtags #maternidade #maternagem, #maeeacademia, #saudentalmaterna #maepossivel, in order to specify the approach for this work. In the writings that say goodbye to this research, the author considers that the writings about themselves of women mothers is a way of doing science.

Keywords: Maternity; Narratives; Instagram; Genealogy of Morals.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Enquanto escrevo: os seres brincantes.	13
Figura 2	Postagem da Madrugada.	33
Figura 3	Fibra Materna	38
Figura 4	Carga Pesada	39
Figura 5	Quem cuida de quem?	42
Figura 6	Eu tenho questionado cada “tem que”.	46
Figura 7	Aia, Ira (Narrativas)	48
Figura 8	Elas compartilham histórias.	48
Figura 9	O que pode este corpo?	50
Figura 10	Não há liberdade.	50
Figura 11	Confissões?	51
Figura 12	As ondas da contraconduta.	56
Figura 13	A culpa como adereço.	57
Figura 14	O que se repete.	60
Figura 15	Um basta a objetificação.	61
Figura 16	Às costas das mães.	66
Figura 17	A maternidade divina.	67
Figura 18	Salvadores.	67
Figura 19	O devir Mulher.	77
Figura 20	Onde nasce o cansaço.	78
Figura 21	Criador e Criaturas.	79
Figura 22	Colheitas?	80
Figura 23	Coletivo.	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
GPECS	Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura e Subjetividades
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1 INQUIETAÇÕES E ACONTECIMENTOS.....	12
2 ESCREVINHAÇÕES.....	24
2.1 Ferramentas.....	27
2.2 Escritoras de si.....	30
3 OS DESAFIOS DAS ESCRITORAS DIANTE DA MATERNIDADE HEGEMÔNICA.....	33
3.1 A violência sobre os corpos.....	35
3.2 As resistências criando outras maternagens.....	40
3.3 Os efeitos da moral na maternagem.....	43
4 ENTRE MOVIMENTOS E RESSENTIMENTOS	46
4.1 Achadouros: narrativas nascedouras de culpas	52
4.2 Ainda entre os achadouros: narrativas tecidas de ideais ascéticos e má consciência	64
5 ESCRIVIVÊNCIAS OUTRAS: A MULHER-MÃE, MATERNAGENS E EDUCAÇÃO	70
6 NÃO SE CONCLUI, PENSA-SE	77
7 ÀS MULHERES-MÃES DO INSTAGRAM	83
8 UMA CARTA PARA AQUELAS QUE FUI	87
DO QUE NÃO SE ENCERRA À PRÓXIMA LINHA - REGISTROS BIBLIOGRÁFICOS	89

1 INQUIETAÇÕES E ACONTECIMENTOS

Necessito falar de onde venho para que as linhas, as palavras e cada detalhe que compõe e assim é composto por esta dissertação possam alcançar o que busco e o que me busca nos movimentos desta escrita. Desse modo, apresento algumas movências de pesquisadora, leitora, encantada e encantadora do fazer ciência desestruturante. A proposta deste trabalho é perscrutar as narrativas maternas encontradas na rede social – *Instagram*³ – com foco na denúncia dos valores morais produzidos nesse campo.

Deixa eu me apresentar; Que eu acabei de chegar; Depois que me escutar;
Você vai lembrar meu nome[...] Eu vim pra te mostrar; A força que eu tenho
guardado; O peito “tá escancarado” E não tem medo, não, não tem medo [...]
(Amarelo, azul e branco – AnaVitória part. Rita Lee, 2020).

Denuncia-se aquilo que, possivelmente, me aprisiona e que violentou as minhas ancestrais, as mulheres, as netas, as filhas, irmãs, sobrinhas, primas, mães, esposas. Apresento-me agora nos primeiros parágrafos, porém não mais estarei como agora quando finalizar o rodapé da última página desta obra. Desse modo, seguirei entre costuras e o emaranhado de linhas, agulhas e tecidos, tecendo histórias, contadas por meio de um coletivo, escrevinhações.

Enquanto escrevo, tento me distanciar, por alguns segundos, de alguns “deveres do ser mãe” (ops, como distanciar?). Portanto, peço licença para antecipar algo por aqui. Alguns momentos contribuirão para os embaraços desses fios. No meio do caminho desse desejo de estar, apenas, me dedicando para a vida acadêmica, necessito de uma comunidade inteira para que ocorra o desenrolar desse, principalmente, ao que cabe (se é que cabe) no título de mãe, diante daquilo que se atribui a esse exercício do materno, sendo imposto, muito mais, aos cuidados da mulher.

Por isso, em parágrafos anteriores, cito corpos outros, quando me desloco à neta, à sobrinha, à esposa, à prima, deparo-me com um coletivo que se faz comigo nesse materno, possibilitando uma travessia de pausas e respiros mais “seguros”, por mais desconhecida que seja para eles/elas a realidade científica. Momento esse que escolhi traçar após os nascimentos de Francisco e Marina. Eles me trouxeram para essas águas. Desde o brincar de professora, inspirada nas minhas tias pedagogas, à atuação da profissional de Psicologia que ainda brinca, intensamente, além dos muros da escola. Assim se deu o interesse pela pesquisa em Educação.

³ Uma rede social criada em outubro de 2010.

Imagem 1 - Enquanto escrevo, os seres brincantes.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.⁴

O retorno para esse espaço acadêmico foi iniciado pelas infâncias, sendo conduzido pelo desejo de querer escrever e pesquisar sobre o que possibilitava ou não o existir delas nos espaços das escolas. Entretanto, foi no atravessamento do dever mãe, sentada à mesa da cozinha, entre goles amargos de uma escrita acadêmica, que me levei a pensar sobre os valores morais construídos acerca da mulher. O ponto colocado foi seguido de um respiro profundo. Todo o corpo doído carrega o peso do que é parido diariamente; o que pode esse corpo que escreve? Estar aqui e me movimentar, não só pelo que é narrado por mim, mas por todas as outras que me trouxeram.

Sobre possibilidades, percorro agora e demoro-me para que você, que realiza esta leitura, possa me sentir além do que se lê. Gosto de brincar com as palavras. Quando escrevo e em muitos momentos, precisarei reduzir a velocidade para não me movimentar tão rápido, de um modo que não me alcancem. Gosto desse ritmo e da ousadia, porém esse movimento é perigoso, como se estivesse num constante carnaval.

Sendo assim, como uma linha no tempo eu trago a menina de sete anos a qual ficava observando o vai e vem das mulheres que a cercavam. A mãe, a avó, as bisavós, elas corriam, funcionavam como máquinas britadeiras, em velocidade, forças e insistência de espaços. Minha mãe gritava e dizia que não seria igual à mãe dela, porém, finalizou seu percurso aos vinte e sete anos. No laudo médico, o diagnóstico registrava o tempo que não cuidou de si mesma. Cresci com essa inquietação: como faço para viver diferente?

Medo de não dar certo na vida - aliás, era o que outras mulheres as quais me cercavam alertavam: “você não tem a sua mãe, comporte-se, não erre, estude, case com seus estudos e

⁴ Enquanto pesquiso e escrevo, eles existem e fazem a diferença, crescem, inventam, vivem o ócio. O pai paterna.

sua autonomia...”. Outros fantasmas foram tomando espaços na minha vida. Era brincando que eu tentava me distanciar das cobranças e das vozes de vigilância.

Desse modo, cresci brincando entre fugas e desafios, porque não podia brincar de coisas de meninos e nem com meninos, era perigoso. Sentia, quando criança e na adolescência, os controles e as punições. Entre as falas soltas, fui criando outras. A escola era outro espaço de prisão, repetição e cobrança. Era nas brechas que eu conseguia estar nas manifestações culturais das aulas de Literatura, nos projetos de Redação, as conversas com a professora de Português com pautas mais interessantes, do que ficar sentada na cadeira da sala de aula.

Eu gostava de sonhar, das peças de teatro, das músicas e das danças, os movimentos sociais, as gargalhadas espontâneas. Com o tempo e a proximidade da adultez, além de sentar “decentemente - fechando as pernas -”, precisei escolher e decidir por uma profissão. Um dos períodos que mais senti medo foi o “é agora ou nunca, preciso ser aprovada.” A sensação de impotência com o resultado do vestibular foi apavorante. Não passei na instituição pública e acreditava no que aqueles seres, os ditos mestres da escola e da vida, diziam: “o diploma da universidade particular não tem valor”.

Escolhi um curso que acreditava ser um caminho de inquietações, de diferenças, de provocação. Estudar Psicologia foi uma experiência transbordante. Tive a oportunidade de conhecer diversas abordagens e atuações, fazer pesquisa e conhecer a academia, desmistificar a ideia de que a instituição particular não tinha seus valores. As práticas da pesquisa e de estágio continuaram me conectando à escola e às infâncias. Precisei estudar conceitos da Pedagogia. Transitei por teorias dos Afetos, mas não li nesse período sobre Espinoza, Wallon, e suas obras eram as fundamentações daquela época de estudante pesquisadora de campo.

Entre idas e vindas, após doze anos de Graduação e atuação no espaço escolar, sentia o desejo de retornar à Universidade, pesquisar e voltar a escrever com outras mulheres. Logo que me formei, em 2011.2, tentei o Mestrado para Psicologia na Universidade Federal de Sergipe (UFS), não passei, guardei essa vontade no bolso e, mais uma vez, outras vozes: “agora é hora de trabalhar”.

Segui o ritmo do trabalho e a necessidade falava mais alto, naquele momento. O desejo da independência financeira e as dificuldades foram os motivadores para percorrer outros caminhos de existência e resistência. Fiz especialização, mas a sensação é que faltava algo. Doze anos depois, vivenciando realidades diversas nas escolas, comecei a me deparar com conceitos de potência, criatividade e afetos - não mais para Wallon.

Assim, realizei outras leituras e bebi de fontes como Espinoza. Inspirada em Loris Malaguzzi e Manoel de Barros, arrisquei-me a concorrer o Mestrado em Educação pela UFS e

optei pela linha de pesquisa da filosofia da diferença. Vou desacelerar com um sorriso alto. A ousadia de escrever um projeto em três dias para uma orientadora que não trabalhava com esses autores ainda mexe comigo. Só fui! Hoje escrevo essa dissertação e não estou sozinha. Conto com mulheres aguerridas e uma orientadora que anda comigo sendo inspiração para a vida.

Voltemos para a temática da maternidade. Você pode estar se perguntando: “como assim?” Mulher, mãe, Instagram... Nietzsche, Deleuze? A linha de pesquisa que estou vinculada é Sociedade, Subjetividades e Pensamento Educacional. Nesse caminhar de dois anos, desde as primeiras disciplinas, grupo de estudo e partilhas com as “mana” que esses caminhos me apresentaram, fui sentindo os atravessamentos dos desafios de retornar ao espaço de ensino como discente, principalmente, executando as divisões entre as tarefas do maternar.

Entre leituras, intervalos, estudos na biblioteca, cafezinhos, reuniões on-line, o coletivo de mulheres sendo movências de escutas e diálogos, inquietei-me a sentir as sensações daquela menina de sete anos apresentada nas linhas que antecederam esse momento, o maternar. Sendo mexida e remexida pelas vivências como pesquisadora, estudante e mãe, decidi escrever e buscar outras mulheres mães.

Portanto, esta obra vai percorrer as entranhas, desenhar no papel, com a ponta do lápis, o que está escrito na pele. Narrativas, acredito que elas ocorrem em diversos espaços e territórios. O escolhido para este encontro foi o das redes sociais, especificamente, o *Instagram*.

O campo de pesquisa escolhido tem me atravessado, principalmente, desde dois mil e dezenove. Com a descoberta da segunda gestação, deparei-me com a mercantilização das informações a respeito da maternidade, mas, também, encontrei neste espaço informações e movimentos que fortaleceram o que havia de potencial por aqui – em mim, mulher. Após o nascimento da minha filha e o enfrentamento de um período pandêmico, o espaço já utilizado, a rede social, passou a ser visitada de modo mais intenso.

Por isso, o campo desta pesquisa é o *Instagram*. De acordo com D’Angelo (2023):

O Instagram é uma rede social com mais de dois bilhões de usuários ativos e que segue crescendo. Somente no Brasil, são aproximadamente 99 milhões de pessoas que usam o aplicativo todos os dias. Com um ampliamto contínuo em novos recursos e tanto e tanto investimento no Instagram, a rede já é uma das mais populares em números de usuários no mundo” (D’Angelo, 2023, p.1).

Os momentos de leituras e de visitação às páginas sociais eram noturnos, em sua maioria, já que, na solidude durante o amamentar, a garrafa de água e o telefone eram as companhias atentas, sempre disponíveis. Entre conversas comigo mesma no *WhatsApp* – palavras que “pariam” poesias e contos – a pausa, uma olhada nos endereços de “mães

influenciadoras²⁷. Movimento esse que provocava inquietações, os modelos de mulheres mães que não me representavam, eu era afetada por fotos e discursos que ressoavam o distanciamento daquilo que eu experimentava como mulher e mãe. Desse modo, visitando uma página, fui me conectando a outras, por meio dos comentários, marcações e citações, foi uma estratégia de me aproximar de outras histórias, de narrativas que anunciavam pluralidades e modos outros de existir e fazer materno.

Sendo assim, o percurso traçado nesta obra será inspirado na genealogia nietzscheana⁵. A escrita produzida a fagulhas inspiradoras genealógicas é nascedoura de uma metodologia de interpretação, um procedimento ou uma explicação, uma história enquanto relato, uma disciplina, uma modalidade de conhecimento histórico. Enquanto metodologia, a genealogia pode ser considerada em tese, quando estabelece princípios e métodos de interpretação, os quais se encontram, por exemplo, no Prólogo da Genealogia da moral de forma concentrada e de modo difuso ao longo de toda a obra; e pode ser considerada em uso, quando da aplicação daqueles princípios e métodos na prática, referidos a um objeto determinado, que pode ser mais amplo, como a moral, ou mais restrito, a exemplo do castigo (Nietzsche, 2017).

Mas a genealogia é também uma filosofia da história, uma concepção filosófica específica a qual admite que há, na história, um sentido, distinto daquele que a tradição concebeu, mas que é ainda um sentido, uma direção. Os aspectos metodológico e propriamente filosófico da genealogia se relacionam de modo a haver uma circularidade entre o método de pesquisa da história e a história que é conhecida por este método (Nietzsche, 2017).

Num movimento de escrevinhação, acompanhei as narrativas maternas encontradas na rede social – *Instagram* –, percebendo como essas atravessam as subjetividades das mulheres mães acerca da maternagem no território escolhido como campo de pesquisa. Contudo, faço uma costura com os principais temas ligados à maternagem que circulam no Instagram, trazendo questionamentos. Que desafios são enfrentados por essas mães, por meio dos comentários e relatos publicados e compartilhados? Quais os processos de aprendizagens que ocorrem entre o dever ser e o devir mãe? Perguntas outras ecoantes nas idas a este espaço.

⁵A criação do procedimento genealógico, no pensamento nietzscheano, foi uma forma de conseguir unir a filosofia e a história sem cair em teleologias ou em um puro arquivamento de dados históricos. Nas tentativas de Nietzsche, tudo começou com a criação da distinção entre História, Filosofia da história e Filosofia histórica. Para uma genealogia nietzscheana ser feita, é necessário perceber que não se trata de encontrar aquilo que é útil à comunidade ou aquilo que é “teleologicamente favorável à espécie”. Se trata de entender que a utilidade está a serviço da vontade de potência e que, sendo assim, o “útil genealógico” é aquilo que permite que a potência se estenda indefinidamente, que os modos de existência que se impõem aos indivíduos são como são porque é somente desta forma que é possível avaliar o mundo e a si próprio, em função daquilo que pode estender a potência (Binoche, 2014).

A maternidade é apresentada nas redes sociais de forma plural, o que é possível encontrar diversos sentidos tanto semelhantes quanto contraditórios a respeito do ser mãe. Desse modo, ocorrem, nesse espaço midiático, discursos e postagens que reverberam a romantização e a exaltação da maternidade (sentimentos voltados para a realização e felicidade que são “só experienciadas por quem é mãe”), de um outro lado, o que se chama de “real”, trazendo uma problematização para essa idealização do “ser mãe”.

Nesse movimento, são percebidos apontamentos de pensamentos sociais/históricos, páginas de mulheres que reivindicam um debate e conteúdo que apresentem as dificuldades, os atravessamentos e toda a ambivalência experimentada pelas diversas maternidades e maternagens. Serão nesses entrepontos que brotarão as experiências dos encontros dessas personagens com as narradoras desta obra, escrevo eu e escrevemos “nós outras” - o coletivo.

As conversas nessas redes também permitem identificar as narrativas rituais construídas por meio de elementos simbólicos (corporais, orais ou não orais) que são marcados pela repetição e intenção retórica e estão presentes nas memórias de todas as culturas e de seus integrantes. As mídias sociais como parte da cultura contemporânea podem ser consideradas, também, um espaço, cada vez mais expressivo, de uma pedagogização. Nesse sentido, a proposta de utilizar as páginas do *Instagram* para recortes de mães pode nos possibilitar uma perspectiva de resistência ao discurso romântico, bem como, para a conformação com o discurso hegemônico (Nassar, Farias, 2018).

O território digital do *Instagram* possibilita a interação de mulheres mães, espaço esse que há aprendizagens, experiências e vivências compartilhadas. Lugar de produções do “dever ser”, já que, nessas relações, muitos conceitos morais⁶ são perpetuados e reforçados. Possui como características a não organização, a não sistematização dos conhecimentos, pois estes são transmitidos por meio da prática, pautados em experiências passadas e repletas de emoção e sentimentos (Ghon, 2014).

Ressalta-se, assim, que os estudos maternos são enfatizados por algumas autoras de referência, como Andrea O'Reilly, que demarca um território de estudos específicos, o qual

⁶ Utilizarei os conceitos de moral de Friedrich Nietzsche, na qual ele realiza uma genealogia dos conceitos morais predominantes em sua época. Nietzsche aborda a moralidade, não como algo absoluto e transcendental, mas como algo que tem raízes na história e na evolução da sociedade. Sendo estes alguns dos principais conceitos morais de Nietzsche na obra: *Moral dos Senhores e dos Escravos*, *Ressentimento e Má Consciência*, *Transvaloração dos Valores*, *Vontade de Poder*, *Além do Bem e do Mal* (Nietzsche, 2009). Trabalhando especificamente com os conceitos: culpa, ressentimento, ideais ascéticos, má consciência.

envolve a maternidade e a maternagem (Mendonça; Oliveira-Cruz, 2020, p.42). O termo maternidade está associado a questões biológicas, à capacidade reprodutiva e à relação de poder das mães para com as crianças, como uma condição própria da mulher (Mendonça; Oliveira-Cruz, 2020). Outro sentido atribuído é como instituição, tendo como base elementos simbólicos e culturais, como uma forma de poder do patriarcado sobre o feminino.

Dessa maneira, inquieto-me, penso o mundo a partir das fagulhas, dos acontecimentos, na construção a partir da diferença, da potência criativa, acreditando que isso ocorre de modo violento e radical. Será mesmo que isso pode acontecer nesse campo que pesquiso? Seguirei em busca de mulheres mães que subvertem os discursos hegemônicos sobre o maternar, na diferença, não como um modelo de dialética, já que, de acordo com Deleuze (2020), quando se representa, perde-se a potência e limita a diferença.

O senhor... mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão (Rosa, 2019, p. 24).

Trago Guimarães Rosa nessa escrita sobre as diferenças, pois para Deleuze, são movimentos que desnudam o fora mais dentro do que o próprio dentro para Deleuze (2020), um pensamento que duplica ao infinito, pensar na ponta do pensamento. Sigo resistindo para existir, junto a outras mulheres mães, nas narrativas de fazeres que desviam e subvertem aquilo imposto, dos repertórios construídos pelo patriarcado e em nome de Deus, fazendo fissuras, ocupando lugares e nos permitindo existir nas pluralidades de um fazer.

Aqui, pretendo costurar sobre o devir, mas leia-se: um devir, ele não é algo que se define. O devir diz respeito ao movimento da produção de diferença, que estende outros rumos para a vida, e não se reduz às concepções de reação, de contraposição e de negação. Quando nos propomos a pensar o problema do devir que atravessa o pensamento de Deleuze e Guattari (2012), não se trata de buscar um conceito que se coloque como princípio explicativo.

Agora é com você, que chegou até aqui. Após a leitura, conhece o campo do *Instagram*? O que ocorre entre as mulheres mães que constroem seus perfis e suas páginas de interação? O que se imita e/ou diferencia? Como chegamos a ser o que a gente é?

De acordo com O'Reilly (2016), até hoje, a maternidade continua sendo o “elefante branco na sala do feminismo acadêmico”. Como não falar sobre maternidades e maternagens se todos nascemos de alguém? Baseada nos estudos da autora sobre o feminismo matricêntrico, ela afirma que, apesar de configurar um fator estruturante da dominação masculina, existe uma discrepância elevada entre o alto impacto da maternidade na vida das mulheres e sua baixa representatividade nos estudos feministas.

Mais recentemente, na primeira metade do século XX, o modelo de “mulher moderna” atenuou a figura feminina de sua obrigatoriedade reprodutora, mas ainda associa o feminino aos modelos de boa mãe, socialmente exigidos e perpetuados ao longo dos anos. É, nesse propósito, um exemplo interessante de debate na esfera da desigualdade de gênero que “muda sem mudar” (Mendonça; Oliveira-Cruz, 2020).

É possível perceber o quanto as redes sociais permitem relações nesses ambientes que viabilizam a troca de experiências com outras mulheres e mães, criando, assim, uma rede de apoio conectada à banda larga, onde elas podem expor situações cotidianas, compartilhar dificuldades e sentimentos associados ao exercício da maternagem. É muito interessante explorar as formas pelas quais as diferentes situações maternas que são expostas na rede integram ações dessas mães que, ao mesmo tempo em que se apropriam, negociam ou resistem aos valores dominantes, como também constroem seus perfis particulares para a vida on-line. No momento em que os usuários da rede assumem um papel e um personagem (persona)⁷, através do desejado ser espelhado o que almejam, criam uma identidade para navegar na internet.

Sendo assim, é possível a analogia da atuação em um palco virtual interativo. Sibilia (2008) critica fazendo uma relação da necessidade existente do persona em ser um grande espetáculo de acordo com as expectativas da audiência formada pelos demais membros da rede. A pessoa constrói para a internet uma identidade virtual que pode ser irrealizável fora da rede, ou trazer atributos que valorizam a vida cotidiana.

Vivenciando os movimentos da maternagem, falo de um lugar de experiência, que causa sensação de violência, pois a moral que me atravessa na rede social, causa dor. Sim, é dor, como se meus poros fossem sempre mais abertos e suscetíveis à excreção de lágrimas e sangue. Enquanto escrevo e me deparo com o gozo experimentado pelo gestar a cria que escolhi parir, os deveres instituídos pela maternidade filha do patriarcal me atravessam.

Nesse ziguezaguear das relações, dos encontros e desencontros do ser mulher mãe, volto para o lugar do “corpo-casa”⁵, o que me pariu e não me amamentou porque lhe foi capturado o tempo de contato com a cria, os cuidados emocionais. Logo precisou voltar ao mercado de trabalho para que não vivesse a escassez, há exatos trinta e cinco anos. O que ainda é possível notar nos cenários do período que escrevo são as mesmas camisas de força, mas posso falar sobre o que aprendi com a minha mãe, a potencialidade dos nossos corpos. Mudar, negar,

⁷ Persona é o nome dado à máscara usada pelos atores no teatro grego para identificar o personagem interpretado, sendo uma peça de vital importância para o desempenho do artista.

rasgar, revirar, costurar, desconstruir, separar e unir, experimentar, cuidar e descuidar. Uma movência desafiadora, costurar fora dos pontos, sair das linhas, lavar as roupas por modos outros, não cozinhar com a finalidade de sobrevivência e não balançar sozinha o Chico e a Nina que pari.

Parei no parágrafo anterior deste dia vinte e sete de maio desse ano 2023, por um tempo de duas horas. Respirando como se estivesse com vontade de ganhar um abraço, mas depois sinto o que a sensação comunica, parece que tudo o que estou escrevendo por aqui não condiz com as estruturas tradicionais acadêmicas (uma escrita em primeira pessoa, trazendo relatos pessoais). Tomo de volta a ferramenta – notebook - que compõe também o meu corpo. Ultimamente, é como se estivéssemos fundidos, eu e a máquina que utilizo para desenvolver este trabalho.

A linha pulou uma casa. Retorno a dizer que o funcionamento de todos os meus sentidos e as conexões entre esses são sinalizadores dos resultados de uma escrita que redesenha uma trajetória pessoal. Um olhar para mim, aquela que conta as dificuldades enfrentadas pela minha experiência com o materno para quando se tem muito a viver além dela. Ao ir a mais, cito Nietzsche (2009):

Necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão: para isso é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado (Nietzsche, 2009, p. 6).

Sobre moral, é possível utilizar a arte como protesto, músicas que são ferramentas de perfurações dessas mulheres: “Triste, louca ou má, será qualificada ela, quem recusar, seguir receita tal, a receita cultural, do marido, da família, cuida, cuida da rotina...” (Strassacapa, 2016). Ju Strassacapa, ao escrever esse manifesto e cantá-lo num álbum do grupo musical de que faz parte, Francisco El Hombre, possivelmente, foi provocada por tudo o que ainda dilacera a alma e o corpo das mulheres, mesmo num período pós-moderno. A diferença entre o tempo da caça às bruxas aos de hoje é que o julgamento e a guilhotina não acontecem nas praças públicas, mas nas redes sociais, ou até mesmo em suas próprias casas, onde muitas mulheres seguem morrendo.

O *Instagram* é o espaço público onde acontece o julgamento, a exposição, em que esses conteúdos, na sua maioria das vezes, são baseados em valores que classificam as pessoas como boas e/ou más. Devido a essa escrita ser inspirada em Nietzsche, arrisco-me em pensar nas

possibilidades de perspectivas avaliativas que ocorrem diante do comportamento do cancelamento nas redes, já que não busco afirmar e/ou tomar como um ponto determinante.

Quando se estabelecem esses valores, isso ocorre de diferentes perspectivas que não se equivalem. É possível que um desses pontos seja mais valioso do que o outro no prosperar da humanidade.



E uma perambulação através de muitas morais, mais refinadas e mais grosseiras, que até agora dominaram sobre a terra ou ainda dominam, encontrei certos traços retornando juntos regularmente e ligados um ao outro, até que por fim, dois tipos fundamentais se denunciaram a mim, e ressaltou uma diferença fundamental. Há moral de senhores e há moral de escravos. (Nietzsche, 2016, p. 26).

Nietzsche propôs a "transvaloração de valores"⁸, questionando e reavaliando os valores tradicionais. Nas redes sociais, o cancelamento muitas vezes está ligado a uma forma de crítica cultural, desafiando normas e valores estabelecidos, embora também possa ser acompanhado por uma moralidade própria. “Não vejo ninguém que tenha ousado fazer uma crítica dos juízos de valores morais [...]. Até o momento ninguém examinou o valor da mais famosa das medicinas chamada moral [...] Esse é justamente nosso projeto” (Machado, 1999, p. 59).

O perspectivismo de Nietzsche destaca a ideia de que não há uma verdade objetiva, mas, sim, diferentes perspectivas. Nas redes sociais, as diferentes opiniões e visões de mundo muitas vezes entram em conflito, levando a debates e, em alguns casos, ao cancelamento daqueles que não seguem as opiniões predominantes.

Escreve-se, ainda, a respeito do ponto sobre a mulher mãe, nesta sociedade pós-moderna, sendo vista como geradora, responsável por gerar filhos saudáveis, numa educação não violenta, e se esta não consegue, “precisa se curar”. A mercantilização desses discursos nos territórios virtuais dita as formas de agir dessas mulheres. O que é mais impactante é o movimento acontecer entre nós, corpos coletivos.

Segundo D’Angelo (2023), O Brasil é o segundo país em número de usuários no *Instagram*, ficando atrás dos Estados Unidos. A frequência de uso do *Instagram* mudou pouco no último ano, com leve tendência para o uso mais frequente. É entre os mais jovens que o uso da rede é mais popular. De acordo com o público de 16 a 29 anos, 83% usam várias vezes ao dia ou deixam aberto o dia todo. Já na faixa de 30 a 49 anos, o percentual cai para 78%. A partir dos 50 anos, são 70% (D’Angelo, 2023).

⁸ Nietzsche desejava que as pessoas questionassem os valores morais impostos e se permitissem seguir seus desejos sem considerá-los pecaminosos ou piedosos. Ele via a castidade promovida pelo Cristianismo como uma contradição dos “valores naturais” (Machado, 1999).

É possível encontrar pesquisas de autoras brasileiras construídas em redes sociais, voltadas para a temática da maternidade e maternagem. Reforço nas próximas linhas o que me fez continuar vislumbrando esta obra feita a várias mãos, pés e corações.

Por dentro, penso eu, a questão é muito diferente; ela ainda tem muitos fantasmas a combater, muitos preconceitos a vencer. Na verdade, penso eu, ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar (Woolf, 2017, p. 17).

Assim, seguirei costurando as missangas, horas a fio, horas as pedras, o silêncio ou o barulho que elas fazem ao cair no chão (Couto, 2016). Vamos costurar, eu leitora e escritora de mim e de nós outras.

Portanto, como forma de sinalizar os caminhos deste trabalho, proporcionando para você, pessoa que lê, uma fluidez e encontro leve com a obra, apresento como ele se anuncia: as inquietações e os acontecimentos - a sessão chamada de modo clássico como introdução - , nesta primeira parte eu me apresento, trago conceitos, verso e converso sobre o que me trouxe a esses encontros e desencontros como pesquisadora; seguida pelas escrevinhações - de modo tradicional, pode ser chamada como o lugar metodológico, em que trago os objetivos, as ferramentas, os recursos, as páginas de mulheres mães que são inspirações, como converso com a genealogia que me atravessa.

As etapas seguem tecidas com o desafio das escritoras diante da maternidade hegemônica, o que violenta esses corpos, como elas fazem as resistências, os movimentos proporcionados pelas suas narrativas e texturas em conversação com os estudos que realizei incluindo Nietzsche, Deleuze. Desse modo, vou me despedindo deixando fios para capítulos de outros trabalhos, escrevendo cartas para essas mulheres que encontrei pelo percurso e para as Camilas que fui encontrando nesses caminhos do Mestrado em Educação.



2 ESCRIVINHAÇÕES

A vida pulsa e vai se movimentando, as escrevinhações nascem dos pensamentos, das experiências com o *Instagram*. Interessa-me as mulheres mães que percorrem e multiplicam conexões, linguagens, subjetividades e subjetivações. As escritas nasceram daquilo que perscruto nas narrativas maternas encontradas nessa rede, com foco na denúncia dos valores morais produzidos nesse campo.

Além disso, trago recortes de vivências maternas plurais, como elas interagem entre si. Questiono por cá: essas mulheres são afetadas pelos padrões construídos pelo patriarcado? Produzem transgressão por meio da educação cultural que ocorre entre essas trocas de conteúdos?

Desse modo, se alguém lhe questionar, ou se não ficou explícito, vou trazer de uma forma mais “estruturada”. O objetivo desta Dissertação é perscrutar as narrativas de mulheres-mães que utilizam a rede social *Instagram*. Assim, “especificando” - mas gosto de dizer: indo mais adiante -, a proposta é denunciar⁹ os valores morais produzidos neste espaço, trazer recortes das vivências dessas mulheres e os modos que interagem entre si, explorar e pensar, pensar mais uma vez, sobre os processos de educação e subjetivação que surgem e são construídos entre elas. Trazer as possibilidades de transgressões diante dos padrões construídos pelo patriarcado e os outros modos de fazer maternagem ainda embebidos pelos discursos hegemônicos.

Somos muitas e diversas. Necessitamos de teias, para que, nas brechas, possamos quebrar as correntes dos nossos corpos. Assim, a maternagem é sentida e experienciada nos nascimentos e mortificações de nós mesmas.

Isso porque, mesmo na pele branca que compõe as minhas camadas de mulher, que contam com outras aranhas para tecerem a teia do meu maternar, sou convidada a nadar, distanciando-me das margens dos julgamentos e das cobranças: do filho que adoeceu porque eu não tive tempo para um café da manhã “saudável”; da agenda do calendário de vacina a ser cumprido; das tarefas escolares do menino que reivindica afeto; do dente da menina que quebrou ao cair do braço do sofá da casa da avó, já que “a mãe é ausente e uma péssima mãe” – eles dizem, eles mesmos. Elas muitas vezes criticam, pois foram criadas para competir entre si.

⁹ Não é denunciar perfis, nem julgar as mulheres-mães e suas postagens. As postagens abertas e públicas foram trazidas como conversação e proposta de pensamento e reflexão.

As narrativas das mulheres-mães que me deparei nas primeiras visitas ao *Instagram* enquanto atravessava o puerpério, os discursos ditos verdadeiros sobre si, sendo expostos a outras mulheres, o modo de parir, a mercantilização do parto humanizado, as práticas do materno, a educação positiva e não violenta sendo discutida e vendida como algo “fácil” (passos de uma felicidade). De uma postagem, várias confissões, como prova de verdades, comparações entre elas e, ao mesmo tempo, uma cultura de cancelamento, quando as experiências diversas não são respeitadas, comentários outros que geram violências, frutos da moral.

Essas técnicas de dominação, como forma de controlar condutas, são presentes nas páginas que trazem discursos como este: “Nosso amor próprio deve estar presente em nossa vida, mas não deve determiná-la... Assista ao vídeo para entender tudo o que é necessário para sermos mulheres e mães integralmente felizes”¹⁰. Em seguida, é possível destacar, aqui, Simone de Beauvoir (2019), de que você não nasce mulher, torna-se mulher. A construção do gênero e a identidade feminina acontecem no social, não sendo uma característica biológica. Entretanto, em falas como essas das mulheres do *instagram*, deparo-me com valores morais e cristãos, destacando, por cá, essa passagem do prólogo de Nietzsche em sua obra *Genealogia da Moral* (2009).

Seria a moral dos ressentidos diante de tal cenário de associação do *Instagram* ao espaço público de exposição de vidas. É também nele que isso ocorre, de modo violento. Desse modo, aquela mulher-mãe que “erra”, que apresenta conduta, comentários, posicionamentos reprováveis aos valores “humanos demais humanos”¹¹, são retiradas do estado de poder, de referência, poder dado pelo próprio público que a elegeu como influenciadora materna.

Destaca-se que escrever sobre a maternagem requer uma percepção cuidadosa, como isso é refletido diretamente na relação de trabalho, seja doméstico/privado, associando o cuidado dos filhos às figuras femininas. Em contrapartida, essa ideia é questionada por algumas mulheres e não mais aceita como um definidor de identidade, caracterizando esse movimento como de emancipação feminina. A decisão de tornar-se mãe como sua própria escolha, o uso de contraceptivos, a negação do “instinto materno” – o qual era relacionado a uma condição biológica intrínseca à mulher – vincularam-se ao processo de independência da mulher no que diz respeito à concepção e à maternidade (Scavone, 2016).

¹⁰ Frase retirada da página de uma criadora de conteúdos, voltados para a criação de filhos, educação. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CpTmhQkMi0I/?igsh=NWZ2NmQ0YXRxMWh1> . Pesquisa realizada no dia 16 de janeiro de 2024.

¹¹ Nietzsche, 1878.

Pretendo explorar outro caminho de fundamentação epistemológica com esta Dissertação vinculada à Educação. Ciente das produções de discursos (e pesquisas) de caráter conservador, inspiro-me no pós-estruturalismo. Isto posto, volto-me para a produção filosófica de Friedrich Nietzsche (1844-1900), no distante século XIX, sobretudo, para o procedimento genealógico tal como ilustrado na obra “Genealogia da moral” (1998). Pensei nesse caminho com o objetivo de evitar certo criticismo político salvacionista, como também, com o desejo de evitar uma implicação dialética. Além disso, costurarei as narrativas coletadas das mulheres mães no *Instagram* com os conceitos Nietzscheano¹².

O método genealógico é uma ferramenta importante para o estudo da moral, pois permite rastrear a origem e a evolução dos princípios morais ao longo do tempo (Siqueira, 2014). Nietzsche usou a genealogia para estudar a moral:

A criação do procedimento genealógico, no pensamento nietzscheano, foi uma forma de conseguir unir a filosofia e a história sem cair em teleologias ou em um puro arquivamento de dados históricos. Nas tentativas de Nietzsche, tudo começou com a criação da distinção entre *História*, *Filosofia da história* e *Filosofia histórica* (Siqueira, 2014).

Portanto, utilizo-o como inspiração para compreender como as relações de maternagem se tornaram o que são hoje. É um movimento de questionamento, interrogando a moral e todos os costumes produzidos por meio da cultura de um povo (Moraes, 2018).

A crítica à “História” é de sua concretização como uma disciplina científica. Para Nietzsche, quando se exige que a História seja “verdadeira” e que se encaixe nos padrões do método científico, se retira toda a ligação com a vida que ela formou em seu caminho e a primeira consequência disso é que uma tal prática da história é inevitavelmente paralisante: nada permitindo mais selecionar entre os fatos verdadeiros àqueles que importam reter. O passado se torna o ilimitado sob o qual o presente se torna imerso (Moraes, 2018).

Dentre as possibilidades de um trabalho construído em inspirações genealógicas, está o de problematizar, complexificar as relações de poder pautadas na moral, permitindo compreensões mais profundas de como os princípios morais se desenvolveram e mudaram ao longo do tempo. Desse modo, convido-lhe a avançar para que possamos conhecer um pouco mais das ferramentas utilizadas por aqui¹³.

¹² Genealogia da Moral (1998).

¹³ Saliento que as relações de saber-poder, transvalorização e vontade de poder, serão conceitos retomados por aqui, sendo discutidos pelos autores e outras pesquisas afins, são conceitos intensificados na discussão dos trabalhos com o que foi coletado.

2.1 Ferramentas

Como chegamos a ser o que a gente é? Como essas práticas são reforçadas nesse espaço social? Essas inquietações são ferramentas que me auxiliam nas escrevinhações. Durante o caminho, fui percorrendo uma estrada, nada linear. Como um costurar, entre publicações e comentários, a cada visita em páginas como a de @elisamasantosc - Elisama Santos, escritor(a), especialista em Saúde Mental – PUCPR –, apresentadora Sac das emoções @gnt, autora Best Seller¹⁴. Os números de seguidores que a buscam para informações e “receitas” em forma de incentivos e inspiração para as suas vivências de maternagens não são critérios. Trago como fio condutor de escolhas de perfis, as próprias partilhas que mais provocaram interação social, como lugares que abordam as pluralidades desse universo, como também, aqueles outros endereços os quais os conteúdos estão imbricados à culpa, ao ressentimento, aos ideais ascéticos, má-consciência. Outro aspecto importante é o *network*¹⁵, o modo pelo qual essa rede é construída. As temáticas são abordadas conforme seus movimentos e vivências, fazendo uso de uma comunicação específica, como as hashtags (#maternidade #maternagemreal #maespossíveis).

Nessas idas e vindas, posicionamentos, sigo com o intuito de transbordar, quando me deparo com os discursos maternos no *Instagram*. Assim, questiono a respeito das contribuições para a formação das mulheres acerca da maternidade e maternagem, considerando o espaço midiático citado como dispositivo de visibilidade e vigilância.

Visibilidade desses corpos maternos que se posicionam em movimentos outros, tendo suas *influencers*¹⁶ como incentivadoras, educadoras, que as fabricam a seguir um maternar possível de acordo com suas realidades, seus atravessamentos históricos, sociais e culturais, transgredindo o instituído pelo patriarcado.

Em um mesmo espaço, não é que esteja de um lado contrário, porém, é possível encontrar mulheres mães interligadas à vigilância. Essa ocorre neste dispositivo de controle por meio de fotos, filmagens e publicações, produzindo conteúdos subjetivados nessas relações. Os “conteúdos subjetivados” para Deleuze, portanto, podem ser entendidos como os produtos ou resultados do processo contínuo de subjetivação. Eles são as formas singulares e individuais de subjetividade que emergem através da transformação e mudança (Costa, 2004).

¹⁴ Trarei conforme essas mulheres se apresentam nos seus endereços.

¹⁵ Network está direcionado à rede de contatos. Networking nomeia a atividade de cultivar essa rede.

¹⁶ Pessoas de referência, vozes capazes de produzir (re)alocamentos, (re)significados dos corpos, vistas com um saber perito sobre algum tema.

Rogério Costa (2004) fez uma leitura do artigo intitulado "Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle", do filósofo Gilles Deleuze (1990). Segundo Costa (2004), a escrita de Deleuze indicava alguns aspectos que poderiam distinguir uma sociedade disciplinar de uma sociedade de controle. O período que vai do século XVIII até a Segunda Grande Guerra é marcado pelas sociedades disciplinares, sendo que os anos da segunda metade do século XX estariam marcados por seu declínio e pela respectiva ascensão da sociedade de controle.

Ainda de acordo com Costa (2004), Deleuze, ao seguir as análises de Michel Foucault, percebeu no enclausuramento a operação fundamental da sociedade disciplinar, com sua repartição do espaço em meios fechados (escolas, hospitais, indústrias, prisão...), e sua ordenação do tempo de trabalho. Ele chamou esses processos de moldagem, pois um mesmo molde fixo e definido poderia ser aplicado às mais diversas formas sociais.

Já a sociedade de controle seria marcada pela interpenetração dos espaços, por sua suposta ausência de limites definidos (a rede) e pela instauração de um tempo contínuo no qual os indivíduos nunca conseguiriam terminar coisa nenhuma, pois estariam sempre enredados numa espécie de formação permanente, de dívida impagável, prisioneiros em campo aberto. O que haveria aqui, segundo Deleuze, seria uma espécie de modulação constante e universal que atravessaria e regularia as malhas do tecido social (Deleuze, 1990).

Além disso, ele também fala sobre o conceito de “dobras de fora”, que é uma problematização foucaultiana que recebeu um formato singular na obra de Deleuze durante a década de 1980. Este conceito indica uma curvatura, uma flexão do lado de fora (poder) para a constituição de “uma relação da força consigo, um poder de se afetar a si mesmo, um afeto de si por si” (Deleuze, 1990).

Salienta-se que o movimento das redes sociais digitais parte do reconhecimento da possibilidade de pensar genealogia com base nos fragmentos de narrativas selecionados a respeito da situação comunicativa (Migliano, 2020). É também expressão e dispositivo.

Os conceitos presentes na genealogia de Nietzsche podem ser entendidos como as ênfases que ele coloca em seu método. Ênfase algumas delas: estratégia desconstrutiva, luta pelo corpo, campo de atuação de poderes, história, filosofia da história e filosofia histórica.

A estratégia desconstrutiva busca refutar a existência de essências e identidades eternas. A “Luta pelo Corpo” enfatiza a importância do corpo na genealogia. Ele vê o corpo como o resultado pelo qual a história se realiza, destituído da dimensão instintual originalmente presente em seu pensamento. Além disso, a genealogia de Nietzsche também se concentra no campo de atuação de poderes. A história é vista como um campo de luta e competição entre diferentes forças de poder (Ribeiro, 2018).

Outro ponto importante é que ele faz uma distinção entre História, Filosofia da História e Filosofia Histórica. Nesse ínterim, critica a História por sua concretização como uma disciplina científica, e a Filosofia da História, por dar sentido à história, retrospectivamente. Possibilita, desse modo, apreender a abordagem de Nietzsche para a genealogia e como esse método pode ser utilizado para explorar questões de moralidade, poder e a natureza da existência humana.

Na pesquisa, aliei a genealogia à investigação de origens dessas narrativas das mulheres-mães. Ao fazer isso, esse movimento pode trazer modos de vida plural de cada uma delas. Ao seguir mulheres-mães na rede social, ler comentários, postagens, há uma participação nessas atividades que as pessoas publicam e compartilham, permitindo experienciar o que se sente durante as atividades tanto quanto o que elas alcançam. “Estar lá” é o aspecto mais significativo dessa pesquisa construída na rede, na medida em que permite uma experiência direta e corporificada do campo e impede o uso de relatos de segunda mão muito simplificados (Hine, 2020, p.3). Esta proposta metodológica propõe um engajamento com o modo de viver das pessoas envolvidas nas situações e ambiências investigadas.

Nestas movências, há encontros com produções de conhecimentos, linhas de costuras com o tempo para além da linearidade normativa do pensamento racional cartesiano. Nas afetações com cada persona - mãe, os espirais se tornaram modo de tecer relatos que revelam fabulações narrativas para outros mundos possíveis.

Convido-lhe a fazer parte dessa escrevinhação. Um dos costumes das mulheres-mães que habitam essas terras, já citadas por aqui, é contar histórias.

*O que me interessa são as narrativas
O que produzimos desses encontros
desencontros, do desassossego
estranhas manias e desejo de insurgir
de sobreviver entre os nós
que fomos atadas pelos deveres
do existir.
(Cavalcante, 2023)¹⁷*

¹⁷ Cavalcante - referindo-se a mim.

2.2 Escritoras de Si

“Tuas ideias são feitas de aldeias” (Ferro, 2023)¹⁸

São ideias, crenças, silenciosas revoluções que habitam este campo ocupado por corpos (indivíduos, personagens, avatares). Entretanto, o que me interessa nessas movências são as mulheres-mães e suas narrativas, movimentos, expressões, manifestações que as tornam visíveis e vigiadas. Descobertas essas que têm início, mas não se pensa em desfecho.

Sendo assim, a primeira etapa foi observar as mulheres que eu seguia na minha página do *Instagram*. Qual delas trazia narrativas que envolviam a diversidade materna, que falavam de maternagem e consideravam os desafios sem a romantização do processo? Tem-se a compreensão de que o corpo materno é político. Logo em seguida, pude classificá-las como influenciadoras conforme o seu capital social e cultural, interação com as demais usuárias. Ao passo que fui escrevendo e avançando as leituras sobre Nietzsche, trago, também, os recortes das falas e postagens dentro de conceitos como culpa, ressentimento, ideais ascéticos, má-consciência.

Para a seleção dos perfis, foram utilizadas as hashtags #maternidade #maternagem, #maeeacademia, #saudentalmaterna #maepossivel, a fim de especificar a abordagem para este trabalho. Vale destacar que a escolha do perfil vai além dos descritores da biografia da página, já que algumas não se apresentam como mães neste espaço, porém, no *feed*¹⁹ e demais publicações as quais abordam sobre as temáticas.

Foram escolhidos três perfis como referências. Pela forma que eles me atravessaram por meio de postagens, não levei em consideração número de seguidores, a escolha se deu por meio de postagens que denotaram relação saber/poder²⁰, que resistiram à imposição da maternidade hegemônica. A partir deles, mapeei as postagens, comentários ativos que foram considerados relevantes para a construção da análise. O percurso foi composto pela descrição do processo, desde a chegada nos endereços dessas pessoas até a construção da análise. Essa ocorreu por meio da extração de comentários e postagens, trazendo as narrativas como texturas, costuradas com linhas e agulhas, referendadas em Nietzsche, tendo como tecido, a emenda de retalhos

¹⁸ Música (Amaralém) do Álbum de Flaira Ferro (ÁUA) e Clara, 2023. Disponível na plataforma de música spotify: <<https://open.spotify.com/track/508qeZOSnzyWGDRTM2l3ZH?si=NaY17Fu0T6mqEKz-H9WKrQ>>.

¹⁹ É um fluxo de conteúdos, mostrado como se fosse bloco de notas, com fotos e vídeos de pessoas que você segue, publicações sugeridas e muito mais.

²⁰ O segundo momento, para aqueles que estudam Foucault, é chamado de genealogia do poder, cujas atenções de Foucault voltam-se para as práticas do poder, ou seja, para as relações firmadas entre o saber e o poder, trata-se do momento arqueológico.

baseados num diário de bordo desses registros. Desse modo, trago narrativas plurais e os diversos maternares, como também, postagens que são produtos de uma formação patriarcal e romantizada.

Um movimento sem compromisso de enquadramentos, bebendo da fonte do conceito de devir para Deleuze e os fios da moral de Nietzsche, sendo atravessada pelas conversações com Foucault, como, por exemplo, de quando cito saber/poder, referencio como contribuição.

Sendo que, no ensaio “O sujeito e o poder” (2013), Foucault evidencia os pontos relacionados às três formas nas quais o ser humano pode ser sujeito em nossa cultura e todas elas perpassam o movimento de objetivação. Em quaisquer um desses modos, é possível perceber que o sujeito é materializado dentro das relações de saber-poder exercidas na sociedade. Assim, “[...] o saber entra como elemento condutor do poder, como correia transmissora e naturalizadora do poder, de modo que haja consentimento de todos aqueles que estão nas malhas do poder. No interior das relações de poder, todos participam, todos são ativos” (Veiga-Neto, 2007, p. 119).

De acordo com o autor, sob esse prisma, então, depreende-se que o sujeito é heterogêneo, uma vez que sua produção está em constante transformação no âmago dessas relações. Nesse viés, os discursos colocam em movimento jogos de relações objetivadoras nas quais os sujeitos se produzem e são produzidos incessantemente.

Portanto, as análises caminham nesta proposta. Trago a palavra análise, porém, não é o meu objetivo fazê-la de modo academicista tradicional. Percorri perfis e trago esse caminho inspirado em denúncias. Luís Mauro Sá Martino (2015) dialoga sobre linguagens nesses espaços, afirmando, em suas pesquisas, o quanto que as redes sociais digitais impactam além das estruturas físicas, sendo evidentes as interferências nos contextos sociais.

Ainda de acordo com o autor, os agrupamentos sociais construídos a partir de relações interpessoais mediadas por uma tela digital ganham força por causa da coletividade, do que há em comum nos conhecimentos compartilhados, histórias vivenciadas. Além disso, as redes sociais possibilitam a eliminação de fronteiras dos espaços entre os indivíduos participantes, aproximando-os ou cancelando de um modo mais rápido.

Seguindo essa percepção, André Lemos (2005), professor de comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pontua que as práticas contemporâneas ligadas a tecnologias promovem um processo de territorialização e desterritorialização em termos de subjetividades, deslocamentos, transpondo para o virtual, o social coletivizado. Desse modo, é possível afirmar que esta Dissertação se constrói por meio da propriocepção da subjetivação

via o dispositivo midiático, em que mulheres-mães têm visibilidades e vigilância a partir de narrativas de (r)ex(s)istências.

Vale destacar quem são as mulheres-mães que convivemos no decorrer deste trabalho. Em outro momento, citei Elisama e ela me apresentou @maternaempreta - Sarah Carolina (Criadora de Conteúdo Digital, Mulher Negra/Maternagem/Antirracismo, Criação Respeitosa com recorte social) que, por sua vez, me trouxe @militanciamaterna - Cila Santos (*Maternidade, Feminismo, Infância, Ajudo mulheres a entenderem a raiz dos problemas; Proponho uma educação antipatriarcal para crianças; Mãe, feminista sem glitter e educadora*). Assim, seguindo esse fluxo, vou encontrando e sendo afetada por um movimento potente na rede *Instagram*, citando outras mulheres-mães que influenciam e habitam esse espaço, como a @luabarrosf da @somosamparo, @maesolopode, @averonicalinder. Desse modo, para que não nos percamos das inquietudes que escrevem estas páginas, necessito destacar: *essas mulheres lutam contra o modelo hegemônico de maternidade*. Assim, vamos nos manifestando e denunciando os fazeres do maternar que instituem os moldes do patriarcado.

3 OS DESAFIOS DAS ESCRITORAS DIANTE DA MATERNIDADE HEGEMÔNICA

Somos muitas e diversas. Nas perfurações, fazemos brechas e, assim, possibilitamos o quebrar das correntes dos nossos corpos. Assim, a maternagem será sentida e experienciada nos nascimentos e mortificações de nós mesmas. A máquina de subjetivação²¹ não para. Em uma visita ao *Instagram*, enquanto escrevo estas palavras, eu me deparo com a @luabarrosf²² (autora, palestrante e cofundadora da @somosamparo) fazendo uma partilha por meio do vídeo: “estou de saco cheio, desse ideal violento de se criar filho. Às vezes, o que é possível é o que é saudável.” No cenário *instagramável* - aqui e agora -, a mulher que se apresenta contra os discursos hegemônicos e romantizados de maternidade resiste para existir. Até onde ela consegue ir?

Figura 2- Postagem da Madrugada.



Fonte: Página de Lúcia Ribeiro no Instagram²³

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar²⁴

²¹ O termo “maquinário de subjetivação” é frequentemente associado ao trabalho do filósofo Gilles Deleuze e seu colaborador Félix Guattari. Eles propõem que a subjetividade é um sistema aberto e pulsátil que se constitui num movimento contínuo na medida em que se conecta com a multiplicidade de fatores que compõem a realidade (Fortunato, Galeano, França, 2022).

²² Pesquisa realizada em 17 de junho de 2023, às 16h43. Disponível em: <<https://www.instagram.com/luabarrosf/>>.

²³ Disponível em: [Lúcia Ribeiro \(@maesolopode\) | Instagram](https://www.instagram.com/maesolopode/). Acesso em 21 de junho de 2023.

²⁴ Ju Strassacapa, poesia musicada, 2016. Pesquisa realizada no dia 17 de junho de 2023, às 21h45, no endereço <https://www.lettras.mus.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma/>.

O reinventar da artista e a dobra²⁵, em que essas mulheres criam por meio das suas páginas e postagens um tipo de sulco - brechas -, cavam buracos para ter passagem em seus movimentos e revoluções. Mas o que é que é dobrado? É, sem dúvida, verdade que, para Deleuze, o que é dobrado é sempre alguma “força”. Para que não nos percamos em outro conceito, Deleuze transcreve quatro eixos por meio do conceito de dobramento (Deleuze, 1991).



O primeiro está relacionado aos aspectos do ser humano que devem ser circundados e dobrados - o corpo e seus prazeres para os gregos, a carne e os desejos para os cristãos, talvez o eu e suas aspirações para nossa própria época. O segundo, a relação entre forças, diz respeito à regra de acordo com a qual a relação entre forças se torna uma relação consigo mesmo - uma regra que pode ser natural, divina, racional, estética... Está, pois, sempre associada com uma autoridade particular - a do sacerdote, do intelectual, do artista; em nossos próprios dias, talvez a regra oscile entre a terapêutica e a estilística, cada qual associada com diferentes autoridades. O terceiro, a dobra do saber ou a dobra da verdade, surge do fato de que cada relação consigo mesmo está organizada sobre o eixo da subjetivação do saber e, portanto, da relação de nosso ser com a verdade, quer essa verdade seja teológica, quer seja filosófica, quer seja psicológica. A quarta dobra (aqui Deleuze se refere à noção de "uma interioridade da expectativa", devida a Blanchot) é a dobra da esperança - da imortalidade, da eternidade, da salvação, da liberdade, da morte ou da separação. E a subjetivação é, pois, a interação da múltipla variabilidade dessas dobras, de seus variados ritmos e padrões. "E o que dizer, de nossos próprios modos atuais, da moderna relação consigo? Quais são as nossas quatro dobras?" (Deleuze, 1991, p. 112).

O que essas mulheres buscam, que caminhos outros percorrem? Elas querem decidir sobre o parir, como parir e sobre o criar e como cuidar e não cuidar. O modelo de maternidade ressaltado no maquinário social é o da mãe devotada e carinhosa, trazido da França, no século XVIII, lembrando que as transmutações ocorreram.

Desse modo, tivemos e há mulheres na resistência, por isso, adentramos e ocupamos lugares outros, por meio dos buracos no chão, no muro, das bombas distribuídas por elas e por nós, para que, assim, possamos (des)territorializar os modelos hegemônicos de maternidade e maternagem. A era contemporânea nos apresenta a diferença, ao que se refere a esta hegemonia citada acima, contudo, são acontecimentos de rupturas estampados nos cenários sociais, culturais e pedagógicos - ressalto o *Instagram* como espaço de pedagogia cultural e, ao mesmo tempo, atravessado por ideias e discursos tradicionais sobre a maternidade e maternagem.



²⁵ Deleuze, 1992. “A dobra nos permite pensar os processos pelos quais o ser humano transborda e vai para além de sua pele, sem recorrer à imagem de um Sujeito autônomo, independente, cerrado, agente... a não ser, precisamente, com base em seu caráter aberto, múltiplo, inacabado, cambiante...” (Domenech, Tirado, Gómez, 2001).

Nas redes sociais, o que faz uma pessoa deixar de seguir a outra, expor comentários e posicionamentos alheios, pode ser avaliado pelos valores morais dos nobres como também dos ressentidos. Aqui carece de uma citação direta sobre essa avaliação Nietzscheana:

A rebelião dos escravos na moral começa quando o próprio ressentimento torna-se criativo e gera valores: é o ressentimento desses seres aos quais é negada a reação em si, aquela reação por meio da ação, e que só conseguem manter-se ilesos por meio de uma vingança imaginária. Enquanto toda moral nobre brota de um triunfante “dizer sim” a si mesmo, a moral dos escravos, a um “diferente” a um “que não ele mesmo”; e este “não” é o seu ato criador. [...] Para existir, a moral dos escravos necessita sempre primeiro de um mundo oposto; falando fisiologicamente, ela precisa de estímulos externos para agir - sua ação é basicamente uma reação (Nietzsche, 2018, p.58).

A "vontade de poder"²⁶ em Nietzsche refere-se à força vital que impulsiona a busca por poder e autoafirmação, um mito que associam a ele, mas destaco aqui o equívoco, o filósofo não falava da vontade de poder sobre os outros, não necessariamente sobre os outros. Nietzsche acreditava que a vontade de poder é uma força criativa que impulsiona a evolução da humanidade e que pode ser compartilhada coletivamente (Costa, 2004). Nas redes sociais, a exposição, muitas vezes, está relacionada à busca por poder, influência e validação social. As pessoas muitas vezes buscam destacar aspectos de suas vidas que afirmam sua identidade e status.

O conceito de vontade de poder aparece em quase todas as obras assim como nos Fragmentos Póstumos, mesmo que em algumas não necessariamente com este nome ou com a formulação da fase final da filosofia nietzschiana. Propriamente falando o conceito aparece em grande número de fragmentos póstumos, em um desses fragmentos Nietzsche define a vontade de poder ao afirmar que este mundo é vontade de poder – e nada além disso. De maneira similar, mas num outro contexto, no Aforismo 36 de Além do bem e do mal, Nietzsche diz que o mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu caráter inteligível seria justamente a vontade de poder (Freire, 2008, p. 11).

Na cultura ocidental, tornar-se mãe é descobrir que necessita de aprendizagens, já que o sujeito é uma invenção social, institucional, religiosa, familiar, por meio da ciência, das mídias. Desse modo, formam-se potentes redes de controle sobre esses corpos que produziram vida. O próximo passo é conversar sobre os efeitos disso. Podemos chamar de violência?

3.1 A violência sobre os corpos

“Nos deram espelhos e vimos um mundo doente

²⁶ Os conceitos serão retomados nas próximas páginas.

Tentei chorar e não consegui”²⁷

Na escola em que frequentei, o professor usava algumas músicas para provocar reflexões. Eu nem imaginava que isso era uma forma de insurgir, só sentia. Sentia vontade de quebrar correntes, forte e segura do que eu não queria viver. O que fizeram com outras mulheres? A minha tataravó precisava empurrar o útero com a mão para depois ser abusada pelo meu tataravô. As mulheres, as crianças, os estupros.

Falar de abuso, lá na escola, nas aulas de geografia, com o professor, o qual alguns pais julgavam e acusavam por disciplinar os filhos a um partido comunista, foi nesses encontros que me vi sangrar, por mais uma vez. No corpo, estavam inscritas narrativas de violência, o cenário do banho de rio com o filho da prima do pai; o sofá de couro vermelho da sala da sua avó, as redes, as outras intenções disfarçadas de sei lá o que pode ser chamado. Chantageada, em troca de doces e promessas outras; trocas, ofertas, quantas histórias são semelhantes a essa?

“Estude, estude muito sem cansar, não pare, case com seu dinheiro; homem nenhum presta, seja corajosa e independente.”²⁸ Isso chegava e causava medo e depois virava raiva. Cresci me deparando com desafios que me faziam lembrar dos “conselhos”, só desejava o tal do casamento com o dinheiro e o contracheque, enquanto avançava a idade, tinha aversão do meu corpo e de tudo que parecia aproximar do tal homem que não prestava. De onde vinha o medo da minha mãe e que passou a ser meu por um tempo?

Um país invadido, cujo solo rico foi colocado à força, a escambo, massacrado, o Brasil nunca sentiu o amor gentil cantado pelos homens brancos que o invadiram. Avancemos e deixemo-nos pensar sobre o século XVI e toda a metrópole portuguesa. Essa, por sua vez, desejosa por resolver o problema construído por eles, o entrecruzamento de diferentes culturas, fazendo à força o processo de aculturação - sobrepor suas práticas -, a miscigenação causada pela exploração sexual. Desse modo, construíram um plano, vários, dispositivos de controle, formas de vigiar, controlar, punir, excluir, e quem estava à frente desses movimentos? Padre, governantes, confessores, médicos, teólogos, moralistas, encabeçando um plano para o Estado, colocando a mulher como objeto.

Assim, dava-se à mulher a responsabilidade pelo parir, casar de modo insolúvel - a Igreja Católica coadunando de tal educação dogmática - com o objetivo de desprover as mulheres de qualquer conhecimento, decisão sobre seus corpos e suas almas adestradas.

²⁷ Renato Russo, Índios, 1986. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/92/>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

²⁸ Fala da mãe da autora, ouvida entre os seus 8 anos de idade.

Entretanto não posso deixar de citar Mary Del Priore (2009), historiadora. Essa explica como as mulheres eram tratadas e ensinadas, domesticadas e o caminho para tal era o do materno, parir e criar seus filhos, seguindo as etapas instituídas pela Igreja: casar, ter filhos, cuidar da casa, do marido e dos filhos. Sendo assim, aquela que não seguisse tal modelo era “bígama”, “amancebada”. Conforme Del Priore (2009, p. 42), naquela época, “[...] a maternidade era utilizada para tentar apagar as diferenças raciais, culturais e econômicas mais candentes e prestava-se a ser o instrumento de integração do gênero ao projeto colonial”. Mas nunca se apagou.

Dessa maneira, boa parte das mulheres resistia seguindo o imposto. Acredito que era uma forma de resistência, pois muitas outras morreram pela diferença e nos trouxeram ao cenário de hoje. Lembrando o que Del Priore (2009) ressalta, em seus escritos, que todo esse modo de fazer gerou entre as mulheres a rivalidade, competitividade. Voltemos ao tempo contado, recordemos das mucamas, das escravizadas, quem carregava os filhos dessas outras mulheres que tinham o “privilegio” de casar com os fazendeiros?

Todavia, é importante falar das resistências que atravessavam aquelas mulheres, que viviam à margem das normas construídas pelos homens, as quais necessitavam se ausentar dos espaços domésticos por longos períodos para manter a si próprias e/ou aqueles que dependiam do seu trabalho. Essas dificuldades frente à extrema pobreza era um impedimento para essas mulheres de seguir a cartilha da “santa-mãezinha” (retraída, assexuada, responsável pela casa, pelo casamento, pela procriação). Desenvolveu-se, assim, uma devoção ao redor desse modelo de mãe, aquelas que “conseguiam ser mães”, que eram mais experientes e tinham mais filhos “legítimos”.

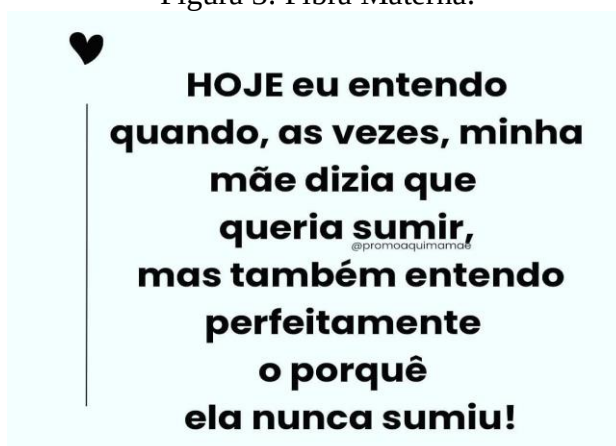
Necessito trazer Elizabeth Badinter (1985), historiadora francesa, expondo em seu trabalho que o desenvolvimento do amor materno não é inato, está correlacionado às variações socioeconômicas da História e pode existir ou não, dependendo das circunstâncias, possibilitando diferentes tipos de relações entre mães e filhos. Dessa forma, trago outra provocação, do que ocorre nesta era contemporânea, a romantização da maternidade, os discursos de uma educação parental não violenta: *como uma mãe solo, que tem seus espaços e corpo capturados por um sistema o qual a marginaliza diariamente, exercerá uma maternagem vendida nas redes sociais, da mãe “autocontrolada emocionalmente”?*

Ao buscar nos documentos históricos e literários a substância e a qualidade das relações entre a mãe e o filho, constatamos seja indiferença, sejam recomendações de frieza, e um aparente desinteresse pelo bebê que acaba de nascer. Esse último ponto é, com frequência, assim interpretado: como seria

possível interessar-se por um pequeno ser que tinha tantas possibilidades de morrer antes de um ano? A frieza dos pais, e da mãe em particular, serviria inconscientemente de couraça sentimental contra os grandes riscos de ver desaparecer o objeto de sua ternura. Em outras palavras: valia mais a pena não se apegar para não sofrer depois. Essa atitude teria sido a expressão perfeitamente normal do instinto de vida dos pais. Dada a taxa elevada de mortalidade infantil até fins do século XVIII, se a mãe se apegasse intensamente a cada um de seus bebês, sem dúvida morreria de dor (Badinter, 1985, p.57).

Ler Badinter (1985) é encontrar em sua obra um panorama geral a respeito das ambivalências da maternidade. Ressalto que trago esta autora como referência, pois, no seu trabalho, ela rememora a inconstância e a não universalidade do direito à escolha de as mulheres conceberem. Além disso, a autora reforça que não é sobre “instinto materno”, expressão questionada e apresentada numa linha do tempo histórica, quem sabe “fibra materna”.

Figura 3: Fibra Materna.



Fonte: Página de Promoaquimamae.²⁹

A postagem conversa com as ambivalências trazidas por Badinter? Destaco aqui as narrativas, escrevinhações das mães que seguem a influencer citada.

“Nem fale, viu (carinhas de riso), nós mães, tem dias que queremos nos jogar do décimo andar (carinha de riso) e tem dias que amamos mais que leões... emocional de uma mãe vai de 0 a 1000 em segundos...” (@mercica_blatter).
 “Filhos, nossa herança bendita do Senhor.” (@eloisafagundes).

Lendo a interação, os comentários que surgiram com a postagem, alguns também diziam que “a minha mãe sumiu”. Sobre o sumir e/ou ficar, sobre o bendito, convido Nietzsche (2009) com a moral. Por meio do seu método genealógico, a moral é vista e seria uma invenção dos fracos, que vencera os fortes e se tornara dominante no ocidente. Nietzsche (2009) constata a

²⁹ Pesquisa realizada no Instagram, dia 24 de março de 2024, na página @promoquimamae.

inversão dos conceitos, realizada pela rebelião escrava, dizendo que essa transformou a ética do tipo nobre, que se afirmara como bom em detrimento ao ruim, dando lugar ao julgamento moral que envolve bem e mal. A mãe da postagem pode fugir? Essa pergunta se conecta ao julgamento trazido por ele em suas explanações?

De acordo com Deleuze, “A distinção concreta entre forças qualificadas (o bom e o mau) é substituída pela oposição moral entre forças substancializadas (o bem e o mal).” (Deleuze, 1976, p.58). Segundo Nietzsche, o ressentimento tem como necessidade, em sua inversão de valores, dirigir-se para fora ao invés de voltar-se para si. Por isso que a sua fórmula predominante irá se definir pelo outro, pois “Quer que os outros sejam maus, precisa que os outros sejam maus para poder sentir-se bom [...] Tu és mau, portanto, eu sou bom” (Deleuze, 1976, p.58). Com isso, de acordo com Nietzsche, sua rebelião se dará quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores. Todavia, será essa mulher-mãe que afirma estar sozinha, cansada, ser “mau”, mais cruel e contraditória que aquela a qual se autoneomeia boa mãe?

Imagem 4 - Carga Pesada.

**Se tem uma coisa que
sobrecarrega o rolê das
mães é o dilema entre
ter paz e ter justiça.
A gente escolhe PAZ
calando a boca.
E quando abre a boca,
se f****



Anna Gallafrio
@douladedivórcio

Fonte: Página do perfil @douladedivórcio.

*O que vocês acham mulheres? Quantas vocês conhecem que se calaram e se calam por não conseguir chegar no alecrim dourado? Quantas desistem de seus direitos pra não perder o que lhe resta de saúde mental?? Nem to falando de pensão, pq ainda é que dá cadei@ aqui. (as vezes nem isso ne @lar_gemelar !?) Me diz aqui!! 🍷 (@sfelippo).
Maravilhosas !!!! Eh isso! Me sinto calada todos os dias pra “ter paz” e não expor ninguém. Mas esse silêncio cobra um preço ! Estamos exaustas 🤔 (@carolinefigueiredo).*

O que se nota nesse caso acima? Há experiência com a dor e um convite à reação? Nietzsche (2009), em sua segunda dissertação para a Genealogia da moral, destaca a relação do ressentimento com a má consciência. A mãe que, ao ter experimentado uma dor, pela qual, devido a sua fraqueza e impotência, não pôde reagir, só lhe teria restado sentir?

Nietzsche (2009) define o ressentido como o tipo fraco e escravo em detrimento ao tipo forte e nobre. Porém, de que maneira o ressentimento atua na memória e na consciência do sujeito e como Nietzsche interpreta essa relação? Má consciência: o afeto complementar do ressentido em que aparece, conforme Vânia Dutra de Azeredo, “[...] como uma doença, como um sintoma de que a vitalidade humana está malsã. O seu surgimento tem por base um rompimento, um salto, uma adaptação involuntária que se processa quando o animal homem precisa desligar-se propriamente do que há de animal em si [...]” (Azeredo, 2009, p. 294).

O movimento que encontro num tipo de publicação como essa traz algumas características afetivas do ressentido, “[...] tais como a irritabilidade nervosa, a doentia vulnerabilidade, a ânsia e o desejo impotente de vingança [...]” (Giacóia Júnior, 2005, p. 196). E agindo com essas características, é possível perscrutar como “o ressentimento se propaga por contágio” (Giacóia Júnior, 2005, p. 196). Para Deleuze, “O ressentimento designa quando as forças reativas imperam sobre as ativas [...] [e] quando a reação deixa de ser acionada para tornar-se algo sentido.” (Deleuze, 1976, p.53). Assim, elas seguem compartilhando sobre aquilo que é sentido em cada experiência.

3.2 As resistências criando outras maternagens

É possível resistir? Não despotencializar? O que esperam de uma mãe?

Linda (penteada, maquiada, magra- como poucas mulheres conseguem estar com um bebê), sorridente e feliz, amamentando uma criança. Sua expressão demonstra contentamento e satisfação. Não há lacunas nas quais apareçam insatisfação, cansaço, arrependimento (de ter engravidado e dado continuidade à gestação), raiva, ou mesmo dor. A mensagem é clara: uma “verdadeira mulher-mãe” não sente ambivalência e se compraz em amamentar a sua cria (Zanello, 2014, p. 109).

Retomemos a história, para, assim, interligar tais fatos. É possível encontrar em registros, que o século XVII foi um período marcado pela frieza dos pais para com as crianças, pois a pedagogia da época era fortalecida pelo pensamento agostiniano. As recomendações que os pais recebiam eram de tratar seus filhos com frieza, lembrando-os, constantemente, de suas malignidades naturais. A ternura e a educação tolerante que as mulheres davam aos seus filhos eram denunciadas em publicações, citadas por Badinter (1985) como *A Instituição da Mulher Cristã*, reeditada em 1542:



As delícias são as que mais debilitam o corpo; por isso, as mães perdem os filhos quando os amamentam voluptuosamente. Amai como deveis, de modo que o amor não impeça aos adolescentes afastarem-se de vícios, e incitai-os

ao temor por meio de leves admoestações, castigos e prantos, a fim de que o corpo e o entendimento se tornem melhores pela severidade da sobriedade e da alimentação. Mães, compreendei que a maior parte da malícia dos homens vos deve ser imputada (Badinter, 1985, p.57).

Os documentos e registros textuais do século XVII mostram que a afetuosidade era condenada e considerada como frouxidão parental; a criação permeada de ameaças, sob a influência teológica dos pedagogos. De um lado, as crianças das classes dominantes e “cultas”, essas deviam respeito àqueles que as tinham gerado. Do outro lado, as crianças das camadas populares, atravessadas pelas violências, exclusões e tidas como estorvo. Muitos pais não podiam – e, em boa parte das vezes, não queriam – arcar com os sacrifícios econômicos para mantê-la, arranjando soluções, tais como abandono, infanticídio para eliminarem o inconveniente juvenil (Badinter, 1985).

Contudo, no final do século XVIII, de acordo com Badinter (1985), a imagem da mãe, seu papel e sua importância sofreram mudanças. A partir de 1760, as publicações recomendavam que essas mulheres cuidassem pessoalmente dos filhos, enfatizando também a necessidade da amamentação. Interesse do Estado, que passou a impor às mulheres a obrigação de serem mães antes de qualquer outra coisa, justificando-a por meio de teorias e conceitos, o que Badinter (1985) chama de mito: o instinto materno, ou seja, o amor espontâneo de toda a mãe pelo filho. Esse amor materno passa a ser exaltado, ao mesmo tempo, como natural e social, necessário para a manutenção da espécie e da sociedade. A associação dos termos “materno” e “amor” desloca a figura da mãe do lugar de autoridade para o âmbito do afeto e do carinho, enquanto a figura paterna passa a ocupar uma função econômica e preceptora. Desse modo, há uma forma de produzir indivíduos que seriam a riqueza do Estado.

Imagem 5 - Quem cuida de quem?





Fonte: Página do Instagram de Sarah Carolina no Instagram.³⁰

Uma postagem da página @maternagempreta para reforçar que o movimento dessas mulheres não termina, a maternagem e suas revoluções. Diante de todas as narrativas históricas, que é possível acompanhar em Badinter (1985), vale destacar os discursos higienistas, biológicos que trouxeram a mulher para o contemporâneo.

Incomodadas e insatisfeitas com o fato de o corpo da mulher e sua saúde serem traduzidos e orientados pelos médicos – ginecologistas e obstetras –, bem como com a perspectiva fragmentada de sua corporalidade por eles propalada, as feministas passam a reivindicar um tratamento específico e integral à saúde feminina. Nesse sentido, em busca de um outro olhar, menos patológico, menos reprodutor e menos intervencionista, a saúde torna-se uns dos pontos de grande ataque e remodelação feminista (Carneiro, 2011, p. 2).

As reivindicações feministas no “boom” da industrialização, no campo do trabalho e no acesso aos direitos sociais, além de todos os progressos científicos no campo da contracepção e nas tecnologias reprodutivas, foram movimentos de um processo de subjetivação dessas mulheres, questionando sobre a maternidade. Mesmo diante de avanços, a maternidade ainda é vista como uma obrigatoriedade (Carvalho; Schiavon; Sacco, 2018).

Obrigatoriedade, vigilância e punição, dispositivo, segundo Foucault:

É um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

Curiosa e pensando, pensando a respeito, eu começo a puxar o fio do impacto da maternidade e maternagem na vida dessas mulheres. Quais são as leis que vibram e comandam

³⁰ Disponível em: [Sarah Carolina \(@maternagempreta\) | Instagram](https://www.instagram.com/maternagempreta/). Pesquisa realizada em 21 de junho de 2023.

esses modos de se relacionar? Que narrativas são produzidas e tecidas nesses lugares e de que modo elas se apresentam nos espaços de comunicação social?

Por isso, o processo de formação da memória e seu surgimento não teriam sido uma criação natural, mas uma criação imposta ao homem com o objetivo de criar regras e torná-lo confiável e obediente, pois, com uma memória responsável e “[...] com a ajuda da moralidade do costume e da camisa de força social, o homem foi realmente tornado confiável.” (Nietzsche, 2009, p. 44).

O surgimento da memória teria sido marcado pela dor, castigo e punição e “[...] jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória” (Araldi, 2016, p. 39).

Fazer no homem uma memória [...] requereu o auxílio de meios dolorosos [...] que viu na dor o melhor recurso da mnemônica. Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória. (Nietzsche, 2009, p.31).

O que aconteceu com algumas mulheres, lá no século XVII até hoje, os ressentimentos, muitas foram “sensíveis” às novas solicitações, outras foram seduzidas pelos reiterados discursos implícitos: “Sedes boas mães, e sereis felizes e respeitadas. Tornai-vos indispensáveis na família, e obtereis o direito de cidadania (Badinter, 1985, p. 147)”.

Esses discursos passaram a ser reiterados sistematicamente, entrelaçando-se a diversos elementos da vida da população, a fim de tomar aspecto de natural/universal e, ainda hoje, atravessam em corpos e subjetividade produzindo uma determinada realidade. Mas como se dão os atravessamentos da maternidade enquanto realidade fabricada e, principalmente, como se engendram os escapes cotidianos? Quais os efeitos?

3.3 Os efeitos da moral na maternagem

A maternidade é um dispositivo de controle, ficando perceptível para Andrea O’Reilly (2016), a discrepância elevada entre o alto impacto da maternidade na vida das mulheres e sua baixa representatividade nos estudos feministas. Foi Maria Collier de Mendonça (2018) que apresentou a proposta do Feminismo Matricêntrico de Andrea O’Reilly pela primeira vez no Brasil. Segundo a autora, com base em levantamento feito pelo grupo de Andrea O’Reilly, na década que compreende os anos de 2005 e 2015, os estudos sobre maternidade representavam, apenas, entre 1 e 3% das publicações científicas, conferências e disciplinas dos principais centros de estudos feministas internacionais (Mendonça, 2018).

De acordo com Scavone (2016), a perspectiva de gênero nos possibilitou abordar a maternidade em suas múltiplas facetas. Ela pôde ser abordada tanto como símbolo de um ideal de realização feminina, como também, símbolo da opressão das mulheres, ou símbolo de poder das mulheres, e assim por diante, evidenciando as inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo. Além disso, ela pôde ser compreendida como constituinte de um tipo de organização institucional familiar, cujo núcleo central articulador é a família. E, mais ainda, foi possível compreendê-la como um símbolo construído histórico, cultural e politicamente, resultado das relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro. Esta abordagem contribuiu para a compreensão da maternidade no contexto cada vez mais complexo das sociedades contemporâneas.

Como se fossem curvas, linhas, que fazem ver o sujeito. Falei de maternidade como dispositivo e, ao assistir e ser afetada por todo o acontecimento dela no virtual, virtual esse que é real, cito o trabalho de Amorim (2019), a qual faz um itinerário com elementos que compõem o dispositivo (curva de visibilidade, regime de enunciação, linhas de força da maternidade, linhas de subjetivação e de ruptura, traçados de gênero):

A discussão que faço das linhas, curvas e regimes como elementos que compõem o dispositivo, procede dos trabalhos de Deleuze (1999) e Corazza (2000). “Mãe”; que tendo a maternidade como ponto imaginário necessário ao dispositivo da maternidade, permitem o nascimento deste sujeito, permitem que ele ganhe formas, cores e texturas. São curvas fixadas pelo próprio dispositivo que as sustentam – não como se ela (a maternidade) fosse uma característica natural e a priori das mulheres, mas como se agisse tal como uma fonte de luz (semelhante a uma vela, em sua condição de luz frágil e predisposta a qualquer momento ser apagada) que ilumina, que se difunde, que dá visibilidade e faz com que se produza, enfim, o sujeito mãe em toda sua positividade. Enfim, é uma luz que incide sobre este sujeito mãe, cuja existência não poderia manifestar-se sem ser iluminada por ela. Ou seja, não se trata aqui da configuração, seja de um indivíduo pré-existente, seja de uma “realidade” pré-discursiva, mas de um sistema aberto, constituído por um jogo de forças criado e operacionalizado por tais linhas, em conjunto e em paralelo com as que se seguem (Amorim, 2019, p.5).

Sendo assim, questiono: Como chegamos a ser o que a gente é? Como essas práticas são reforçadas nesse espaço social? O *Instagram* tem um caráter nitidamente pedagógico. A mídia não apenas pode ser encarada como meio veiculador de informações, mas também como “produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos” (Fischer, 2002, p. 61). Neste sentido, observo que, em torno da noção da maternidade, da produção de um certo “ideal” de maternidade, uma série de práticas discursivas são acionadas, produzidas e

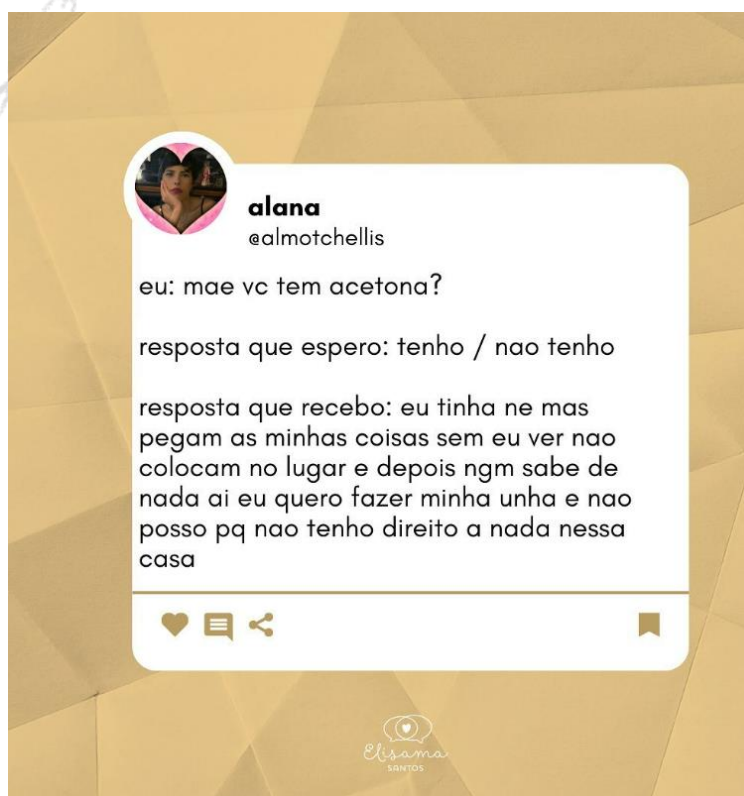
reforçadas pela mídia, permitindo, com isso, serem (re)significadas na medida em que operam em direção à constituição dos sujeitos.

Iniciei esses movimentos, falando dos desafios encarados pelas mulheres-mães diante da maternidade hegemônica. As formas pelas quais este dispositivo é operacionalizado no *Instagram* serão evidenciadas por aqui nos próximos campos. Portanto, é necessário considerar esta seção para que os próximos fluxos e percursos da pesquisadora sejam sentidos e contemplados nesses modos de referenciar. O discurso hegemônico, cristão, romântico, da mãe boazinha e instituída de amor será apresentado nas páginas seguintes.

4 ENTRE MOVIMENTOS E RESENTIMENTOS

Nesta seção, dediquei aos encontros com as mulheres-mães no *Instagram*. Postagens, fotos, interações e comunicações nas suas páginas. No perfil de @elisamasantosc, apresentado nas seções anteriores, trago:

Imagem 6 - Eu tenho questionado cada “tem que”.



Fonte: Página do Instagram de Elisama Santos.³¹

Andar, percorrer no território virtual, é produzir sentimentos outros, subjetivações e virtualidades:

Precisamos falar sobre a socialização feminina. Eu sei que muitos e muitas de nós já ouvimos respostas assim das nossas mães, mais de uma vez. Não é coincidência que sejam sempre elas a darem respostas pouco diretas. Somos ensinadas a dar voltas para dizer o que queremos - e o que não queremos. Uma mulher direta é lida como rude, grosseira, insensível. Então a gente aprende a dizer sim e sorrir e ficar com raiva e amarga por ter dito sim quando na realidade queria ter dito não. E na primeira oportunidade liberamos a mágoa em forma de indireta. Quantas mulheres mais velhas você conhece que são um poço de ressentimento? Quantas idosas são vistas como amargas, ranzinzas, reclamonas, mal humoradas? Todos os seres humanos sentem raiva. Homens aprendem a explodir, mulheres a implodir. Sim, eu sei que existem exceções, mas aqui estou falando da regra, ok? E a regra é que aprendemos que merecemos amor, carinho, cuidado e respeito quando somos

³¹ Disponível em: [Elisama Santos \(@elisamasantosc\) | Instagram](https://www.instagram.com/elisamasantosc/) pesquisado em 23 de junho de 2023.

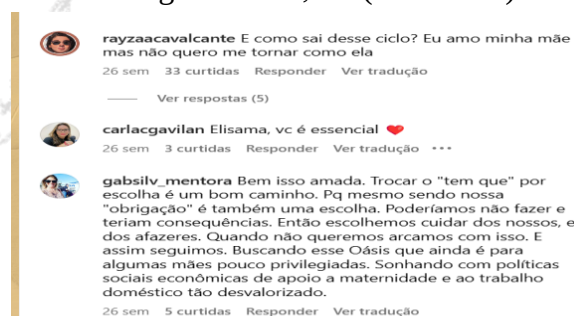
gentis e boas. Quando sorrimos e não incomodamos. E dizer não geralmente incomoda. Quem sustenta esse incômodo? A conta do não que não foi dito vai pra alguém. Pra dor na cabeça e nas costas. Pra criança, que não pode simplesmente ir embora. Pra quem recebeu o sim e ficou com uma conta em aberto e não sabia que ficaria. Pra relação, que se torna exaustiva. Pra “reclamona”, que ao ocupar esse lugar é cada vez mais ignorada em suas necessidades não ditas, e a cada dia se percebe mais invisível. Um dia, eu estava exausta, na época tinha apenas um filho e perguntei pra minha mãe como ela conseguiu criar a minha irmã e eu. Como ela deu conta de tudo? Ela me disse que não existia a opção de não dar conta. Esse negócio de querer ser feliz era coisa de gente da minha geração, ela só queria fazer o que tinha que fazer. Eu tenho questionado cada “tem que”. Tenho defendido cada limite. Eu vou ocupar espaços e dizer e mostrar que existo. Eu vou gozar do e no paraíso. Padecer uma @:&! (Santos, 2023).³²

O uso dos ambientes virtuais por movimentos ativistas contemporâneos tem passado por um crescimento significativo, o que pode ser notado nas postagens dessas mulheres. O lugar que a internet ocupa na vida de algumas delas rompeu, em certa medida, com um cotidiano de silenciamento e invisibilidade de suas histórias. Essas ferramentas possibilitam que grupos se organizem por meio de redes, modos diversos de produção de ideias, de criatividade, resistências, fazeres outros de participação e engajamento nesse espaço. Partindo dessa reflexão, Manuel Castells (2013) destaca que as redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar e organizar pessoas, além de auxiliá-las a deliberar e a decidir sobre posicionamentos e ações políticas.

Agora, convido-lhe a uma releitura da postagem de Elisama - @elisamasantosc. A necessidade de falar sobre a socialização feminina, a exaustão. Logo em seguida, conecto-me a Guattari (1992), em sua definição abrangente, porém afirmada como provisória, acerca das subjetividades, como um conjunto das condições as quais tornam possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posições de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de diferença, que, em alguns momentos, ela se singulariza e, em outros, se faz coletiva. Na prática, olha o que acontece com as movências no campo do *Instagram*, após o comentário.

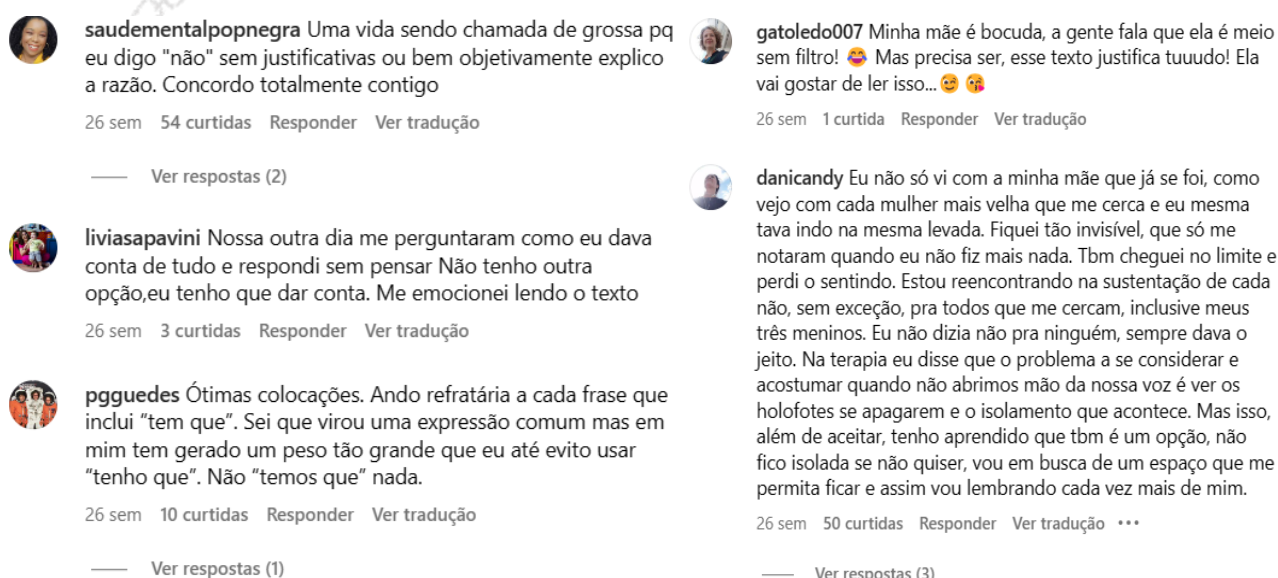
³² Fala retirada da postagem de @elisamasantosc. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CmsM_NLukcB/ pesquisado em 20 de junho de 2023.

Imagem 7- Aia, Ira (Narrativas).



Fonte: Foto do Instagram de Elisama Santos.³³

Imagem 8 - Elas compartilham histórias.



Fonte: Comentários na publicação de Elisama Santos.³⁴

Contemplar os movimentos apresentados possibilita lembrar uma fala de Andrea O'Reilly (2016): "As mães necessitam de um feminismo todo seu". Conheci essa passagem num trabalho de Maria Collier de Mendonça³⁵, em que apresentava pela primeira vez, em português, o Feminismo Matricêntrico³⁶. Não só numa postagem como essa apresentada, mas em outras que trarei nesse decorrer, que se apresenta como potência, e fazem desse espaço lugar de aprendizado e troca.

O evidenciamento do cansaço enunciado por meio das tecnologias da comunicação contribuiu para que eu questionasse o quanto outras mulheres queimam enquanto outras ardem

³³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CmsM_NLUkCB/ pesquisado em 20 de junho de 2023.

³⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CmsM_NLUkCB/ pesquisado em 20 de junho de 2023.

³⁵ Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Colabora com o SOCIOTRAMAS, Grupo de Estudos Multitemáticos em Redes Sociais Digitais (PUC-SP, TIDD)

³⁶ Tradução feita por Maria Collier do trabalho de Andrea O'Reilly (2016).

diante das jornadas que lhe são atribuídas do vir a ser mulher-mãe. Uma das memórias produzidas em suas relações foi a do trabalho. As horas ultrapassavam o limite, principalmente, aquelas horas de trabalho dentro de casa. O trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e com todos os detalhes - sustentados por um discurso de que só a mulher é capaz de lembrar de cada “coisinha” a ser cumprida.

Com essas narrativas, podemos sentir como forja-se o amor materno de forma natural e incondicional e a prática abnegada do cuidado. Se instituem rígidos contornos a esses corpos, o de boa mãe, primorosa e dedicada dona de casa, sendo este atribuído à verdadeira prova de feminilidade, de ser mulher (Zanello, 2014).

Desse modo, destaco outra obra de Maria Collier (2014), ao retomar o conceito de “maternagem intensiva”. Esse foi desenvolvido por Sharon Hays (1996) citado por Mendonça (2014) para criticar as ideias que atendem aos interesses patriarcais da sociedade, a qual considera a maternidade um trabalho que a sua maior recompensa é o afeto, a mãe como um ser em eterno estado de prontidão, como é possível sentir nesse trecho da fala de uma seguidora de @elisamasantosc:

Eu penso mais 2 aspectos sobre esse tipo de resposta, primeiro sobre esse papel legado à mulher de dar conta de tudo, o cansaço que isso dá, físico, mental, e segundo, essa tb cansativa missão-o-tempo-todo de educar todos a nossa volta no que diz à vida doméstica, daí no lugar de uma resposta direta vem todo um contexto do que foi feito e do que deve ser feito sobre determinada situação.³⁷

O fato de atribuir à maternidade uma grande carga de responsabilidade na qual as mulheres, e somente elas, precisam estar presentes o tempo inteiro, faz com que a realização de outras tarefas, de outros trabalhos, principalmente, o remunerado, seja quase impraticável. Assim, vai ocorrendo um efeito dominó, em que algo não sairá como o previsto. A sobrecarga emocional, intelectual dá origem à culpa, além das exigências de que essa mulher precisa desenvolver uma linguagem “emocional saudável” para cuidar dos seus filhos de modo não violento. Surge, assim, o que O’Reilly (2020) nomeia de “terceiro turno”, o qual se refere ao trabalho emocional e intelectual que as mães precisam desempenhar para planejar rotinas, organizar práticas coletivas e negociar relações internas e externas à família com os vários agentes que fazem parte do processo de cuidado com as crianças (como médicos/as e professores/as). O’Reilly (2016) enfatiza que reconhecer o materno é compreender que nós, seres

³⁷ Fala da seguidora de @elisamasantosc - @mary_smqt0 - pesquisa realizada no dia 20 de junho de 2023.

humanos não somos autossuficientes, tampouco livres como pregam os ideais neoliberais (Mendonça, 2018, p.67).

Imagem 9 - O que pode este corpo?

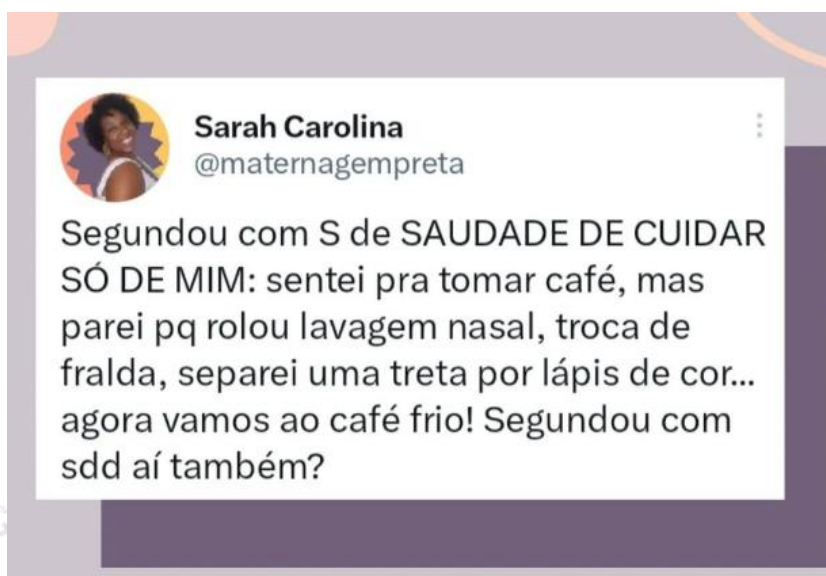


Fonte: Página do Instagram de Camila Barreto - @vuela.mente.

Sobre o que pode o corpo³⁸ que materna, os espaços que eles ocupam, as suas derivações e afetações, destaco um achado nos meus “escritos”.

“Era uma manhã de domingo, do café às escritas científicas. A mulher, a mãe, as subjetividades produzidas entre afetos. A ciência estava nas infâncias que cantavam, contavam, desenhavam e declaravam Amores. Foi nos olhos do pai, desenhados pela Nina e nos bilhetes do Chico, que a escrita foi parida. É partida! Nem sei onde me encontro: Pauso; Duvido; Começo; Resisto; Revoluciono; Sigo entre pão e café no cafuné das mãos que são colos, dos braços que formam redes. Na hora que eu me permito estar em outro lugar, longe deles. Um dia, essa história, eles irão contar. Volto ao que escrevi e nem preciso me fazer entender. Existo!”³⁹

Figura 10 - Não há liberdade.



³⁸ Parafraseando o Espinoza.

³⁹ A escritora transita pela escrita deste trabalho interrompida pelos deveres do papel imposto à mulher.

Fonte: Imagem retirada da página de Sarah Carolina @maternagempreta.⁴⁰

O recorte acima conversa com a citação de Maria Collier de Mendonça (2018) ao se referir a Andrea O'Reilly (2016). Logo em seguida, apresento a interação das seguidoras com o que foi publicado.

Eu argumento que o esquecimento do materno na teoria feminista está menos relacionado ao essencialismo de gênero do que à necessidade de se mascarar e negar o materno – nutrição, dependência humana, cuidado e emoção – nas nossas vidas. Reconhecer o materno é lembrar que os seres humanos não são autossuficientes, nem livres, nem sujeitos sem raízes; tal como a espécie vitoriosa do neoliberalismo, celebrada pelo feminismo contemporâneo (O'Reilly, 2016, p. 206-207, tradução de Mendonça).

Figura 11 - Confissões?



rosannapino Mana nem me fale: acordei com muita dor de cabeça, coriza, super cansada pq o mais novo acordou de madrugada chorando... eu n pude voltar a dormir pq tive q vir com minha filha fazer as terapias dela... ser mãe é se doar até na doença, quem cuida de quem cuida??? 😭

5 sem 1 curtida Responder Ver tradução



adeborapreto Ohhh saudade!

Hoje acordei no silêncio. Nem a cachorra estava latindo. Consegui até fazer um exercício de energização. Milagres acontecem ❤️

5 sem 1 curtida Responder Ver tradução



reinterpretate O café da manhã era a minha refeição favorita, que eu gostava de fazer com calma 😊

5 sem Responder Ver tradução

Fonte: Imagem do Instagram de @maternagempreta.⁴¹

Segundo Arfuch (2002, p. 30), “A narração de uma vida não vem ‘representar’ algo já existente, mas impõe sua forma (e seu sentido) à própria vida”. As narrativas apresentadas nestas capturas falam de si. Falar de si e produzir verdades, expondo-as a outrem, na concepção

⁴⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Csiy9-5Om1z/> Pesquisa realizada em 29 de junho de 2023.

⁴¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Csiy9-5Om1z/> Pesquisa realizada em 29 de junho de 2023.

foucaultiana, também, é produção das subjetividades, criando saberes e, assim, criando lugares de poder.

Ao contrário da necessidade de purificação pela escrita que desenrola o filme da vida, como nas autobiografias clássicas masculinas, que visam zerar o passado e aliviar a alma, essas narrativas femininas visam romper o isolamento feminino na vivência da dor; portanto, acentuam a dimensão do testemunho, apontando para a denúncia das violências sofridas pelo terrorismo do Estado, pelo autoritarismo do partido político, pela Igreja ou pelos preconceitos sociais. Ao contrário de um mea-culpa, afirmam a necessidade das rupturas subjetivas realizadas e buscam legitimá-las, apesar das diferenças que caracterizam a maneira como olham para si mesmas e redesenham suas trajetórias pessoais (Rago, 2013).

Posto isso, é possível dizer que a vida da mulher do século XXI trava uma questão, bastante paradoxal, e está centrada na maternidade, uma vez que a mãe ainda sofre as imposições sociais que exigem dela total abdicação, enquanto corporificação do mito do amor materno. Ela é aquela que conquistou o seu lugar na sociedade, principalmente no mercado de trabalho, mas que, no seu ambiente doméstico, ainda cumpre a sua dupla jornada (Rago, 2013).

É esse conflito que simboliza a vida da mulher contemporânea e parece não haver conciliação possível entre a maternidade e o trabalho. E ainda, se ser mãe não é mais o ápice da vida feminina, então qual lugar a maternidade ocupa? Levando em consideração esse dilema feminino, procura-se entender aqui, por meio de um percurso histórico, como a maternidade chegou a essa encruzilhada: ou a mulher trabalha ou ela é mãe? Isso quando pode escolher, muitas mulheres são estupradas, ou abandonadas por seus parceiros e tem que trabalhar. A escolha já é um privilégio. Assim, essa mãe deslocada passa a viver o conflito da maternidade, situando-se no limiar entre o desejo de ceder ao chamado da natureza e não conseguir atender às demandas sociais que são exigidas dessa nova mulher. Talvez esse seja o ponto de partida e o de chegada de todas as discussões feitas nesse trabalho – a mulher ainda deveria ser mãe? Ou se poderia questionar até quando se impingirá o estigma de ser chamada mãe deslocada, mãe desviante, por questionar que tal forma de maternação não condiz mais com a nova forma de ser mulher.

4.1. Achadouros: narrativas nascedouras de culpas

Em uma dessas caminhadas para o campo de escrevinhação - de lá a vista tinha possibilidades outras de sentidos -, as vozes potentes dizem que algumas mulheres resistem e tornam as mulheres mais vistas. Desse modo, trago Guacira Louro (2014) como referência,

quando ela diz que tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência.

É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras, negras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, "de apoio", de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação (Louro, 2014).

Com o objetivo de fazer avançar essas análises e acreditando na potencialidade dos empreendimentos coletivos, algumas mulheres vão fundar revistas, promover eventos, organizar-se em grupos ou núcleos de estudos (Louro, 1997, p.18).

Assim se faz, é acontecimento, o coletivo dessas mulheres nas redes digitais existe e acontece. Desde os anos 60 que o movimento feminista se estende pelo mundo ocidental. Surgiu um novo discurso feminino – destrói-se assim o mito da passividade da mulher, a teoria da mãe espontaneamente dedicada e sacrificada como a receber furos de resistências e brechas. Desse modo, muitas mulheres começam a recusar a maternidade e fazem morrer a teoria da mãe espontaneamente dedicada e sacrificada.

As mulheres começaram a recusar a maternidade como a única razão para a sua felicidade e realização; começaram a «exigir» aos homens as 1001 partilhas dos encargos da maternidade e da educação. A maternidade deixa de ser a primeira e única preocupação da mulher; a par dela, vêm outros ideais. A mulher a que Simone de Beauvoir (2019) chama de independente, estuda, faz um curso, ingressa numa carreira profissional; atendendo às dificuldades de conciliação, irá adiar cada vez mais o ser mãe. Elas insurgem, resistem.

“E eles viveram felizes para sempre.” O que você vê? Uma mulher casando-se. Não é curioso que este seja o final da história? O que acontece depois com essa mulher que é tragada pelo casamento e pela maternidade, ninguém nunca sabe. Ninguém conhece as histórias das princesas de meia idade que deram toda a sua energia para que seus filhos se tornassem reis. Ninguém sabe o que acontece depois do final da novela. E o que acontece nem sempre é bacana (Beauvoir, 2019).

Eu sei que é um traço muito forte da nossa socialização induzir nossas meninas para a ideia de que o casamento é o ápice da trajetória de uma mulher. Cultivar o sonho da noiva como o dia mais importante da vida de uma jovem... isso é tão... triste! Tantas coisas fantásticas que podemos realizar e tudo que ensinamos a nossas meninas é que o "dia mais importante da vida delas" é o casamento? Tem noção da dimensão disso? De como isso diminui, de como isso pulveriza o potencial de uma mulher?

Meninos são preparados para o mundo. As histórias sobre eles mostram homens em grandes aventuras, se tornando heróis. O dia mais importante da vida deles nunca é sobre casar-se, mas o dia que ele finalmente alcança a vitória. O final feliz de um homem o mostra no topo do mundo que ele conquistou. O final feliz de uma mulher a mostra se entregando a um homem por quem foi conquistada. E meninas e mulheres que fogem à regra heteronormativa são severamente punidas, e ostracizadas, e rejeitadas. A heterossexualidade compulsória condena todas as mulheres a uma síndrome de Estocolmo onde são ensinadas a amar devotadamente seu captor (Del Priore, 2009).

Mulheres não aprendem uma lógica de relacionamento onde devem esperar companheirismo e lealdade, mas uma onde tem uma função de serviço e subalternidade. Homens não aprendem que mulheres são pessoas como eles e merecem respeito. Precisamos romper com essa lógica de dominação. Precisamos oferecer mais para as nossas meninas que um destino onde o "final feliz" se resume a entrar em um casamento e servir a um homem, uma casa e toneladas de filhos (Santos, 2023).⁴²

A rememoração também significa uma atenção precisa no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente (Gagnebin, 2006, p. 55).

A memorização do vivido e a construção de um arquivo pessoal são modos de subjetivação que possibilitam o encontro de um lugar no presente, um abrigo para instalar-se e organizar a própria vida, especialmente no caso das experiências traumáticas (Rago, 2013). Desse modo, percebe-se que a internet e as redes sociais digitais são um cenário real de modos de produção de subjetivação, como também provocam alterações nesse movimento feminista, o que motiva algumas autoras a nomear o momento presente como uma quarta onda do feminismo. No Brasil, costuma-se situar essa passagem a partir da década de 2010, utilizando como marco a primeira edição da Marcha das Vadias no país, realizada em São Paulo, no ano

⁴²Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cq-iKemu7ud/> Pesquisa em 28 de junho de 2023.

de 2011 – evento que contou com uma mobilização massiva através das redes sociais (Perez; Ricoldi, 2018).

Sendo assim, é importante considerar que essa capacidade não é tampouco uma propriedade da carne, do corpo, da psique, da mente ou da alma. É, simplesmente, algo variável, produto ou propriedade de uma cadeia de conexões entre humanos, artefatos técnicos, dispositivos de ação e pensamento.

Quem somos? A intersecção, flutuante em função da duração, dessa variedade, numerosa e muito singular, de gêneros diferentes. Não deixamos de coser e tecer nossa própria capa de Arlequim, tão matizada ou tão disparatadamente colorida quanto nosso mapa genérico. Não tem sentido, pois, defender com unhas e dentes um de nossos pertencimentos; o que se deve, ao contrário, é multiplicá-los, para enriquecer a flexibilidade. Façamos 130 farfalhar ao vento ou dançar como chama a bandeira multicolor do mapa-documento de identidade (Serres, 1994, p. 200).

O devir nunca é uma imitação. O devir é como uma dança constante. Para pensar o devir, é preciso livrar-se de alguns contrassensos. O devir não designa um estado de insuficiência. Não é uma falta de ser. Ele não carece vir-a-ser outro para tornar-se real. Nem por imitação (copiar outro), nem por identificação (ser outro), tampouco por transposição de relação (fazer como outro). Devir é tornar-se diferente de si. É potência de acontecer, diferindo de si sem jamais confundir-se com o estado resultante dessa mudança (Deleuze, 1999).

Será que o conceito de devir estaria excluindo a possibilidade de imitação? Parece-nos que o devir não anula a possibilidade de emergência das imitações. Porém, é importante marcarmos que a noção de imitação está próxima da ideia de uma representação do real, ou seja, imitar seria sempre reproduzir algo ou alguém, sempre imitação de uma forma, de um sujeito. Uma diferença fundamental se desenha entre um devir e uma imitação. Para esta última, o que importa é assemelhar-se à forma pretendida, ao sujeito intentado (Deleuze, 1992).

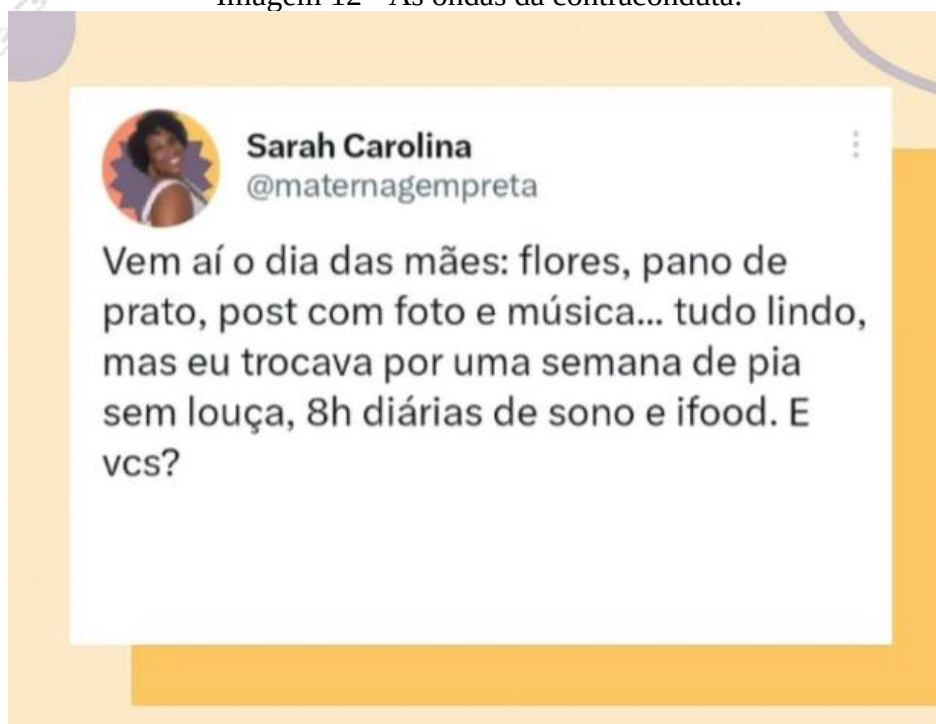
Entretanto, num devir, o que se passa é anterior às formas e sujeitos. Trata-se, num devir, dos movimentos das linhas que compõem um corpo, das passagens moleculares que agenciam partículas numa condensação temporária para constituir um cruzamento que delineia um outrem, sempre em vias de acontecer.

O devir não estaria no plano do sujeito, nem submetido às formas instauradas, já que ele opera de maneira muito infinitesimal, decompondo silhuetas duras num gradiente de velocidades e lentidões inapreensível à dimensão da maternagem formal, “as mães que dão conta de tudo”. Esse movimento de passagem, levado ao infinito, efetua-se num plano pré-individual, que antecede a constituição das formas e dos sujeitos. É que devir não é imitar algo

ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais⁴³ voltadas para a moral. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma - norma.

Devir é, a partir do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo (Deleuze; Guattari, 1997, p. 64).

Imagem 12 - As ondas da contraconduta.



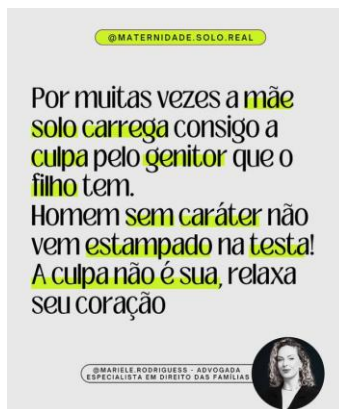
Fonte: Imagem disponível no instagram de Sarah Carolina - @maternagempreta.⁴⁴

Ao compartilhar suas histórias pelas redes sociais, as interlocutoras, marcadas por diferentes experiências, demonstram que o sexismo ainda existe e é um problema enfrentado pelas mulheres cotidianamente, desnaturalizando situações machistas. Assim, elas combatem a normalização de certas crenças e comportamentos, evidenciando que esse é um assunto que precisa ser debatido com seriedade por toda a sociedade. Além disso, as postagens trazem o recorte racial, as formas de insurgir.

⁴³ Quando me refiro ao formal, estou me referindo às normas, à moral.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/maternagempreta/>, pesquisa em 27 de junho de 2023.

Imagem 13 - A culpa como adereço.



Fonte: Imagem disponível no Instagram de @maternidade.solo.real

A culpa chega e a conta não fecha, as conversas e as narrativas dessas mulheres - mães, principalmente, aquelas que se apresentam como solo - também são voltadas para as escolhas dos seus parceiros. Segundo Nietzsche (2009), o critério da culpa é estabelecido pela dicotomia do bem e mal, como um horizonte para a origem na moral. Mas, qual moral? A duradoura moral judaico-cristã. Ainda de acordo com Nietzsche, toda a valoração é humana, o que significa dizer que é suscetível às transformações convenientes sob os quais se pode conduzir um agrupamento. Como questão metodológica relevante, ele sugere a distinção existente entre um “prejuízo teológico” e um “prejuízo moral”.

Falando em costumes e cultura, na judaica-cristã, o corpo feminino é construído pelo materno, a mulher é aquela que pare, ou é a “puta”. Não lhe sobra quase nada a mais. Sobra o sofrimento desses corpos, pois são vigiados, regulados por forças ativas e reativas, fazendo dessa maternagem uma tarefa mais complexa, desafiadora e solitária do que já é (Butler, 2003).

Retomo a postagem para conversar com as outras mulheres-mães e notar o que foi apresentado pelos autores referidos.

Homens sem caráter não vêm com um aviso na testa. Você não é culpada pelas ações dele. Relaxa seu coração. A culpa te impede de seguir em frente e ser a mãe incrível que você é. Concentre-se apenas em você e no seu filho.
 ❤️➡️ Para mais conteúdos, siga @mariele.rodrigues (@maternidade.solo.real, 2024)⁴⁵.

Se eu estiver errada q Deus m perdoe, mas qndo o conheci achei q poderíamos construir uma família mas ele só trouxe desgraça e foi negligente com o filho

⁴⁵ Fala retirada da página da criadora de conteúdo, no dia 29 de março de 2024.

nunca procurou solução só soube falar q eu não poderia engravidar... Muito triste faz 10 anos q m libertei de alguém assin (@contaprivada, 2024).⁴⁶

A investigação acerca da questão dos valores morais, segundo Nietzsche, não deveria promover o advento da justificação “além-terra”, mas deveria agarrar-se às metamorfoses valorativas, que lhes foram concedidas no plano terreno. O problema moral é “humano, demasiado humano”. Mas o que isto significa? Que o conjunto dos princípios, atributo dos valores, foi, é e será instituído a partir de motivações humanas. Que o conjunto das regras básicas, que nos instigam a permanecer biologicamente vivos, suportando o fardo existencial, não encerra a familiaridade com o sagrado, mas, sim, intimidade com a vontade insaciável de permanecer, de seguir adiante, independente das circunstâncias (Guay, 2022).

E a culpa? A culpa, primeiramente, surge como proveniente do conceito material de débito. Dano e dor transmutados em relação de credor e devedor. A mudança parece brusca, mas com a “fabricação da memória”, e para conseguir atingir a estabilidade do necessário dito como verdadeiro, contrário ao casual, ou seja, o cumprimento da promessa ou da palavra empenhada, forjou-se o mecanismo compensatório. Aquele que está devedor empenhou sua palavra, prometeu. Caso não consiga cumprir o prometido, que seria honrar a palavra empenhada enquanto mecanismo compensatório, permitirá ao credor o direito de apropriar-se da intimidade que lhe pertence, tal como a vida ou a liberdade. Esta noção de dívida compensada a partir de algo muito próprio teria facultado a memorização e fixado as leis da moralidade. O mecanismo da compensação torna crível toda a promessa. Mas o principal elemento da relação credor e devedor aliado à promessa, dirá Nietzsche, se encontra muito além da apropriação de um bem material (Guay, 2022).

Ao credor, consoante o mecanismo compensatório, era consentido o direito de aplicar a força sobre o devedor, a fim de obter sua liberação pessoal. A satisfação do credor consistia no direito de poder aplicar, ao devedor, um castigo, em poder liberar a crueldade livre da culpa! Com a legitimação da penalização, legitimou-se o direito de praticar um ato de violência sem ser associado à maldade, ou de não ser julgado, moralmente, mau. A “satisfação íntima” (Nietzsche, 2017, p. 66) do credor está em poder aplicar um castigo, de “faire le mal pour le plaisir de le faire” (Nietzsche, 2017 p. 66), em poder praticar a violência consentida. Era este momento de glória/gozo que impulsionava o credor a cobrar uma dívida (Guay, 2022).

⁴⁶ Comentário retirado da publicação compartilhada da página @maternidade.solo.real, no dia 29 de março de 2024.

Em relação à Culpa Materna, podemos retornar da Badinter (2011). Desde o último terço do século XVIII, no contexto ocidental, a culpa caracteriza um importante elemento da construção da figura materna, atuando também como recurso coercitivo para que a mulher exerça uma maternidade a mais próxima possível da que é socialmente estabelecida como desejável – uma mãe que assume total ou maior parte da responsabilidade pelos filhos, devotada, amorosa, que oculta sentimentos conflitantes e se penaliza por seus erros

No entanto, apesar de reconhecerem a existência da culpa, algumas postagens se empenham em processar as frustrações maternas para que a mãe – no caso, tanto a autora da publicação quanto a pessoa que lê - se afaste desse ressentimento. Dinâmica semelhante ocorre nos comentários recebidos pelas postagens, feitos por mulheres que, partindo de suas experiências particulares, afirmam lidar com o mesmo problema em relação aos filhos e ao exercício do papel de mãe (Souza, 2018).

Trago mais um relato de uma mãe feito em 2017:

Espero o dia que eu vá rir de tudo isso. Não, não foi piada ou a mania de soltar uma frase clichê. EU realmente espero um dia que eu possa rir de tudo isso. Espero que chegue um dia que eu me ache uma mãe normal como todas as outras. Um dia que eu consiga dar conta como todas as outras mães dão sobre da maternidade que sou (somos) cobradas. Porque tem mães que dão conta de 2,3,4 filhos e eu com 1 não consigo ?To cansada. Cansada de por uma armadura num corpo cheio de esparadrapo. To cansada de falar que to cansada também, que fique claro. A maternidade dos outros parece tão fácil. Os blogs de maternidade hoje em dia romantizam uma criação que só parece não funcionar dentro da minha casa. Eu não quero dar tudo o que meu filho pede, eu quero que ele aprenda pedir o necessário. Eu não quero ficar fazendo postagem de lugares legais com crianças só pra ganhar like ou “status” de blogueira sendo que na verdade é um tormento sair e ficar correndo atrás, e ficar falando pra parar, pra não gritar, pra e comportar... Também não quero ficar reclamando de filho e passando um ar de que odeia tudo isso aqui, porque também não é verdade. Eu amo meu filho, quero ter outro filho (um dia) inclusive. Mas to cansada. Provavelmente de mim mesma... (@rotinademãe)

Me identifico perfeitamente! Mas Deus em sua infinita graça e misericórdia renova nossas forças a cada manhã. Confie nele! 🙏 (Resposta de uma @contaprivada).

O não amar a cria, para as mães humanas, parece estar muito mais relacionado a questões sociais e culturais. Quando a cultura prevalece, o nascimento de um filho homem, como é o caso da Índia e da China, certamente, será mais festejado do que o de uma menina. Nancy Scheper-Hughes (que estudou as mães das favelas brasileiras) foi convencida de que o amor de mãe é tudo o que quiserem menos natural, e apresenta, antes, uma matriz de imagens, significados, sentimentos e práticas que são por toda a parte social e culturalmente produzidos (Souza, 2018).

A culpa a adoece, enclausura. Posto isso, teço mais uma referência a Nietzsche, como primeiro filósofo a priorizar o esquecimento sobre a memória. Ele afirma que não existe esperança, orgulho, felicidade ou presente sem ela. Viver seria inclusive esquecer a própria mortalidade, faz parte de estar vivo suspender a única certeza: a de finitude. Desse modo, esquecer seria uma prática indispensável, uma força plástica, modeladora, o que impediria a fixação capaz de tornar o sujeito refém das marcas do passado. A culpa vem disso, do que não se esquece (Franco Ferraz, 2016).

O ato de esquecer, para Nietzsche (2009), na sua segunda dissertação da Genealogia da Moral, está associado ao de digerir a atividade mais espiritual do homem. Uma das hipóteses que ele segue é de que nenhuma ação é possível no presente sem algum esquecimento do passado. Esquecer então seria fundamental para assegurar um corpo saudável, não ressentido, não melancólico, não nostálgico, é a saúde da alma.

A digestão não é o oposto da memória, mas uma liberação, ao processar as experiências - ruminando-as. É possível libertar-se delas e do ressentimento que causam. Não liberando, não há diferença, só repetição.

Imagem14 - O que se repete.



Fonte: Página do Instagram de Sarah Carolina - @maternagempreta.⁴⁷

⁴⁷ Disponível em <https://www.instagram.com/p/CpNQ9rtt46H/> pesquisa em 22 de junho de 2023.

O diálogo entre aquelas que produzem conteúdos e as consumidoras se estreitam com as redes eletrônicas e as críticas a expressões. É comum que os movimentos feministas sejam divididos didaticamente em “ondas”, ou “gerações”. Por essa ser uma periodização artificial, apresenta limitações, já que não contempla as diversidades e nuances de cada geração de feministas, nem as particularidades de cada país. Porém, utiliza-se a metáfora da onda para entender que existe uma fluidez no movimento, que acompanha avanços e retrocessos, novas pautas e novas discussões para pautas antigas (Marx, 2022).

Meninas crescem realizando a soma de um bombardeio incessante de mensagens que foram todas organizadas e mantidas por um sistema controlado por homens. E cujo resultado passa uma mensagem muito clara: “ser mulher é ser a sobra, o resto, tudo aquilo homens não querem ser por ser o “negativo”, por não ser conveniente aos seus interesses de dominação. Homens são pessoas e mulheres são um objeto que eles dão forma. Você deve existir para servi-los, em qualquer esfera, e principalmente sexualmente. Você deve existir para cuidar da reprodução da vida enquanto eles conquistam o mundo. E se você recusar-se a obedecer, se você recusar-se a seguir as leis patriarcais, você irá pagar muito caro. Talvez com sua própria vida (Santos, 2023).⁴⁸

Imagem 15 - Um basta a objetificação.



Fonte: Página do instagram de Cilas Santos - @militanciamaterna.⁴⁹

Nas narrativas as quais versam realidades que as aproximam, encontram acolhimento, rede de amparo, criam páginas intituladas como amparo e apoio, entretanto, muitas utilizam desse meio para vender escuta. Dessa forma, acabam usando a mídia, com viés feminista, favorecendo o exercício do consumo do ativismo, identitário e de cidadania por apresentar

⁴⁸ Texto retirado da postagem de @militanciamaterna . Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ct_1DFIAQiB/ pesquisa em 17 de junho de 2023.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrdcPEYPsNj/> pesquisa em 20 de junho de 2023.

pautas políticas e sociais, e também por, de certa forma, influenciar as práticas de consumo das leitoras e seguidoras. Um movimento necessário, mas que muitas influenciadoras utilizam do espaço, ministrando cursos de parentalidade, como forma também mercantilista.

A consciência das transformações globais, aliada às modificações de toda ordem porque passa o sistema-mundo capitalista, afetou o consumo e levou um número crescente de consumidores e cidadãos a utilizarem a esfera das compras, bem como as mídias digitais, especialmente as mídias sociais, como arenas políticas (Domingues; Miranda, 2018, p. 03).

No entanto, é importante conhecer toda a trajetória histórica do feminismo no Brasil e o papel da mídia nesse processo. Vale destacar que, ainda na primeira metade do século XX, no Brasil, as mulheres já faziam uso de ferramentas da comunicação para reivindicar seus direitos. Neste período, como forma de lutar pela garantia do sufrágio e pela inserção no mercado de trabalho, as mulheres faziam uso de panfletos com reivindicações trabalhistas e também produziam jornais impressos.

Produção - uma pausa - volto e reviro o que me trouxe a esse tema, a abordar narrativas, penso no que produzo, o lugar que me encontro. Mulher branca cis, heterossexual, casada, mãe de duas crianças com desenvolvimento “típico”, preciso estar atenta para reconhecer as diversas experiências e realidades que me cercam quando escrevo nas redes sociais. Como também, utilizo a sensibilidade para os recortes das mulheres que trouxeram aqui comigo. Destaco, ao final desta seção, Elisama Santos, assim como comecei com ela:

Não acho que a gente só sabe o que é amor quando tem filhos, não acho que a maternidade traz plenitude, não concordo com as baboseiras que nos fizeram acreditar. Eu provavelmente seria feliz sem filhos. E sou feliz com eles, desse jeito caótico, único e especial que faço e refaço todo dia. Que chegue o tempo em que não teremos uma lista imensa de ausências. Que chegue o momento em que educar seja missão amparada, cuidada, vista. Que sorriso de filho não seja responsável por pagar a dor que ele não impõe. Até lá a gente reclama, dá nome à dor, grita por igualdade, luta por um mundo melhor, enquanto curte abraço apertado e jogo de tabuleiro. Eu quero aproveitar e gozar do paraíso. Me recuso a padecer. Dias melhores à nós, amigas mães. Feliz dia, minhas queridas! ❤️⁵⁰

Considerar outras vivências e atravessamentos diversos para pensar a maternidade de forma plural remete ao que Löwy (2000) reflete sobre a “tradução imperfeita” e o “universo concreto” que se constitui como força criadora desenvolvida no campo dos estudos feministas, em uma perspectiva de se colocar em diálogo com o Outro. Para a autora, a interação entre

⁵⁰ Postagem realizada no dia das mães. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsOceBAOcAn/> Pesquisa em 20 de maio de 2023.

indivíduos e grupos situados e o esforço para alcançar o ponto de vista do outro situa-se na origem do enriquecimento de nossa compreensão do mundo. Fica, então, perceptível essa ideia de Löwy (2000) na postagem de @elisamasantosc, que teve 5.275 curtidas e comentários como este:

*Finalmente alguém não associa a tal da plenitude à maternidade, texto muito verdadeiro, lindo e não romantizado 🙌 (Conta privada, 2023).*⁵¹

Os sites de redes sociais constituem, portanto, espaços que possuem recursos por meio dos quais os usuários articulam a maneira como desejam se apresentar aos demais – ainda que mediados pelos próprios softwares e dispositivos de interação – empreendendo, portanto, performances de si nesses espaços. São ambientes em que o usuário seleciona quais aspectos de sua personalidade, trajetória e/ou rotina serão revelados ao olhar alheio, com finalidades diversas [...] tendo em vista uma intencionalidade performática, projetando-a ao público pelo qual deseja ser visto (Polivanov, 2014, p. 5)

Lévy (2011) mostra que o virtual e tudo que se refere a este ambiente é marcado pela “não-presença”. É neste sentido que a ideia de desterritorialização deve ser compreendida já que “[...] nessa era de informações on-line, esse endereço seria de qualquer modo transitório e de pouca importância” (Lévy, 1996, p. 19). Mas vale salientar que, embora o espaço do virtual seja o espaço do transitório, isso não quer dizer que ele não exista. A grande questão a ser considerada é que o universo do virtual trouxe para o cotidiano um espaço que não possui uma designação, mostrando que é possível que grupos se organizem para a realização das suas atividades, usando como elementos os sistemas de comunicação originários desse espaço de não-presença.

Desse modo, não estar presente não é um problema, assim como a distância física entre aqueles e aquelas que não estão presentes também não se constitui em uma dificuldade, pois eles irão se encontrar nesse lugar de não-presença que o espaço oportuniza, através da sociedade em rede e de seus “nós”. É assim que se dão as virtualidades:

[...] não é nem boa, nem má, nem neutra. Ela se apresenta como o movimento mesmo do “devir outro” – ou heterogênesse – do humano. Antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela, proponho que se faça o esforço de apreender, de pensar, de compreender em toda sua amplitude a virtualização (Lévy, 2011, p. 02).

Esse movimento de devir, conforme anunciado por Lévy, promove uma transformação estrutural na sociedade. De acordo com Castells e Cardoso (2005), este processo é multidimensional, e está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado

⁵¹ Comentário na postagem da página de Elisama Santos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsOceBAOcAn/> Pesquisa em 20 de maio de 2023.

nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos de 1960 e que se difundiram de maneira desigual por todo o mundo.

Salienta-se que, diante da má distribuição, sendo fato contemporâneo, é relevante questionar e investigar quem são as mulheres-mães que têm acesso a essas TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação). Os aspectos sociais e culturais estão diretamente relacionados a essa aquisição de informação e formação, e seguimos no movimento da diferença em não se virtualizar os romantismos que reforçam os discursos do patriarcado.

Sendo assim, sigo nos movimentos dessa rede que se configura como a tecnologia contemporânea que mais transita entre os diversos âmbitos da realidade social, de forma que “nenhum campo de opinião, de pensamento, de imagem, de afetos pode, daqui para a frente, ter a pretensão de escapar à influência invasiva da assistência por computador” (Guattari, 1999, p. 177). O pressuposto de um indivíduo que é origem e centro do pensamento, senhor de suas reflexões e ações, é desconstruído pela noção de uma subjetividade nunca dada, mas, sim, em constante processo, constituída no entrelaçamento de poderes, saberes e vozes de autorreferência (Guattari, 1999) que se articulam hoje em um processo de máquina-dependência.

Portanto, sigo me inspirando nas movências genealógicas, pela intenção de pensar as vozes, pensar e pensar... Costurando outros achadouros e escrevendo em conversação com as mulheres-mães do Instagram.

4.2 Ainda entre os achadouros: narrativas tecidas de ideais ascéticos e má consciência

Se fizéssemos uma leitura a partir de uma distante constelação, as letras maiúsculas da nossa existência na Terra talvez nos levassem à conclusão que a Terra é a verdadeira estrela ascética por excelência, um rincão de criaturas descontentes, arrogantes e repulsivas, que jamais se livram de um profundo desgosto de si, da terra, de toda a vida (Nietzsche, 2017, p. 186).

Os ideais ascéticos são um meio de valorar a vida, no qual ocorre uma negação da própria vida, para afirmar a criação de uma vida mais sublime e virtuosa. São resultados do ressentimento e da má consciência. Quem tem interesse pelo ideal ascético? Faz sentido escrever sobre a temática da maternagem e vincular a esse conceito de Nietzsche?

O ideal ascético se faz presente no artista, porém ele não é o autor desse ideal. O artista é apenas uma marionete desse ideal; no filósofo, mas para esse é apenas uma crença no ser em si, na essência das coisas; e o sacerdote ascético, aquele que diferente do artista e do filósofo

faz uso desse ideal para se manter no poder e usa-o como método monstruoso de valorar a vida, este sacerdote será o propagador do ideal ascético.

O sacerdote ascético tem nesse ideal não apenas a sua fé, mas também sua vontade, seu poder, seu interesse. Seu direito à existência se sustenta ou cai com esse ideal [...] um adversário tal que luta por sua vida, combatendo os que negam esse ideal?... Por outro lado, é improvável que uma atitude tão interessada perante nosso problema resulte especialmente proveitosa para ele; dificilmente o sacerdote ascético será um defensor afortunado do seu ideal (Nietzsche, 2017, p.185).

Nietzsche explicita que o sacerdote, enquanto uma figura para além do personagem religioso comumente conhecido, tira proveito do ideal ascético e é ele quem dita aos doentes a maneira de se viver. Os malogrados que não conseguem viver a vida buscam alívio para a dor e o sofrimento. O sacerdote ascético é o terapeuta desses doentes. Assim, ele cria seu rebanho, se mantém no poder, criando em todos um espírito de culpa e pecado (a razão do sofrimento). Cria ainda um mundo onde só é bem-vindo quem não é capaz de se autoafirmar, quem nega a vontade de poder, quem não é contra esse ideal ascético (Nietzsche, 2017).

O sacerdote ascético é herdeiro da moral de escravos e quer propagá-la. Ele quer adoecer os que estão sadios, pois se coloca como um salvador, o alívio dos sofredores, aquele que veio para livrar-nos da dor e o que basta é ouvir sua voz, que nos incita a ter nojo do homem (o da vontade de poder) e compaixão pelo homem (o homem asceta). A arma para isso é a humildade, piedade e compaixão. O sacerdote ascético é um carrasco da vida guerreira, esta que por ele é vista como singular, egoísta, pecaminosa e ruim. Nesse aspecto, ele põe também nos ascetas o ressentimento, no qual, para o sofrimento, deve de haver um culpado.

Enfim, podemos definir que “culpa” está relacionada com castigo, que gera no homem fraco revolta (ressentimento) por causa do sofrimento. Com essa revolta, o homem cria uma má consciência que é “a luta contra os sentimentos reativos, a guerra que lhes fazem os poderes ativo e agressivos” (Nietzsche, 2017, p. 63). Dessa forma, é com a invenção dessas noções que se inicia a inversão dos valores, na qual se instaurou uma moral escrava como dominante na civilização e cultura, ou seja, uma moral que conserva a vida negando a vida (vida entendida enquanto conflito e vontade de poder).

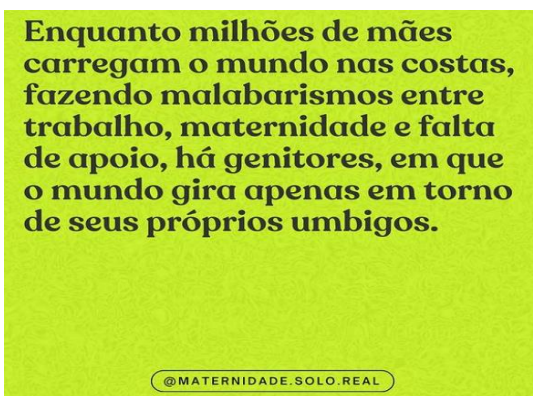
Mas não poderia haver erro maior e mais fatal do que os felizes, os bem logrados, os poderosos de corpo e alma começarem a duvidar assim do seu direito à felicidade. Fora com esse ‘mundo do avesso’! Fora com esse debilitamento do sentimento! Que os doentes não tornem os sadios doentes [...] o superior não deve rebaixar-se a instrumento do inferior” (Nietzsche, 2017, p. 197).

Segundo Nietzsche, a civilização ocidental torna-se doentia na medida em que nega a vida em sua totalidade que não é puramente racional, mas que tem seu sentido na vontade de potência. Teríamos uma saída? Como livrar-se desse sentimento de culpa ou dívida? A saída de tal situação, para Nietzsche, seria o declínio na fé desse tipo de Deus cristão asceta, um ateísmo.

Diante da maternagem, o que se dizer? Quando a mulher rompe com os pactos colocados a ela como algo instintivo, ela é o quê? Pecaminosa? Maldita? Nas sociedades tradicionais, a maternagem está associada a esses valores ascéticos. A mesma sociedade que faz campanha de cuidados à saúde mental materna é aquela que julga quando o “amor materno” não é declarado. Já trouxe aqui como esse instinto materno é visto na cultura ocidental como algo intrínseco, “um dom que seria exercido assim que houvesse a experiência da maternidade” (Nahas et al, 2019, p. 157) ao cuidar da criança, protegê-la, educá-la durante toda a sua vida.

Dessa forma, trata-se de um trabalho invisível (Larguia, 1982) justificado pela natureza biológica da mulher, sendo doméstico, privado, voltado para atender o outro ininterruptamente, continuamente, sem descanso. Em contrapartida, o trabalho do homem, por estar na lógica de produção de bens econômicos e de prover o lar, é um trabalho remunerado e visível. O trabalho da mulher-mãe ou, em outras palavras, a maternagem, fruto do instinto materno, é invisível, não remunerado e esperado pela condição da maternidade para que assim possa maternar (Lagarde, 2005). Como elas se encontram e compartilham esses sentimentos nas redes sociais?

Imagem 16 - Às costas das mães.



Fonte: Retirado da página @maternidade.solo.real.

Poderíamos então levantar o tapete e avolumar a terra por debaixo dele? Os ideais ascéticos nos levam a enclausuramentos outros, em pleno século XXI? Segundo Marcello (2005), a maternidade é um dispositivo de controle forjado na mídia, desde a era de revistas e

jornais, ao analisar obras de mulheres-mães famosas, os modos de vida e os modelos vinculados ao que se espera da maternidade sendo multiplicados como esse espaço de formação.

Contudo, além da mídia, o próprio sistema patriarcal, a sociedade, a família - os sacerdotes ascéticos - a Igreja, o Estado. O que podemos chamar de dispositivo, posto que é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (...) o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 2004, p. 244)

Já Deleuze sugere que as sociedades disciplinares possuem dois polos, "a assinatura que indica o indivíduo, e o número de matrícula que indica sua posição numa massa". Nas sociedades de controle, "o essencial não seria mais a assinatura nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha (...) A linguagem digital do controle é feita de cifras, que marcam o acesso ou a recusa a uma informação" (Deleuze, 1990).

A relação entre identidade pessoal e código intransferível (ou cifra, como diz Deleuze); a passagem de um a outro implica que os indivíduos deixam de ser, justamente, indivisíveis, pois passam a sofrer uma espécie de divisão, que resulta do estado de sua senha, de seu código (ora aceito, ora recusado).

Como exemplificação para tal referência, mostro o contraponto, a repetição. O que é possível encontrar:

Imagem 17 - A maternidade divina.



Imagem 18 – Salvadores.



Fonte: Retirado da página pública de @carolribeirocost Fonte: Retirado da página da revista @crescer.

Antes de conversar mais sobre as postagens e a possibilidade de elas versarem com o que tenho trazido até aqui, quero destacar que cada imagem contida é retirada de páginas abertas. Aqueles comentários que não forem de páginas públicas, não citarei as mulheres. Outro ponto, não há intencionalidade de julgamento, e sim, de interação.⁵²

Ambos, ciência e ideal ascético, estão sobre um único solo - já dei a entender isso -: ou seja, sobre a mesma crença na impossibilidade de desvalorização, e impossibilidade de crítica da verdade), e justamente com isso eles são *necessariamente* aliados. Assim, se forem combatidos, que possam sempre ser combatidos e questionados juntos (Nietzsche, 2017, p.241).

Como uma costura de vários tecidos, vou a Nietzsche e retorno para as mulheres-mães. Os filhos são suas inspirações e, em nome de “Deus”, elas também encontram o “refúgio”, o “consolo”.

“Quando cheguei em casa com um bebê nos braços, mãe de primeira viagem, precisei correr para Deus. Quando a amamentação nas primeiras semanas foram os piores dias da minha vida, precisei correr para Deus. Quando as cólicas chegaram e só o meu colo aliviava, precisei correr para Deus. Quando a privação do sono pesou [e ainda pesa], preciso correr para Deus. Quando a introdução alimentar parecia um completo fracasso, precisei correr para Deus. Quando as vacinas causam reações e exigem todo o meu cuidado e atenção, preciso correr para Deus. Quando as sonecas dão errado, quando a rotina foge do controle, preciso correr para Deus. Quando a casa bagunçada e as tarefas por fazer roubam a minha paz, preciso correr para Deus. Quando precisei tomar a decisão de não retornar ao trabalho, precisei correr para Deus. Quando penso nas minhas incapacidades e fragilidade para educar a minha filha diante de um mundo mau, preciso correr para Deus. Quando me vejo exausta, impaciente ou frustrada, preciso correr para Deus. Quando me vejo vaidosa e orgulhosa pensando que já aprendi alguma coisa, preciso correr para Deus. Não tem um dia desde que fui mãe que eu não precisei ou precise correr para Ele - e nem haverá nos dias que ainda hão de vir. Não porque ser mãe seja um fardo ou uma sucessão de dificuldades, mas porque a maternidade é um lembrete cuidadoso de Deus de que não precisamos e nem podemos seguir sozinhas - se tínhamos dúvida disso, a maternidade destrói ela. De tudo que a maternidade fez comigo, a maior e melhor delas foi me fazer mais dependente de Deus. Que ser mãe não nos faça dependentes de nenhuma outra coisa que não seja exclusivamente o Senhor ❤️” (@carolribeirocost).

Nota-se o cansaço, os deveres e tarefas do dia a dia e, nessa experiência com a maternagem, a fé é a ferramenta de consolo e acolhimento: “exclusivamente o Senhor”. É necessário correr para esse colo. O que pode esse corpo? O que diz Deleuze sobre isso? E você que lê, o que mais nota?

A mulher faz brechas, ela tem potência para abrir caminhos novos, produzir novas subjetividades não capturadas pelas rachaduras que faz nos modelos criados. É preciso saber

⁵² Já destaquei numa nota de rodapé lá no início, apenas reforçando por aqui.

jogar, é preciso outras danças, é preciso fazer malandrices. O cristianismo diz: a mulher veio da costela do homem, o patriarcado diz: a mulher deve respeitar o homem, e Estado diz: a mulher deve trabalhar (recebendo menos) e fazer dupla jornada. Para tudo isso, o devir-mulher responde: mas eu ainda não tive a chance de experimentar quem eu sou, vocês me interpretaram demais e não me deixaram experimentar (Deleuze, 2012).

Sendo assim, caminhemos, pode ser? Avancemos para dialogarmos também sobre escrevinhações outras que tecem com as mulheres-mães e seus modos plurais de maternar e fazer educação por meio dessas andanças, que transcendem os muros de formação acadêmica.

5 ESCRIVIVÊNCIAS OUTRAS: A MULHER-MÃE, MATERNAGENS E EDUCAÇÃO

Um capítulo dedicado a trazer outras pesquisas sobre a maternagem e que está associado ao campo da educação, como também das redes sociais. Iniciando com: Vista do Cativo da Maternidade, Dispositivo e Pedagogia da Mulher-Mãe: Reflexões Iniciais de Marcela Costa Chacel, publicado em 2023, com o objetivo de:

“O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a maternidade como espaço de aprisionamento das mulheres-mães, constituindo o que se postula aqui como o cativo da maternidade. Somado a isso, as instituições disciplinares a fim de manter as mulheres-mães cativas nesse espaço, funcionam como um dispositivo (Foucault, 2004; 2014) da maternidade, vigiando e controlando comportamentos, atitudes e modos de subjetivação das mulheres-mães. Para tal, o dispositivo emprega estratégias de pedagogização, especialmente através da mídia. Desse modo, além de promover reflexões à luz das discussões de Lagarde (2005), Badinter (1985) e Gilligan (2013), o trabalho se utiliza de relato de experiência, o que traz a voz da autora demarcada e de entrevistas em profundidade com mulheres-mães, apresentando outras vozes, para, sob a ótica da epistemologia feminista, analisar a maternidade para além do determinismo biológico feminino. Como consequência disso, percebe-se que a mulher-mãe vivencia seu maternar e a maternagem a partir de subjetividades controladas e para atender o modelo ideal de maternidade e assim, ser legitimada como boa mãe” (Chacel, 2023, p.173).

A vivência da autora com a maternidade e maternagem a impulsiona a pesquisar e escrever sobre as temáticas. Além disso, demarca as estratégias de pedagogização nas mídias. Chacel (2023) pensa e leva a pessoa que lê seu escrito a refletir sobre as questões da maternidade e a sua relação com o patriarcado, instituições disciplinadoras e ainda fala sobre os papéis de gênero. A autora chuta a porta e arrisca-se na inquietação sobre o impacto das relações dominantes de poder, nesse momento, usando Foucault (2014) como escudo e ferramenta.

Cita, também, a maternidade como uma escolha e não como uma condição chegando com toda a potência de Badinter (1985) e Banet - Weiser (2018), ao falar sobre os novos corpos femininos, de maneira que ser mulher não é apenas um vínculo biológico à vagina, ao útero e à menstruação.

Ao mesmo tempo, outras mulheres-mães, a Igreja, a sociedade, a medicina pediátrica e a mídia têm um papel fundamental na disseminação do que se espera de uma mulher-mãe, de forma que se torna uma estratégia do dispositivo da maternidade, a fim de pedagogizar a mulher no seu maternar.

Assim sendo, o presente artigo tem como objetivo geral discorrer sobre o cativo da maternidade e sobre o dispositivo da maternidade. Em paralelo, visa: (1) apontar os modos de subjetivação da mulher-mãe; (2) discutir sobre o mito do amor de mãe; (3) refletir sobre a maternagem e a ética do cuidado; e (4) compreender o papel da mídia na pedagogização da mulher-mãe. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, o trabalho tem como procedimentos metodológicos o relato de experiência e a pesquisa qualitativa. Em primeiro lugar porque, como já pontuado, sou mulher-mãe. Logo, o relato de experiência, entendido como uma narrativa na qual o sujeito, por meio da escrita, narra em primeira pessoa do singular um acontecimento vivido, experiências, impressões (Grollmus; Tarrés, 2015), é um caminho metodológico pertinente para o trabalho. Somado a isso, como as epistemologias feministas corroboram sobre as importantes contribuições que as vivências trazem para a ciência e para a construção do conhecimento científico, além da minha voz como sujeito mulher-mãe estar demarcada em todo o trabalho, igualmente busco dar voz a outras mulheres-mães. Por essa razão, também opto por utilizar a pesquisa qualitativa, compreendida por subsidiar uma maior profundidade de dados, levando em conta suas subjetividades dos sujeitos participantes, sem respostas predeterminadas (Hair Jr. et al, 2014). Escolhi as entrevistas em profundidade como instrumento de pesquisa e tracei uma amostra proposital de cinco mulheres-mães, cisgênero, todas residentes em Recife, PE, construída através de convite para participar do estudo. A amostra foi formada considerando o filtro de que os filhos estivessem na primeira infância, ou seja, com idade até seis anos (Chacel, 2023, p. 175).

Assim, ela segue com uma escrita trazendo a maternidade como Cativo, Dispositivo e a Mídia como espaço de Pedagogização. O meu foco será nesse contexto da mídia. Apresento este trabalho de Chacel (2023) como ferramenta para potencializar a justificativa - se é que é preciso - da minha Dissertação de Mestrado, trazer esse assunto dentro de um Programa de Educação.

[...] tratar de um processo concreto de comunicação (de produção, veiculação e recepção de produtos midiáticos), em que a análise contempla não só questões de linguagem, de estratégias de construção de produtos culturais [...] apoiada em teorias mais diretamente dirigidas à compreensão dos processos de comunicação e informação, mas sobretudo questões que se relacionam ao poder e a formas de subjetivação (Fischer, 2002, p. 155).

Fischer (2002) explana sobre a contribuição da mídia para a construção identitária da mulher-mãe, assim como exerce influência nos comportamentos e atitudes validadas da boa maternidade. Chacel (2023), inspirada em Foucault, afirma que esta instituição exerce controle, sendo utilizada para docilizar a mulher-mãe:

[...] a mídia determina, naturaliza, legítima, reforça e rompe paradigmas sociais, atuando como uma mediadora do conhecimento ao instaurar um processo de ensino e aprendizagem da maternidade e da maternagem. O fato é que na relação entre mídia e maternidade, encontram-se três abordagens pedagógicas: a naturalização da condição social da mulher sem ser mãe; o

corpo da mulher como propriedade bio-lógica para gestar um outro ser humano, o que subjugava a saberes e poderes das mais distintas práticas disciplinadoras; discursos de especialistas sobre maternidade e maternagem, normatizando modos de ser e de agir ideais para a mulher-mãe ser considerada uma boa mãe (Chacel, 2023, p. 185).

A mídia se atualiza, escrevo sobre Instagram, mas é necessário trazer à luz da história, que em um determinado contexto da sociedade e de suas questões políticas, como também, dos processos de comunicação estabelecidos a partir das plataformas pertencentes a esse cenário, as práticas educativas e modos de instituir e padronizar agir, já aconteciam desde o impresso ao falado. A respeito disso, no século XIX, encontram-se jornais especificamente voltados para a educação da mulher-mãe, alicerçada pelo conhecimento científico, a partir dos textos científicos publicados nos periódicos impressos (Tomaz, 2015).

Vale destacar que eram escritos por médicos e cientistas homens, eram matérias baseadas na ciência, visando ensinar à mulher-mãe os preceitos de modernidade para atender ao projeto republicano de nação, a fim de criar cidadãos adequados a esse novo contexto político e social. Retorno a Nietzsche com o ideal ascético. Assim, costuro a minha escrita com a pesquisa utilizada por aqui:

Ambos, a ciência e o ideal ascético, acham-se no mesmo terreno – já o dei a entender -: na mesma superestimação da verdade (mais exatamente: na mesma crença na inestimabilidade, incriticabilidades da verdade), e com isso são necessariamente aliados – de modo que, a serem combatidos, só podemos combatê-los e questioná-los em conjunto. Uma avaliação do ideal ascético conduz inevitavelmente a uma avaliação da ciência: mantenham os olhos e os ouvidos abertos para esse fato (Nietzsche, 2017, p. 241).

As revistas femininas ocupam um lugar de destaque, no século XX, principalmente na pedagogização da mulher-mãe, para esse saber cuidar corretamente dos filhos. Adivinha quem eram os discursos? Quem eram os especialistas? Acabei respondendo, não é? Os homens, os médicos pediatras, configurando-se como um saber autorizado para ensinar a mulher-mãe. Eles ensinam, a eles, o poder. O direcionamento principal era trazer a racionalidade de práticas alicerçadas no conhecimento científico para suprir o instinto materno (Chacel, 2023).

Estampado o ideal ascético, leia-se com inquietação, aqui é com intenção de causar o caos: a condição natural e instintiva é da mulher-mãe, mas ela precisaria de um reforço do saber científico, de tal modo que se tem uma maternidade científica, construída por quem? Isso é percebido nas revistas como *Crescer e Pais e Filhos*, historicamente concebidas para auxiliar na criação, na formação e na educação dos filhos pela mulher-mãe.

Seguindo a proposta histórica e de pensamento, Chacel (2023) traz uma curiosidade. A pedagogização da maternidade presente nos jornais e nas revistas era voltada, principalmente, para a maternagem, enquanto, no cinema e na televisão, a estratégia pedagógica da mídia está relacionada com a maternidade, no que diz respeito ao determinismo biológico, ao amor incondicional materno e aos modos de subjetivação da boa mãe. Isso pode ser observado nas telenovelas e nos filmes.

As narrativas giram em torno, ora da mulher que sonha em ser mãe e se realiza plenamente depois da maternidade, ora da mulher que é capaz de tudo pelo filho, inclusive de atitudes criminosas sendo justificadas pelo amor materno, ora da mulher que tem a vida e a identidade definidas por seu papel social de mãe, de tal modo, que é retratada como um ser casto, devotado, como a Virgem Maria. Em vista disso, é claro o papel da mídia como estratégia de pedagogização do dispositivo da maternidade para aprisioná-la no cativeiro da maternidade (Chacel, 2023, p. 186).

A propagação das tecnologias digitais e o crescimento de empresas de mídias sociais, destacando que a mídia não é composta apenas pela comunicação massiva, na qual, resumidamente, o fluxo da comunicação ocorre unilateralmente, de “um” para “todos”. O cenário atual traz múltiplas plataformas de mídia, nas quais o fluxo da comunicação se dá de forma bilateral, de “todos” para “todos”, de “um” para “um”, e assim, qualquer sujeito, desde que tecnicamente habilitado, consegue produzir e distribuir conteúdo, além de consumi-lo (Chacel, 2023).

Sendo assim, é possível acompanhar os múltiplos espaços de interação. Os temas são os mais variados, diversos consumidores:

Nessa conjuntura, vemos pediatras, profissionais da saúde, especialistas e mulheres-mães, abordando em seus perfis de mídias sociais, temas como parto, amamentação, alimentação, sono e desenvolvimento infantil, técnicas e práticas de cuidados infantis ancoradas na ciência. São conteúdos informativos majoritariamente direcionados para a mulher-mãe, o que é mais uma forma de reforçar a ética feminina do cuidado e a responsabilidade exclusiva da mulher-mãe na maternagem. Ao mesmo tempo, é possível encontrar discursos que questionam o papel do pai, as privações e aprisionamentos da maternidade, principalmente em perfis de mulheres-mães que rompem a norma e decidem falar sobre o peso de ser mãe numa sociedade patriarcal (Chacel, 2023, 187).

O trabalho da autora traz as perspectivas a respeito da pedagogização da mulher-mãe, citando que, mesmo sendo fortemente alicerçada para um controle do que é ser mãe, dentro do determinado pelo dispositivo da maternidade, é possível encontrar discursos que o desafiam. Os relatos das mães entrevistadas e os seus relatos são costurados de experiências com o Instagram como o espaço que possibilitou e ainda contribui para diversos aprendizados.

Entretanto, às vezes, elas se sentem mal quando acompanham algumas postagens. Sentem que queriam ser as outras mães.

Chacel (2023) vai caminhando para a conclusão do seu trabalho, trazendo seus vistos sobre o ambiente digital e como ele tem contribuído para o processo de debater os cativeiros da maternidade e a atuação do seu dispositivo. Inclusive, traz o movimento de mulheres-mães celebridades, digitais influencers, em abordar a “maternidade real” (Zago, 2021), mostrando os desafios, as dificuldades da amamentação, o corpo totalmente diferente da perfeição exposta na mídia, o papel do pai em todo o processo, entre outros.

Nesse sentido, de certa forma, nas plataformas de mídia on-line, vê-se uma nova pedagogia da maternidade, a qual visa ensinar as mulheres-mães a falar sobre, a se posicionar contra as normativas que legitimam a maternidade e convocar a reflexão sobre o peso atribuído à mulher-mãe na maternagem e sobre as expectativas culturais sobre o papel social de ser mãe. Tal movimento ganha espaço e força a partir dos movimentos feministas e a ampliação do debate das suas pautas nas redes online. No entanto, é impossível existir uma pedagogização da mulher-mãe pelo dispositivo da maternidade, na qual a mulher não seja dominada, nem oprimida aos interesses (Chacel, 2023, p.187).

Portanto, é possível acompanhar no trabalho utilizado como referência que a autora segue pontos os quais se conectam com a escrita da minha proposta por aqui. Ela se inspira e traz autores que apresentam e fazem pensar os espaços de mídias sociais como lugares de pedagogização. Deixo registrada a sua fala no final da sua escrita:

Assim, acredito que a tematização da maternidade e da maternagem é profícua para tensionar conceitos históricos e muitas vezes, tidos como algo tácito. A não romantização da maternidade, a busca por imagens reais da mulher-mãe, a visão mais equânime da maternagem e a compreensão da mulher-mãe antes de tudo como mulher e, portanto, sujeito social, são rupturas essenciais e urgentes. Dessa forma, mais do que controle e vigilância da mulher-mãe, podemos suscitar o debate sobre perspectivas reais da maternidade (Chacel, 2023, p.188).

Seguirei trazendo o segundo trabalho, fiz um recorte com duas propostas de conversação com os temas abordados. Esta obra é de Ana Luiza Figueiredo Souza, doutoranda em Comunicação pela Universidade de Fluminense, com o título: “*MATERNIDADE REAL*” NAS MÍDIAS SOCIAIS: PARTICULARIDADES, TENSÕES E NOVAS IMAGENS MATERNAS, publicado em 2021 no Seminário Internacional Fazendo Gênero. Saliento que a autora tem um livro publicado “*Ser mãe é foda!: mulheres, (não)maternidade e mídias sociais.*”

Souza (2022) se apresenta com o objetivo de explorar os modos diferentes de as mulheres construírem a performance da chamada maternidade real, e quais seriam suas implicações na maneira como a maternidade e a maternagem são vivenciadas e percebidas. Para

isso, tomou por base, exemplos brasileiros analisados junto a teorias dos estudos maternos, de gênero e de dinâmicas sociais contemporâneas.

Concluiu neste trabalho que a “maternidade real” se refere à realidade de cada mãe, seu lugar de fala, sendo que, nas mídias sociais, a maioria delas pertence às camadas médias da população. As narrativas que produzem são mais voltadas ao desgaste da maternidade, à ambivalência materna, aos julgamentos alheios e a modelos maternos e de maternagem hegemônicos. Tais descrições influenciam algumas mulheres a enxergar a maternidade como demasiado problemática. Muitas vezes, as performances possuem abordagem individualista, o que dificulta o aprofundamento do debate acerca de estruturas que mantêm a maternidade opressiva para mulheres. Ainda assim, costumam relacionar a maternidade a questões socioambientais, além de divulgarem novas imagens, discursos e práticas maternas (Souza, 2022).

Uma obra construída pela conceituação e explanação da ambivalência materna; da disputa de sentidos; justificativa, conveniências e tabus. Ao acompanhar e trazer para essa obra, como modo de ampliar os caminhos e apresentar para você que me lê, que não escrevo sozinha, sinto-me munida. A gente escreve e isso é um fazer ciência que realmente provoca as estruturas. Retornemos, pois, Souza (2022) convoca em outros termos o que esta dissertação já tem movimentado por aqui.

Souza (2022) fez sua pesquisa em 2016 e foca na temática da “maternidade real” usando autores como referência e o Instagram como o campo de pesquisa. Ivana Brown (2010) e Orna Donath (2017) são autoras que Souza (2022) traz para conversar com ela sobre a ambivalência:

Ivana Brown (2010) defende que ser mãe implica o sentimento de ambivalência e seus derivados — cobrança social, ansiedade e culpa —, sendo socialmente vigiada dentro e fora de casa ou das mídias sociais. Orna Donath (2017) percebe a ambiguidade que permeia o discurso das mães e a maternagem. Nas narrativas sobre a “maternidade real”, experiências aborrecidas caminham junto a momentos satisfatórios. O conceito de ambivalência materna pode ser usado, inclusive, para se referir às contradições da maternidade. Entre elas, o fato de que ter filhos seja fonte tanto de frustração, cansaço e dúvidas quanto de realização, motivação e aprendizagem (Souza, 2022, p.2).

Imbricado a esses tecidos, exponho Deleuze e Guattari (2012). Suas escritas nos apresentam que se todos os devires se efetivam por devir minoritizados a mulher é certamente o melhor porto de partida. Minorias que estão em maior número: trágico ou desafiador? Dando ao devir-mulher as maiores honras e fazem dele um dos mais importantes. Precisa passar por

aqui, pelo devir-mulher, para depois falar em devir. “Todos os devires começam e passam pelo devir-mulher. É a chave dos outros devires” (Deleuze e Guattari, 2012, p. 110).

A ideia de gratidão (pela experiência de ser mãe) se faz presente em algumas postagem, mas é colocada dentro de um contexto que mistura insatisfação (com o novo formato corporal) e satisfação (com aquilo que gerou essas transformações corporais), conforme se lê na continuação texto: “Nessa bagagem toda, me redescobri como mulher e mãe... Descobri uma mãe & mulher guerreira que jamais imaginava ser! Me orgulho e muito da mulher que tornei” (Rodrigues, 2021, sem paginação). Ao longo de toda a narrativa, podemos perceber a autora se posicionando entre “a cobrança de pessoas hipócritas” e “como foi difícil a aceitação”. Pondera, assim, os ganhos e perdas trazidos pela chegada dos filhos (Souza, 2021, p.3)

O trabalho de Souza (2021) permite refletir. A autora faz isso em suas escritas, que as narrativas sobre a chamada maternidade real, em vez de romperem com a normatividade materna já estabelecida, criam novas normas que aquelas as quais se referem à maternidade devem seguir. O foco no sofrimento materno o normaliza a ponto de restringir as possibilidades de se pensar a vida com filhos? Nas postagens compartilhadas no artigo, as mulheres-mães mencionam “todas as dificuldades de ser mãe”, reconhecendo que os obstáculos existem. Entretanto, optam pelo que denominam maternidade leve.

Se possível, quais pontos você pode perceber de semelhanças e diferenças entre os dois materiais que trago para conversar comigo? Além das outras pesquisas que realizei, podemos entender que estruturas seculares de exploração das mulheres, junto a pressupostos ideológicos da cultura patriarcal (O'Reilly, 2013), tornam a maternidade opressiva - o que se agrava em países que oferecem pouco amparo socioeconômico à população, como o Brasil. Souza (2021) apresenta a seguinte ideia:

Nesse sentido, a “mãe triste, exausta, ao ponto de estar quase sempre para explodir” reflete o cotidiano de muitas brasileiras. Por outro lado, retratar a maternidade majoritariamente pela perspectiva do sofrimento resulta em algumas potências maternas não serem tão exploradas, fazendo a maternidade ser percebida como demasiado problemática por muitas mulheres (Souza, 2021, p. 8).

É potência a tal ponto que o devir-mulher não se aprende com cartilha de boa mãe e boas condutas. Ele não se aprende, acontece numa velocidade e num movimento que não se percebe em nossos olhos e, sim, em nossos corpos (Deleuze e Guattari, 2012). Diante das multiplicidades de narrativas e contextos, mesmo diante de muitas repetições e cópias de um modelo hegemônico, outras imagens, narrativas e práticas surgem nesses campos de relacionamento, os “modos outros” de se relacionar.

6 NÃO SE CONCLUI, PENSA-SE

Peço licença para trazer a poesia nas próximas linhas. Foram movimentos entre silêncios e sons em volumes altos. Escritas paridas entre risos, choros, das minhas crias e meus também. Chegar a esse capítulo me remexe muito mais do que os iniciais. Por isso, deixo gotas de mim por cá. Questionei, compartilhei escritas de mulheres-mães, fui provocada por elas. E você? O que pôde extrair? O que se comunica contigo?

Imagem 19 - O devir mulher.



Fonte: Alexandra Levasseur.

Numa sociedade pensada pelos homens e para os homens, dizer que a mulher tem uma força que pode desestabilizar “identidades” e escapar pelas brechas e existir no entre é a provocação mais inquietante e deixei cravado em mim para não esquecer o quanto posso e o quanto podemos. Debaixo da casca da mulher, existem forças que simplesmente não podem ser dominadas, e nem podem ser compreendidas porque são forças de criação. O devir-mulher responde às perguntas que realizei durante esta escrita? “Mas eu ainda não tive a chance de experimentar quem eu sou, vocês me interpretaram demais e não me deixaram experimentar” (Deleuze; Guattari, 2012).

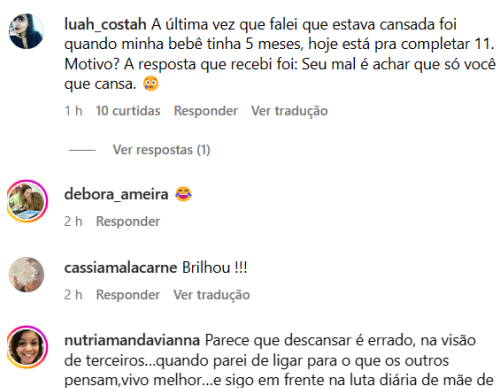
O devir quer romper com o essencialismo, identidades atadas. Encontrar aquilo que está dentro de si, que foge às formas estabelecidas. As mulheres-mães que denunciam aquilo que

lhe aprisiona estão a devir quando as potências dos seus movimentos estão além da forma mulher. Não é sobre forma, mas, sim, sobre as forças. Encontrar onde estão as forças de afirmação, não as formas de reconhecimento. Atuar no molecular, não no molar. O devir-mulher escorrega das teias do poder, sai do mundo das ideias e toca o chão. A mulher dança para escapar do poder pelo puro prazer do movimento (Deleuze, Guattari, 2012).

Não é sobre reconhecimento, pois esse está imbricado ao ressentimento. Nota-se entre as narrativas dessas mulheres essa busca do reconhecimento, pois foi criado pelo homem esse caminho do reconhecer, gerando o ressentimento e, conseqüentemente, tudo o que adocece esses corpos, o medo que paralisa. A tristeza por não ter dado conta, por não dar conta. Sintamos neste relato:

A sociedade espera que mães façam tudo sozinha e, conseqüentemente, não parem um minuto. Além disso, elas devem fazer apenas "por amor", né? Não pode reclamar, não pode querer parar... Como você lida com o cansaço e o descanso por aí? Nos conte aqui nos comentários. #maternidade #mãe #mães #economiadocuidado #cansaço Repost @andressareis. Descrição do vídeo: Andressa Reis fala em frente à câmera enquanto bota um queijo em uma torradinha e morde ela (@criancaeconsumo, 2024, sem paginação).

Foto 20 - Onde nasce o cansaço?



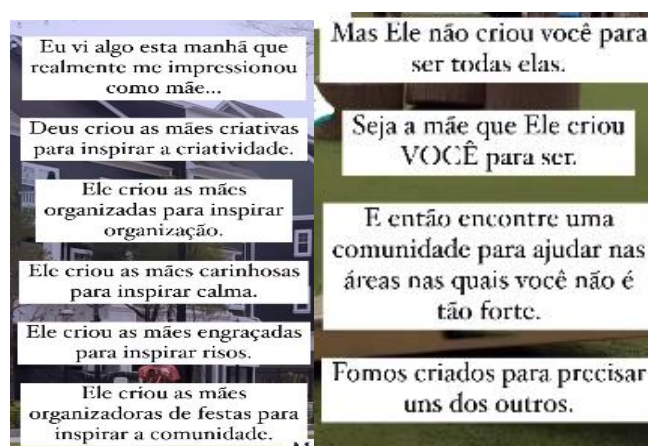
Fonte: @criancaeconsumo.

O risco com o ressentimento é tornar uma única bandeira como de luta. O devir mulher se afasta do homem na questão da não efetuação, mas é importante aproximar-se em direitos, com o cuidado para não cair em armadilhas. O corpo precisa estar atento e em movimento. Sabe-se que a luta se faz com forças de criação e conservação. É preciso entrar em devir sem se desfazer, é preciso cuidado de si. Por isso, um devir-mulher não pode simplesmente abandonar as lutas por direitos. Mesmo que vinculado ao Estado, as lutas por reconhecimento são importantes. Afastar-se quando necessário para retomar a capacidade de diferir de si mesmo (Trindade, 2016).

Nesse diferir, a proposta é que as mulheres possam criar valores outros, não os que estão postos e formatados pela sociedade patriarcal. Onde está o direito de criar valores? Para isso, é necessário fazer subir uma força que fuja às formas morais e encontre uma ética dos devires⁵³. O feminismo se torna produto do ressentimento quando passa a usar as mesmas armas de seus opressores e perde-se em seu campo de batalha, não queremos estar ao lado daqueles que nos oprimiram, mas buscar lugares novos, onde eles ainda não chegaram, encontrar um mundo de intensidades puras, para que não fique estagnada ao desejo de mudança.

Será que se trata de destruir esses lugares de competição de gênero? Como fazer isso? Como acontece nas redes sociais? Quem definiu o corpo da mulher? A mulher-mãe, quem definiu os modos de existência e o que ela precisa fazer?

Imagem 21 - Criador e criaturas...



Fonte: Perfil do Instagram Aberto @jackeline.costaaa

As teorias do “Ser”. De onde vem os ideais? Ele foi definido por homens. Onde está a essência feminina? É isso que estamos tentando dizer, ela não existe! Ela tentou ser definida por homens, mas a mulher abre espaço para o fora, o indefinível, o devir. A mulher não é um fim em si, ela é, usando uma analogia de Nietzsche, uma corda estendida, entre o sedentário e o nômade, entre o homem e o desconhecido. Um horizonte que se abre para todos os outros devires minoritários. O devir-mulher é primeiro, ele dá início à resistência de uma forma

⁵³ “Todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico chocam-se contra o muro da subjetividade capitalística” (Félix Guattari e Suely Rolnik, Micropolítica – Cartografias do Desejo, p. 50). É preciso começar a pensar em uma ética dos devires que ponha fim à moral do ressentimento. Estamos em uma luta constante para superar o niilismo e não cair nos buracos subjetivos que são verdadeiras máquinas de ressentimento. Um devir nunca se conclui ou se concretiza, ele é um processo de agenciamento do desejo, um modo de vida que se conduz pelas intensidades.

homem que fecha os fluxos de experimentação. Nasce um corpo nômade aberto à variação, que se recusa a ficar no mesmo lugar e buscar uma forma definida.

Não se pretende criar uma máquina de dualismos, mas, sim, a produção de mulheres-mães moleculares, novas e desconhecidas. Conquistar corpos novos, outras narrativas, sendo que precisa da partida do devir-mulher (Trindade, 2016).

Admirava a liberdade que tinham para a expressão da sensibilidade, achava que era como uma permissão para ter a alma à solta, autorizada a manifestar-se pela beleza ou pelo espanto de cada coisa. Estava autorizada à sensibilidade que fazia da vida uma travessia mais intensa. As mulheres, pensava ele, eram mais intensas (Valter Hugo Mãe, 2016, p.1).

Dos recortes trazidos nas escrevinhações dessa obra, é possível perceber o quanto essas mulheres transitam e trazem as repetições, do que as suas ancestrais vivenciaram. Por outros caminhos, é notório como outras tentam se fazer em corpos e narrativas novas. A rede social contribui para a repetição, a diferenciação, é um espaço de vigilância e controle mais rápido - no sentido de velocidade de conexões e engajamentos - para o devir-mulher. Sendo possível conversar com essa postagem a respeito disso:

Imagem 22 - Colheitas?



Thais Basile
@thaisbasile

Talvez sejamos a primeira geração de mulheres a poder falar abertamente umas com as outras sobre a tripla jornada, a sobrecarga em comparação aos homens, as ciladas que caímos. Pode não ser para agora, mas estamos plantando para as próximas gerações colherem ♥

22:37 · 04 abr. 24 ·

Fonte: Página da @thaisbasile.

Desse modo, essas mulheres que vivem e estão escrevendo outras histórias, sendo loucas, revolucionárias, amantes, desbocadas, marginais ou devotas, passam a desenhar um devir como potência, como realidade, como acontecimento. Usam seus lugares como potência inventiva – a potência de um pensamento nômade, aberto às conexões e que se desvia dos processos de subjetivação manipulantes e distantes de regras e condutas do patriarcado.

Meu companheiro conta que a avó tinha que colocar a comida no prato do avó todo dia, ela o fazia, mas fazia reclamando e xingando toda vez. "Aaaa que velho chato não pode colocar nem o próprio prato" ele conta. Acho que ali ela plantou uma sementinha. As vezes reclamar já eh uma revoluçãozinha (@contaprivada, 2024, comentário na postagem de @thaisbasile).

E quando somos mulheres negras isso aumenta exponencialmente, o rótulo de mulher negra zangada é pesado demais enquanto mulheres brancas são "temperamento forte" ou "assertivas" (@contaprivada, 2024, comentário na postagem de @thaisbasile).

Durante a produção dessa escrita, fui sentindo no corpo o quanto essas mulheres fazem um sistema vazar. Muitas delas não se deixam controlar pelo patriarcado, pela tradição que tenta homogeneizar as singularidades. Nos desvios, as mulheres que fizeram histórias e as de hoje são capazes de subverter o poder patriarcal que controla, normaliza e coage; nos desvios da norma, o devir-mulher se alastra e se torna um poder desterritorializado. Ele tem produzido valores e representações capazes de dar a perceber diferentes formas de vida, diferentes interpretações, outros códigos de conduta e referências simbólicas. Afinal, não tenho dúvidas de que as mulheres, ao se encontrarem com o poder, inventam novas possibilidades de vida, o que pude encontrar nas páginas das mulheres que iniciei as visitas e nas demais que fui tecendo e me imbricando.

Deleuze e Guattari (2012) fazem referência a Virginia Woolf para falar da necessidade de uma escrita que produza um devir-mulher.

Quando se interroga Virginia Woolf sobre uma escrita propriamente feminina, ela se espanta com a ideia de escrever ‘enquanto mulher’. É preciso antes que a escrita produza um devir-mulher, como átomos de feminilidade capazes de percorrer e de impregnar todo um campo social, e de contaminar os homens, de tomá-los num devir. (...) a ascensão das mulheres na escrita romanesca inglesa não poupará homem algum (Deleuze, Guattari, 2012, p. 72).

As mulheres no Brasil também fizeram sua história, e trazem escritas sobre si como metodologias científicas. Deleuze e Guattari (2012) dizem que “escrever é um devir, escrever é atravessado por estranhos devires que não são devires-escritor, mas devires ratos, devires insetos, devires lobo etc.” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 21). As mulheres citadas no percurso do trabalho escrevem, gravam vídeos, geram conteúdos e além desses outros modos de existir, implica-se num devir mulher pela escrita, pelas entrevistas nas redes sociais e pelos diálogos e conexões, fazendo deslocamentos e mudanças.

Sendo assim, não pretendo me despedir por aqui, de um modo que é “legitimado” pelas normas acadêmicas, nesse processo do devir mulher. Encaminho mais dois capítulos onde

escrevo uma carta para as mulheres que encontrei pelo caminho e para a Camila que deixei no mês de julho de 2023.

7 ÀS MULHERES-MÃES DO INSTAGRAM

Manifesto-me nesta carta, com o corpo que sente os efeitos dos discursos e narrativas apresentadas por vocês, companheiras - com o sentido de coletivo. Conheci vocês na virtualidade, nas multiplicidades, em situações diversas e específicas. Na fúria e na violência do fazer e querer ir mais além do que me ensinaram e me domesticaram, fui atravessada pelas resistências das suas existências. Escrevo agora com um rio saindo dos meus olhos, lembrando de mais uma mulher que me sacode por meio das suas histórias e narrativas Eliane Brum⁵⁴. Transitar entre imagens, vídeos, postagens publicadas nos seus endereços sociais é viver o Banzeiro⁵⁵. Minha pele descama, por dentro. As águas que carrego balançam bruscamente. Na cabeça, ouço gritos e não precisa de definição, “o banzeiro é aquele que é e só é onde é”.

Querida Elisama, as imagens, palavras, linguagens e movimentos iniciados na sua página chegam até mim de um modo que me faz buscar e fazer um feminismo pós-identitário. Desejo compor um novo território existencial e componho. Trago um desses encontros, num dia de terça, que estava nos deveres solitários, cuidando das crias, nas escritas científicas e para conter, estancar as espontaneidades do caos, faço voos em gritos. Ao abrir o aplicativo do *Instagram*, um vídeo e uma legenda.

*Acreditar que “basta querer” para educar de maneira não violenta, ou para ter uma vida melhor, ou pra ser feliz, é uma cilada perigosa. Não dá pra responsabilizar unicamente o indivíduo quando o contexto e o que o cerca interferem diretamente na realização dos seus propósitos. Veja bem, eu não estou dizendo que o querer não é importante. Na realidade, ele é o primeiro passo, o que nos faz mirar em um objetivo, o que direciona. E é a partir dele que podemos nomear as dificuldades e procurar apoio para o que falta. “Eu não dou conta” fala mais sobre rede de apoio que sobre a incompetência de uma pessoa. Não dá pra julgar a realidade do outro achando que todos têm a mesma oportunidade. Não estamos falando de ponto de chegada, mas de pontos de partida.*⁵⁶

⁵⁴ Jornalista, escritora, documentarista, potência viva.

⁵⁵ BRUM, Eliane. **Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia centro do mundo**. Companhia das Letras, 2021.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/elisamasantosc/> pesquisa em 20 de junho de 2023.

Quero afirmar que vejo seus cuidados conosco, lembrando de todo o recorte que nos difere e nos coletiviza, agradecida por esses afetos. Suas linhas de fugas me mostraram outras mulheres e, falando nelas, venho agora me direcionar a Sarah Carolina - @maternagempreta.

Sarah, é um transbordar lhe acompanhar. Fico de cá imaginando quantas mulheres ainda não lhe conhecem e quantas outras já são convidadas a se mover nas dobras, no escavar das brechas e lutar, não permitir que as capturas de um sistema violento lhe tire mais do que já foi. Seu podcast, sua página e todas as movências. Os chamados para até uma mulher na posição que estou, desperte para as diferenças e as multiplicações possíveis nesse virtual.

Como não admirar a imensa coragem dessas mulheres que proferem discursos da verdade que lhes são próprios, e que lhes custaram tão caro, não só correndo o risco da perda da própria vida mas também as dos seus filhos? (Rago, 2013).

Presenteio-lhe com essa citação de Margareth Rago, admiração e desejo, e trago aqui o que é para mim desejo. Sigo nas linhas de Marlucy Paraíso⁵⁷. O desejo, que é fábrica, potência, alegria, é fundamental para aprender, para pensar, criar, construir, enfrentar os poderes, as dificuldades da vida, movimentar, deixar passar algo, produzir alegrias, viver. Com esse movimento de me juntar e propagar, desejo que nesses fazeres desafiadores do maternar, possamos conjugar o letramento racial dentro de casa com as crias. Assim, revolucionamos.

Costurando essas expressões, quero dedicar essas palavras a Cila Santos, em sua @militanciamaterna. Cheguei até você por meio de Sarah, mas tenho certeza de que muitas outras nos trouxeram até aqui. Destacarei uma postagem sua, que em um dos movimentos do pensar, do alto da montanha, enquanto todos dormiam, me deparei com suas escritas de coragem.

Nenhuma mulher sabe que não tem como se proteger sozinha, com 100% de segurança, de uma gravidez e que o risco de engravidar está sempre presente. Que ao engravidar, parir vai ser uma incógnita e um desafio e o seu destino mais certo é uma cesárea desnecessária ou um parto natural cheio de violência obstétrica. Ela não tem noção de como passará a ser tutelada e tratada de maneira diferente, das pressões que vai sofrer da indústria da maternidade nem como será vigiada de perto para garantir que está criando seus filhos dentro da cartilha do patriarcado.

Ela não tem ideia do tamanho da solidão, do desamparo e o abismo de desilusão que pode ser o puerpério, nem que ela sentirá por muito tempo vergonha ou descontentamento com seu novo corpo. Ela não sabe que não será mais bem aceita no mercado de trabalho e que seu filho sempre será visto como um problema. Que tudo ficará mais difícil: estudar, trabalhar, sair.

⁵⁷ PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 02, p. 277-293, 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-31432009000200017&script=sci_abstract pesquisa em 29 de junho de 2023.

E ela vai sentir-se constantemente exausta e frustrada. E que ela sempre vai estar dependendo de alguém para ajudá-la a dar conta de tudo.

Uma mulher que não tem filhos não sabe que, caso ela tenha um relacionamento, ele vai se transformar para sempre. Nem sempre de uma forma boa. Que talvez o relacionamento acabe. Talvez ela nunca mais queira se relacionar de novo, porque ela vai priorizar a criança, porque vai ser rejeitada por ter filhos. Essa mulher não sabe que vai sempre ter sentimentos conflitantes dentro de si, que vai do medo, a culpa passando pela mais profunda ternura em instantes.

Ela não sabe que não haverá ninguém por ela e por seus filhos. Que a sociedade odeia mulheres e crianças. Essa mulher não sabe que depois que parir, ela cumpriu a função esperada e que o patriarcado vai pôr o pé no seu pescoço até você não conseguir respirar. Até você descobrir o que é ser mãe nessa sociedade. Nenhuma mulher sabe disso. Ela não é avisada. O que ela faria se soubesse?⁵⁸

Ao ler, parei e respirei me perguntando sobre quantas histórias você conta nessa narrativa. Na sua página, é possível encontrar pluralidades, é possível transmutar ao perceber as formas pelas quais você manifesta as diversas situações de experiência materna, numa ação performática que, ao mesmo tempo em que se apropria, negocia e resiste aos valores dominantes, construindo também sua persona online e engajando outras mulheres a fazerem isso, como, por exemplo, o texto da informação sobre a LAI.

Mulheres,

Convidamos vocês a lerem e divulgarem essa cartilha de utilização da Lei do Acesso à Informação. É importante sair das redes sociais e utilizar esse canal institucional para questionar todo e qualquer órgão público a respeito de decisões que impactam os direitos de mulheres e crianças. Toda instituição pública tem a obrigação de responder aos questionamentos de suas cidadãs e cidadãos, dentro dos prazos definidos por Lei. Essa é uma forma importante de registrar nossa insatisfação, receber explicações do governo (o que nos possibilita pensar de forma mais estratégica sobre nossos próximos passos) e criar registro histórico das demandas do nosso movimento. Deixamos aqui alguns exemplos de questionamentos possíveis, diante de temas recentes:

- 1. Questionar o Governo Federal sobre os encaminhamentos dados à carta da ONU sobre necessidade de revogação da Lei da Alienação Parental;*
- 2. Questionar o Ministério das Mulheres sobre a definição de mulher com a qual está trabalhando, se inclui pessoas do sexo masculino e, caso afirmativo, com que base legal;*
- 3. Questionar o Ministério dos Direitos Humanos sobre a divulgação de consultoria para treinamento para utilização de linguagem neutra;*
- 4. Questionar Universidades Públicas que permitem uso de seus banheiros com base na auto declaração de gênero sobre as bases legais da decisão e sobre a realização ou não de estudos de impacto sobre as mulheres.*

⁵⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuEz5wrBvxN/> pesquisa em 30 de junho de 2023.

Quando acredito e afirmo que o Instagram é espaço de pedagogização, é nesse sentido, o alertar. Seguindo no movimento de coletividade, mas no sentido de ir construindo outras formas de existir, o criar acontecimentos, não institucionalizar um modo de fazer feminismo, porém, permitir as suas multiplicidades.

A Thais Basile, suas imagens foram chegando, seus textos e reflexões impactaram outras mulheres da minha roda de pesquisa, as minhas manas. Débora me dava bom dia com mensagens suas também. Isso foi tão potente, chegava como um convite para retornar para aqui e continuar escrevendo.

Imagem 23 – Coletivo.



Thais Basile
@thaisbasile

Quando mulheres se protegem de injustiças ou situações manipulatórias, em geral sentem que estão sendo "agressivas demais", "rebeldes demais", "egoístas demais".
A socialização da mulher é para aguentar todo tipo de abuso e sentir que isto é o normal.

12:28 · 05 abr. 24 ·

Fonte: Página da @thaisbasile.

Com essa postagem, retorno ao devir, me faço em bando para que possamos criar outros modos de existir. Por isso, pesquisamos, escrevemos, nos juntamos para que não nos matem e nem nos calem, mesmo justificando no nome de um deus formado pelo homem.

Despeço-me de vocês, com carinho e desejos de festejar. Não apenas narramos nossas vidas sob a forma de relato, mas, em um sentido importante, nossas relações são vividas também em uma forma narrativa. Relações são vividas também em uma forma narrativa.

Abraços...

Terras Ajuzinas, 7 de março de 2024.

8 UMA CARTA PARA AQUELAS QUE FUI

Olá! Já lhe escrevi noutra momento e como foi importante e repleto de significâncias aquela comunicação. Hoje, sete de março de dois mil e vinte quatro, um dia repleto de sentidos para mim. Registro estas palavras ainda com os gritos e os choros de uma criança que não consegui amparar em seus momentos de necessidades emocionais, o gosto amargo na boca da culpa e, ao mesmo tempo, os braços mais leves por ter conseguido dormir e depois retornar à escrita, ela tem prazo e modelos a serem seguidos ou não. Sigo indo e vindo admirando e duvidando dos caminhos que você tem percorrido.

Desse modo, com o coração cheio de inquietudes, dúvidas e gagueiras emocionais, faltam-me vocábulos para expressar o que pulsa ao lhe ver nas movências de agora. Ora, é como se tudo o que prezo em suas construções, desconstruções, diferenças e acontecimentos fizesse sentido para o que se é exigido num mundo bestializado⁵⁹. Em frações de segundos, é como se todo esse costurar da vida e existência de um corpo que vive e experimenta o campo acadêmico não é merecedor desse lugar: “Você aqui? Como pode?”.

Voltam os pensamentos os quais me invadem numa velocidade estupenda. Falar nesta, lembro que sua média tem correlação com o tempo e o espaço percorrido. Putz! O quanto percorri até lhe conhecer, como também, o que fiz questão de não percorrer e pisar? Da Psicologia à Educação, corrigindo, antes de tudo, foi o chão da escola, no quintal de casa, entre as bonecas, bonecos e paredes que me vi deseducando. Você já estava ali, naquela menina, as nossas guianças já anunciavam o fogo do existir. Naquele quintal, maior que o mundo⁶⁰, no espaço de possibilidades infindas, onde se podia contar com o dedo, escrever sem ter que perfurar o papel de tanta pressão para não rasurar. O brincar que não podia terminar, de fazer xixi na roupa para não “perder tempo”.

Assim, deparamo-nos com o tempo, mais uma vez, na ideia fechada e acabada. Entretanto, esse fio que nos une e desconecta é maior do que o *krónos*, é proprioceptiva essa relação. Nas infâncias invadidas pelo mundo adulto, na maioria das vezes, tentando nos encaixotar, a começar pelo existir dos nossos corpos, alimentamos as nossas raízes com uma seiva que fez germinar ervas daninhas ao redor. A potência do fogo estava em nós, queimar e colocar fogo em tudo já era uma das estratégias de revolução.

Distanciamo-nos das potencialidades e, de algum modo, nos “docilizamos”. Nesta carta, quero me despedir por aqui, não pela gagueira e, sim, para que registre isso: Os fantasmas

⁵⁹ "A felicidade bestializa, só o sofrimento humaniza as pessoas". (Mário Quintana)

⁶⁰ O meu quintal é maior que o mundo (Manoel de Barros, 2015).

estarão a rondar, porém, somos coletivo e nada do que assustou e aprisionou nos matará dessa vez. INSURGIMOS!

Tá na hora de reagir
Entender que somos gigantes
Ocupar o nosso lugar
Acolher nossas almas⁶¹

Eu lhe percebo, eu estou e você está.
Aracaju, 7 de março de 2024.
(Beijando a madrugada).

⁶¹ Flaira Ferro, música Germinar. Disponível em: <[Germinar \(part. Isaar, Sofia Freire, Ylana Queiroga, Paula Bujes, Laís de Assis e Aishá\) - Flaira Ferro - LETRAS.MUS.BR](#)> Pesquisa em: 25 de junho de 2023.

DO QUE NÃO SE ENCERRA À PRÓXIMA LINHA - REGISTROS BIBLIOGRÁFICOS

ADORNO, T.-W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANAVITÓRIA. **Amarelo Azul e Branco**. Rio de Janeiro: Rocinante, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GtvS897PiyQ> . Acesso em 20 jun. 2023.

AMORIM MARCELLO, Fabiana. **O dispositivo da maternidade na mídia**. Produções científicas do GT 16 Educação e Comunicação da ANPEd entre 2011 e 2017: contribuições da análise bibliométrica para a qualificação da área. Sér.-Estud., Campo Grande , v. 24, n. 51, p. 31-51, maio de 2019. Disponível em <http://www.twiki.faced.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2002/o_dispositivo_da_maternidade.pdf>. acessos em 30 jun. 2023. Epub 24-Out-2019.

ARALDI, Clademir. (2016). **Nietzsche, o cínico e o espírito livre. Um ensaio de crítica imanente**. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/estudosnietzsche/article/view/21638>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

ARFUCH, Leonor et al. **El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea**. 2002.

AZEREDO, Vania. (2009). <i>Nietzsche e a aurora de uma nova ética</i>. São Paulo: Humanitas & Fapesp, 2008, 327p. *Veritas (Porto Alegre)*, 54(2). <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2009.2.6828>

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BANET-WEISER, Sarah. **Empowered: popular feminism and popular misogyny**. Durham, Duke University Press, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. A mulher independente. _____ **O segundo sexo. A experiência vivida**, v. 2, p. 449-500, 2019.

BINOCHE, Bertrand. **Do Valor Da História À História Dos Valores**. Cad. Nietzsche, São Paulo, V. 1, N. 34, P. 35-62, Jun. 2014. Disponível Em: <[Http://Www.Scielo.Br/SciELO.Php?Script=Sci_Arttext&Pid=S2316-82422014000100003&Lng=Es&Nrm=Iso](http://Www.Scielo.Br/SciELO.Php?Script=Sci_Arttext&Pid=S2316-82422014000100003&Lng=Es&Nrm=Iso)>. ISSN 2316-8242. <http://Dx.Doi.Org/10.1590/S2316-82422014000100003>.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, Rosamaria. Feminismos e Maternidades: (des)encontros e (re)significados; Subjetividades Maternas e Feministas em Questão. **Anais XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011.

CARVALHO, Janine Pestana; SCHIAVON, Amanda de Almeida; SACCO, Airi Macias. **A romantização da maternidade: uma forma de opressão de gênero**. In: SENACORPUS - Seminário Corpus Possíveis no Brasil Profundo. [Livro Eletrônico]. Campina Grande: Realize Editora, 2018.

_____. **O Poder da Comunicação**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

_____. (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**; Conferência. Belém (Por) : Imprensa Nacional, 2005.

_____. **A sociedade em rede: do conhecimento à política**. Brasília, DF: Imprensa nacional, 2013.

CHACEL, Marcela. **Cativeiro Da Maternidade, Dispositivo E Pedagogia Da Mulher-Mãe: Reflexões Iniciais**. Revista Mosaico - Revista de História, Goiânia, Brasil, v. 16, n. 4, p. 173–189, 2023. DOI: 10.18224/mos.v16i4.13537. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/13537>. Acesso em: 9 abr. 2024.

COSTA, Rogério da. **Sociedade do Controle**. São Paulo, E.; Perspectiva. v. 18, n. 1, p. 161–167, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/ZrkVhBTNkzkJr9jVw6TygVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de março de 2024.

COSTA, Victor. **As Querelas de Nietzsche sobre a Vontade de Poder**, 2023. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/as-querelas-de-nietzsche-sobre-a-vontade-de-poder/> Acesso em 13 de fev.2024.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

D'ANGELO, Pedro. **Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram**. 3 de fevereiro de 2023. Disponível em: < <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>>. Acesso em 20 de maio de 2023.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o Barroco**. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

_____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Foucault**. Paris: Minuit, 1986.

_____. **Bergsonismo**. Trad. de Luiz B. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____; GUATTARI, Felix. 2012. **Mil Platôs**. v.4. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras.

_____. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: ___. **Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 219-226.

_____. **Diferença e repetição**. Ed. 2. São Paulo: Graal, 2006.

_____. **A Dobra - Leibniz e O Barroco**. Ed.6. São Paulo: Papirus, 2020.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2009.

DOMINGUES, Izabela; MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de Ativismo: moda, discurso e mercadorias**. In: COMUNICON 2018 - Congresso Internacional de Comunicação e Consumo, 6, 2018. São Paulo. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/rumosdapublicidade/trabalhos/consumo-de-ativismo-moda-discurso-mercadorias/#> DOMINGUES_MIRANDA.pdf. Acesso em: 25 de maio de 2023.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, tese de doutorado, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e pesquisa, v. 28, n. 1, jul./dez., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/88GzhvjNGG9pLt6NQchCf3j/> . Acesso em: 25 de março de 2024.

FORTUNATO, L.; GALENO, A.; FRANÇA, F. **Produção De Subjetividade No Capitalismo Contemporâneo**. Revista Cronos, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 67–81, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/26467>. Acesso em: 9 abr. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Foren-se Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. (2000). **A arqueologia do saber** .Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. Original de 1969.

FOUCAULT, Michel. **Os intelectuais e o poder – conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze**. In: _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 69-78.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

FRANCO FERRAZ, Maria Cristina. (2016). “**Memória e esquecimento no final do século XIX: Bergson e Nietzsche**”. In: C. Negreiros; F. Oliveira & R. Gens (orgs.), Belle époque: crítica, arte e cultura. Rio de Janeiro: Intermeios. p. 17-34.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Ser mãe é uma ciência: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920**. História, Ciências, Saúde: Manguinhos, v. 15, supl., jun., 2008.

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche & Para além de Bem e Mal**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. São Paulo: Cortez, 2014.
- _____. **Movimentos sociais no início do século XXI: Antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. **Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação Brasileira**. Curitiba: Ibpx, 2005.
- GUATTARI, Félix. **Da Produção de Subjetividade**. In: PARENTE, A. (Org.) *Imagem máquina. A Era das Tecnologias do Virtual*. Trad. Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: 34, 1999.
- GUAY, Robert. O que é uma crítica da moral? **Leituras estadunidenses de Nietzsche Cad. Nietzsche** 43 (2) • May-Aug 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-82422022v4302rg>. Acesso em: 14 de fev. 2024.
- HINE, Christine. **A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana**. Cadernos de Campo, (São Paulo, online), v. 29, n.2. p.1-42, dezembro, 2020. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370>. Acesso em: 20 de abril de 2023.
- LAGARDE, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. México: UNAM, 2005.
- LARGUIA, Isabel. **Para uma ciência da libertação da mulher**. São Paulo: Global Editora, 1982.
- LAUXEN, Jéssica; QUADRADO, Raquel Pereira. Maternidade sem romantismos: alguns olhares sobre as maternidades e os sujeitos-mãe na contemporaneidade. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 4, 2018. DOI: 10.23899/relacult.v4i0.775. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/775>. Acesso em: 21 de março 2023.
- LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LEMO, A. 2005. **Cibercultura e Mobilidade**. A Era da Conexão. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://corta.link/msexC>. Acesso em 20 de junho de 2023.
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo, Ed. 34, 2011. 157p.
- LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MÃE, Valter Hugo. **Homens imprudentemente poéticos**. Porto: Porto Editora, 2016. 216 p.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. 1999. Graal.

MARX, Djenifer Samantha. **“Todas nós podemos ser feministas”: conhecendo e praticando o feminismo em plataformas digitais**. E Subjetividades, P. 39, 2022.

MENDONÇA, Maria Collier de. O Feminismo Matricêntrico e o Ativismo Feminista No Motherhood Initiative For Research And Community Involvement (MIRCI) Liderado Por Andrea O'Reilly. In: PEDRO, Joana; ZAN-DONÁ, Jair. (orgs). Jornadas do LEGH: **feminismo e democracia**. Anais da III Jornadas do LEGH [recurso eletrônico]. Florianópolis: LEGH/UFSC, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188285>. Acesso em: 19 de março de 2023.

MENDONÇA, Maria Collier; OLIVEIRA-CRUZ, Milena. **Maternidade nas mídias** [recurso eletrônico] Maria, RS: FACOS-UFSM, 2020. 1 e-book: il. Disponível em: Maternidade nas Mídias.pdf (ufsm.br). Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

_____. **O feminismo matricêntrico e o ativismo feminista liderado por Andrea O'Reilly**. In: Jornadas do LEGH: feminismo e democracia, 3, 2018, Florianópolis. Anais [...]. PEDRO, Joana; ZANDONÁ, Jair. (org.). Florianópolis: LEGH/UFSC, 2018.

_____. **A maternidade na publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto**. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

MIGLIANO, Milene. **Entre a praça e a internet**: outros imaginários políticos possíveis na Praça da Estação. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2020.

MORAES, Marcos Vinicius Malheiros. 2018. "Genealogia - Michel Foucault". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/genealogia-michel-foucault>> - 28 de janeiro de 2024.

NAHAS, Ana Lydia Costa. LEITE, Kademi Gobi Galvão. DONERO, Susie. **O mito do instinto materno**: um olhar psicanalítico sobre a maternidade na contemporaneidade. Revista Conexão Eletrônica, v. 16, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistaconexao.aems.edu.br/categorias/edicoes-anteriores/2019/>. Acesso em: 20 de março de 2024.

NASSAR, Paulo; FARIAS, L. A. B. Memória, identidade e as empresas brasileiras: a difícil metamorfose. In: FILGUEIRA, João; PEIXINHO, Ana Teresa (Orgs.). **Narrativas Midiáticas e Comunicação**: Construção da Memória como Processo de Identidade Organizacional. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. p. 331-356.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Genealogia da Moral**. Tradução e Notas Inês Lohbauer. São Paulo: Martin Claret, 2017.

O'REILLY, Andrea. **"It saved my life": The National Association of Mothers' Centres, Matriocentric Pedagogy and Maternal Empowerment.** Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement, Bradford, v. 4, n. 1, p. 185-209, 2013.

_____. **Matricentric Feminism: Theory, Activism, and Practice.** Toronto: Demeter Press, 2016.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **A produção do currículo na televisão: que discurso é esse?** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 141-60, jan./jun. 2001.

PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. **A quarta onda do feminismo?** Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos. In: 42º Encontro Anual da ANPOCS GT8- Democracia e desigualdades, Caxambu, 2018. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt08-27/11177-a-quarta-onda-do-feminismo-reflexoes-sobre-movimentos-feministas-contemporaneos/fle>. Acesso em: 29 de junho de 2023.

PIRES, Elaine. **Maternidade ativa e o cuidado do mundo.** Tese (Doutorado em Educação). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29092020-180414/pt-br.php> > Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

POLIVANOV, Beatriz. **Dinâmicas Identitárias em Sites de Redes Sociais: Estudo com Participantes de Cenas de Música Eletrônica no Facebook.** Rio de Janeiro: Luminária, 2014.

RAGO, MARGARETH. **A Aventura de Contar-se: Feminismos, Escrita de si e Invenções da Subjetividade.** Editora da Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Carlos. Nietzsche. **A genealogia, a história: Foucault, a genealogia, os corpos.** Cadernos Nietzsche, v. 39, n. 2, p. 125–160, ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cniet/a/FcXxgD47TV8KT6cf4VmX3BJ/#> . Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão Veredas – “O diabo na rua, no meio do redemoinho...”** 22a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RUSSO, Renato. **Índios.** Londres: EMI, 1986. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/92/>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

SÁ MARTINO, Luís. M. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes.** 2ª e.d., 1ª reimp. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2015.

_____. **Entre o real e o virtual: como diferenciar um do outro.** 1 vídeo (4:18). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SoKSJm96EZk>. Acesso em 28 jun 2023.

SALES, Shirlei Rezende. **Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil.** Tese - (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. UFMG/FaE, 2010. Disponível em

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC8M4H42/orkut.com.escol_curr_culos_e_ciborguiza_o_juvenil.pdf?sequence=1 > Acesso em 15 maio 2023.

SCAVONE, Lucila. **A maternidade e o feminismo**: diálogo com as ciências sociais. Cadernos Pagu, v.16. p. 137-150, 2016.

SERRES, Michel. **Atlas**. Madri: Cátedra, 1994.

SIBILIA, Paula. **Em busca da aura perdida: espetacularizar a intimidade para ser alguém**. In: ANTOUN, Henrique (Org.). Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

SIQUEIRA, V. **O que é a Genealogia em Nietzsche?** Disponível em: <<https://colunastortas.com.br/o-que-e-a-genealogia-em-nietzsche/>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

STRASSACAPA, Ju. Campinas: Independente, 2016. Disponível: <https://www.letras.mus.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma/>. Acesso em 17 jun 2023.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. **Ser mãe é fd@: mulheres, (não)maternidade e mídias sociais**. Porto Alegre: Zouk, 2022.

SOUZA, A. L. F. (2018). **Maternidade, culpa e ruminação em tempos digitais**. Revista Ártemis, 28(1), 1-161. Disponível em: [Maternidade, culpa e ruminação em tempos digitais - ProQuest](#). Acesso em: 10 de março de 2024.

TRINDADE, Vinícius. (2016). **Razão Inadequada**. Razaoinadequada.com. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2016/04/20/etica-e-moral/> . Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

TOMAZ, Renata. **Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão**. Galáxia, junho, 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. (2007). **Aprendendo a filosofar**. São Paulo: Papirus.

WOOLF, Virgínia. **A letra incomum**. São Paulo: Arte e Letra, 2017.

ZAGO, Vanessa Koenigstein. Maternidade real: uma fórmula discursiva? Dissertação (Mestrado em Linguística aplicada e Estudos de Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 130p. 2021.

ZANELLO, V. (2014). **A saúde mental sob viés de gênero: uma releitura gendrada da epidemiologia, da semiologia e da interpretação diagnóstica**. In: Zanello, V.e Andrade, A.P. M. Saúde mental e gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade. Curitiba: Editora Appris.